

**Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”**  
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
Mestrado Acadêmico em Administração

**Celina Maria Frias Leal Martins**

**O Discurso e a Prática da Ação Social das Empresas:**  
uma análise do Pólo Petroquímico do Município de Duque de Caxias sob a ótica de  
Pierre Bourdieu

**Rio de Janeiro**  
**2012**

Celina Maria Frias Leal Martins

**O Discurso e a Prática da Ação Social das Empresas:**  
uma análise do Polo Petroquímico do Município de Duque de Caxias sob a ótica de  
Pierre Bourdieu

Dissertação apresentado à Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, como parte dos requisitos parciais para obtenção do grau de mestre em Administração.

Orientadora: Prof. Dr. Rejane Prevot Nascimento

**Rio de Janeiro**  
**2012**

## CATALOGAÇÃO NA FONTE/BIBLIOTECA - UNIGRANRIO

M379d     Martins, Celina Maria Frias Leal.  
O discurso e a prática da ação social das empresas: uma análise do Pólo Petroquímico do Município de Duque de Caxias sob a ótica de Pierre Bourdieu / Celina Maria Frias Leal Martins. – 2012.  
129 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Administração) – Universidade do Grande Rio Professor “José de Souza Herdy”, Escola de Ciências Sociais Aplicadas, 2011.  
“Orientador: Profª. Rejane Prevot Nascimento”.  
Bibliografia: 110-117

1. Administração. 2. Ação Social. 3. Capital - Simbólico 4. Poder – Simbólico. 5. REDUC. I. Nascimento, Rejane Prevot. II. Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”. III. Título.

CDD – 658

Celina Maria Frias Leal Martins

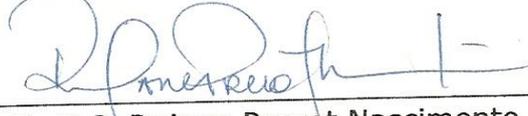
"O Discurso e a Prática da Ação Social das Empresas: uma análise do Pólo Petroquímico do Município de Duque de Caxias sob a Ótica de Pierre Bourdieu."

Dissertação apresentada à  
Universidade do Grande Rio  
"Prof. José de Souza Herdy",  
como parte dos requisitos  
parciais para obtenção do grau  
de Mestre em Administração.

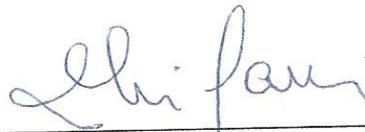
Área de Concentração:  
Gestão Organizacional.

Aprovado em 20 de Junho de 2011.

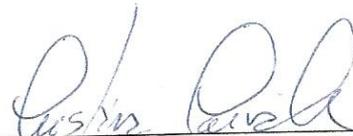
Banca Examinadora



Profª. Dra. Rejane Prevot Nascimento  
Universidade do Grande Rio



Prof. Dr. Carlos Roberto Sanchez Milani  
Universidade do Grande Rio



Profª. Dra. Cristina Amélia Pereira de Carvalho  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico esta dissertação à minha família, a minha orientadora, aos meus amigos e a todos que me deram apoio e confiaram na minha capacidade.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus e aos orixás por terem me amparado nos momentos difíceis e me guiado pelo melhor caminho.

À minha família principalmente à minha mãe, minha irmã e meu pai pelo apoio moral, pessoal, financeiro, pela paciência nos momentos de estresse e por me acompanhar na realização desta dissertação.

Aos meus amigos queridos que me auxiliaram nos momentos em que necessitei de entrevistas.

À minha orientadora Prof Dr Rejane Prevot por ter me acompanhado neste caminho complicado com sua sabedoria, seus ensinamentos, sua paciência e seus conselhos.

Aos responsáveis da UNIGRANRIO e da FAPERJ por terem acreditado no meu potencial e me dado a oportunidade de realizar meu mestrado com bolsa.

## RESUMO

O presente trabalho objetivou analisar os discursos e as práticas de ação social da Refinaria Duque de Caxias (REDUC – PETROBRAS) no Município de Duque de Caxias, a partir da perspectiva teórica de campo e de poder simbólico de Bourdieu (1989). Esse Município de Duque de Caxias é dividido em quatro distritos, os quais são denominados: Centro, Campos Elíseos, Imbariê e Xerém. Optou-se por realizar uma pesquisa mais aprofundada em Campos Elíseos, pois a REDUC está presente nesta região. Para atingir o objetivo proposto foi utilizado um referencial teórico baseado em Pierre Bourdieu e seus conceitos de campo, *habitus*, capital, espaço social e poder simbólico. Foi ainda utilizada no estudo uma base teórica sobre responsabilidade e ação social. Na construção do estudo de caso foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com diferentes atores do município, tais como moradores, representantes da REDUC, participantes ou parceiros na REDUC nos projetos de ação social desenvolvidos pela empresa, representante da Secretaria de desenvolvimento. No estudo de caso foi descrita a região de Campos Elíseos, detalhados os projetos desenvolvidos pela refinaria, o conhecimento dos moradores sobre os empregados dessa organização assim como seu papel social, a sua imagem e os impactos ambientais provocados por ela. Concluiu-se, a partir da apresentação e da análise dos dados, que a REDUC possui um símbolo de grande empresa na região de Duque de Caxias fazendo com que as pessoas relacionem suas ações a geração de emprego e renda. Além disso, essa empresa tem um discurso bem construído de que suas ações de responsabilidade social contribuem de forma efetiva para a população local, contudo quando verificado na prática, com os moradores do município, poucos são os que possuem algum conhecimento ou já participaram desses projetos, ou seja, na prática há pouca contribuição destes projetos para a comunidade local.

Palavras-chave: Capital Simbólico; Poder Simbólico; Violência Simbólica; Refinaria Duque de Caxias (REDUC); Ação Social; Município de Duque de Caxias.

## ABSTRACT

This study aimed to analyze the discourses and practices of social action of Duque de Caxias Refinery (REDUC - PETROBRAS) in the Municipality of Duque de Caxias, from the theoretical perspective and field of symbolic power in Bourdieu (1989). The city of Duque de Caxias is divided into four districts, respectively: Centre, Champs Elysees, Imbariê and Xerém. The researcher decided to conduct further research in the area of the Champs Elysees, because the REDUC is present in this region. To achieve our objective, the researcher used a theoretical framework based on Pierre Bourdieu and his concepts of field, *habitus*, capital, social space and symbolic power. It was also used to study a theoretical base for social action and responsibility. In constructing the case study it used semi-structured interviews with several actors in the municipality of Duque de Caxias, as residents of the municipality, representatives of REDUC, participants or partners in REDUC in social action projects developed by the company, among others. In the case study, it was described region of the Champs Elysees, the detailed designs developed by REDUC, the knowledge of residents about the employees of this organization as well as her social role, her image and the environmental impacts caused by this. It was concluded from the presentation and analysis of all data what the REDUC REDUC has a symbol of big business in the region of Duque de Caxias, causing people to relate her actions to generate jobs and income. Besides, the company has a well-constructed discourse that her social responsibility activities contribute effectively to the local population, though when seen in practice, with residents of the municipality, there are few who have some knowledge or have participated in these projects, in other words, in practice there is little contribution of these projects to the local community.

Keywords: Symbolic Capital, Symbolic Power, Symbolic Violence, Duque de Caxias Refinery (REDUC); Social Action; Municipality of Duque de Caxias.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Passos genéricos para a análise e interpretação dos dados.....	53
Figura 2: Evolução das reservas: 1858-2000.....	58
Figura 3: Mapa da Região onde a REDUC está situada.....	74
Figura 4: Campos Elíseos antes da construção da REDUC.....	78
Figura 5: Início da Construção da REDUC.....	78
Figura 6: Campos Elíseos durante a construção da REDUC.....	79
Figura 7: Vista área atual da REDUC.....	79

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: População do Estado e da Baixada nos anos 50 e 60.....	64
Tabela 2: Prefeitos do Município de Duque de Caxias.....	65
Tabela 3: População Residente de Duque de Caxias.....;	68
Tabela 4: PIB (Per Capita) de Duque de Caxias 1999-2008.....	68
Tabela 5: Número de pessoas ocupadas com carteira assinada.....	69
Tabela 6: Número de Matrícula Inicial e Concluintes no Ensino Fundamental.....	70
Tabela 7: Número de Matrícula Inicial e Concluintes no Ensino Médio.....	70
Tabela 9: Número de Ligações de Água Total e Residencial.....	71
Tabela 9: População de cada distrito em 2004 e a porcentagem da população de cada distrito em relação ao total.....	76
Tabela 10: População de cada distrito em 2010 e a porcentagem da população de cada distrito em relação ao total.....	77

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA .....	21
1.2 OBJETIVO GERAL .....	21
<b>1.2.1 Objetivos específicos</b> .....	22
1.3 DELIMITAÇÃO TEÓRICA E PRÁTICA DA PESQUISA .....	22
1.4 JUSTIFICATIVA .....	23
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	24
2.1 DA DEFINIÇÃO DOS “CAMPOS” EM BOURDIEU E DO HABITUS .....	24
2.2 CAMPO DE PODER.....	30
2.3 PROPRIEDADES DOS CAMPOS.....	34
2.4 O ESPAÇO SOCIAL E CLASSE SOCIAL .....	37
2.5 PODER, CAPITAL E VIOLÊNCIA SIMBÓLICOS .....	39
2.6 RESPONSABILIDADE SOCIAL CORPORATIVA - RSC .....	44
2.7 SUPORTE TEÓRICO PARA A ANÁLISE.....	48
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	50
3.1 DEFINIÇÃO DA PESQUISA.....	50
3.2 MÉTODOS DE COLETA DE DADOS .....	51
3.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....	53
3.4 RELATOS DO CAMPO DE PESQUISA.....	56
<b>4 ESTUDO DE CASO</b> .....	58
4.1 INDÚSTRIA DE PETRÓLEO NO BRASIL.....	58
4.2 O MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS.....	62
4.3 DADOS ATUAIS DO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS.....	69
4.4 HISTÓRICO DA REFINARIA DUQUE DE CAXIAS (REDUC) .....	73
4.5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS .....	77
<b>4.5.1 Descrição de Campos Elíseos</b> .....	78
<b>4.5.2 Projetos da REDUC-PETROBRAS e a percepção dos moradores sobre este projetos</b> .....	85
<b>4.5.3 Conhecimento sobre os empregados da REDUC</b> .....	95
<b>4.5.4 Percepção sobre o papel social da REDUC</b> .....	96
<b>4.5.5 Percepção sobre a imagem da REDUC</b> .....	99
<b>4.5.6 Percepção sobre os impactos ambientais</b> .....	101

4.6 ANÁLISE DOS DADOS.....	103
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>109</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>112</b>
<b>7 CRONOGRAMA .....</b>	<b>120</b>
<b>8 ANEXO.....</b>	<b>121</b>
8.1 ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O REPRESENTANTE DA REDUC- PETROBRAS.....	121
8.2 ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA RESPONSÁVEL DO PROJETO CIDADE DA SOLDA.....	123
8.3 ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS RESPONSÁVEIS DA SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO .....	125
8.4 ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA MORADORES QUE NÃO PARTICIPAM DE PROJETOS DA REDUC .....	127
8.5 ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS MORADORES QUE PARTICIPAM DOS PROJETOS DA REDUC .....	128
8.6 ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA RESPONSÁVEL DO POSTO DE SAÚDE DE CAMPOS ELISEOS .....	129
8.7 ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA RESPONSÁVEL DE RESPONSABILIDADE SOCIAL DA REDUC .....	130

## 1 INTRODUÇÃO

Os primeiros registros de procura de petróleo no país ocorreram em 1858 com a pesquisa de carvão e folhetos betuminosos em Ilhéus (Bahia) por meio de concessões dadas pelo imperador. Somente em 1864 começaram a examinar o petróleo na mesma região. Entre 1872 e 1874 diversas concessões para pesquisa e exploração foram registradas no interior de São Paulo e na Bacia do Paraná. Contudo, o primeiro poço de petróleo foi perfurado por um fazendeiro em Bofete (São Paulo) entre 1882 e 1897. Em 1907 foi criado um órgão especializado em perfuração de poços profissionais, denominado Serviço Geológico e Mineralógico Brasileiro (SGMB) e um departamento nacional, Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM) (LUCCHESI, 1998). Para organizar, estabelecer uma infraestrutura e proporcionar recursos para o setor foi instalado, em 1953, o Conselho Nacional de Petróleo, melhorando a atividade de exploração no Brasil (LUCCHESI, 1998).

Sendo assim, a evolução da exploração desse recurso foi sustentada devido ao crescimento da demanda por petróleo e seus derivados, dos recursos financeiros e dos marcos regulatórios disponíveis, do aumento de conhecimento para a exploração e o refino e dos choques internacionais. Com o aumento do consumo do petróleo e seus derivados, a dependência externa por barris, uma longa campanha popular para obter o monopólio da exploração, refino, produção, transporte e comercialização deste recurso e a tendência do governo da época a criar e manter estatais na área da siderurgia, metalúrgica e petróleo fez com que em 1954 fosse instalada a Petrobras, já criada por meio de uma lei em 1953 (LUCCHESI, 1998).

No período de 1954 a 1997 diversos esforços foram feitos em prol do desenvolvimento da exploração de Petróleo no país. Estes esforços se traduziram pela presença de estrangeiros para implantar estruturas organizacionais centralizadoras conforme o modelo norte-americano e a abertura de cursos para a formação de geólogos por universidades brasileiras, entre outros. Neste período puderam ser percebidos os diversos impactos que a exploração desse recurso proporcionou ao país, tais como: a descoberta de novos poços terrestres, visto que os da Amazônia não evoluíram; um avanço significativo para o mar e depois águas profundas, que são fatores fundamentais para atingir a autosuficiência (2006); a exploração da Bacia de Campos e a utilização de tecnologia sofisticada. Este

período também foi marcado pelo estabelecimento da dependência externa do petróleo e seus derivados pelo país por um período extenso, que chegou mesmo a suspensão temporária de algumas atividades por causa dos dois choques do petróleo. Contudo, ao final desse período, percebeu-se um aumento significativo no processo de produção de barris e nas reservas do Brasil (LUCCHESI, 1998).

O período de 1997 a 2000 foi marcado por uma transição, pois a PETROBRAS teve de atender a Lei 9478/97, no qual se exigia a conclusão de projetos exploratórios que estavam em andamento e estabelecia o prazo de três anos para a produção comercial dos poços recém descobertos. Com a diminuição da área de atividade da empresa foi necessário abrir diversos processos licitatórios para a entrada de novas empresas e a parceria com outras empresas para a abertura do setor promovidos pela Agência Nacional do Petróleo (ANP), criada por essa lei (LUCCHESI, 1998).

Em 2010 o desenvolvimento desse setor pode ser verificado considerando-se os dados contidos no anuário da Agência Nacional de Petróleo, Gás e Bicomcombustíveis (ANP), o qual descreve que, no ano de 2008, a produção diária de petróleo no Brasil foi de 663 milhões de barris, sofrendo uma evolução de 4% em relação aos dados de 2007. Com base nesses resultados, o Brasil situa-se como o 15º maior produtor mundial de petróleo (ANP, 2009).

Com a produção de gás natural esse movimento não é diferente. No Brasil, em 2008 a produção de gás atingiu o patamar de 21,6 bilhões de m<sup>3</sup>, apresentando, no período de 1999 a 2008, um crescimento de 6,9%. O país ocupa o 32º lugar no *ranking* mundial de produção deste produto (ANP, 2009).

No município de Duque de Caxias esse setor foi implantado com a construção da REDUC (Refinaria de Duque de Caxias), em 1961, a mais completa refinaria da Petrobras, sendo responsável por uma produção de cerca de 242 barris/dia (REDUC, 2009). Com a evolução da indústria local, nos dias atuais, essa região é caracterizada por possuir uma gama de micro e pequenas empresas e instituições de apoio voltadas para o atendimento dessa produção. Esta região possui, desde 2003, um Complexo Gás-Químico que demandou um investimento de aproximadamente US\$ 1 bilhão, financiado por diferentes agentes e instituições (CTGÁS, 2005; PERTUSIER, 2002).

Apesar do desenvolvimento desse setor no referido município, a Cidade do Duque de Caxias é um reflexo do paradoxo brasileiro, apresentando-se entre as dez

maiores economias municipais do país, ocupando, porém, a 1.782ª posição no ranking de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), representando assim um cenário "em que grandes empresas são vizinhas de uma população com baixa escolaridade e cuja juventude tem poucas perspectivas de romper o ciclo da miséria" (VIEIRA, 2007, p. 2).

Desta forma, pode-se observar que as organizações são grupos de pessoas trabalhando em prol de determinado objetivo e embora sejam fundamentais na sociedade, produzindo, oferecendo, vendendo e transformando diferentes fatores e meios de sobrevivência para os indivíduos, também provocam impactos que não são necessariamente benignos na realização de suas operações (HALL, 2004).

Essas organizações e, conseqüentemente, esses impactos começaram a ser desenvolvidos a partir da reestruturação econômica nos Estados Unidos, em 1929. Aspecto que levou a uma conversão da sociedade baseada em artesãos e proprietários em uma sociedade de empresas, desenvolvidas com base na tecnologia. Aqueles indivíduos que possuíam determinadas propriedades foram submetidos a trabalhar para uma organização por um salário, não tendo como possuir uma vida independente. Esse processo foi formado por uma nova ideologia que gerou certo conformismo, passividade, docilidade por parte dos indivíduos (GAULEJAC, 2007).

No decorrer dos anos, esse processo evoluiu para outros países inclusive no Brasil, criando assim uma gama de pessoas (gestores, profissionais liberais e técnicos) dedicadas que orbitam e dependem de organizações. A sociedade que atualmente se vislumbra não é capitalista, muito menos socialista, mas uma sociedade dos gerentes (da gestão), que se utilizam deles ou de dirigentes para impor seus valores, suas propriedades, seus ideais e seu poder caracterizando uma dependência econômica, psíquica e social dos indivíduos (PAGÉS et al, 1978; GAULEJAC, 2007). "A sociedade gerencial nada mais é do que um sistema que tem, no centro, o universo econômico, social e cultural ditado pela empresa" (GAULEJAC, 2007, p. 11). Desta forma, a gestão é um sistema de poder. Este poder gerencialista:

[...] põe em ação um conjunto de técnicas que captam os desejos e as angustias para pô-los a serviço da empresa. Ele transforma a energia libidinal em força de trabalho. Ele encerra os indivíduos em sistema paradoxal que os leva a uma submissão livremente consentida (GAULEJAC, 2007, p. 38).

Carvalho e Vieira (2007) propõem o estudo das organizações devido ao seu papel fundamental na sociedade, destacando que

Na sociedade contemporânea, as organizações se fazem presentes em praticamente todas as dimensões da vida social ao influir no ambiente econômico, nas disputas da vida social ao influir no ambiente econômico, nas disputas políticas e ideológicas que são travadas no espaço social, nas dimensões religiosas e culturais que estruturam cada tempo e espaço (CARVALHO; VIEIRA, 2007, p. 1).

Neste cenário, a concentração de organizações nos países somada a diversos fatores, como, por exemplo, os processos de privatização e abertura econômica, desenvolveram um processo de enfraquecimento do Estado e, conseqüentemente, a transferência de seu patrimônio e responsabilidades para as organizações (DUPAS, 2002; VIEIRA; VIEIRA, 2004). Sendo assim, “as prioridades nacionais foram deslocadas para as discutíveis, e por vezes sombrias, relações entre o poder público e os investidores financeiros, bem como das gigantescas corporações multinacionais de produção de bens e serviços” (VIEIRA; VIEIRA, 2004).

Neste contexto surge a perspectiva de que as organizações necessitavam suprir um papel perante a sociedade, iniciando assim uma postura socialmente responsável, desenvolvendo ações sociais que abrangem desde uma filantropia até parceria com fundações e o terceiro setor, isto é, desde um ato pouco estruturado que não espera um retorno até um projeto altamente abrangente envolvendo códigos de ética, processos de voluntariado, entre outros. Contudo, neste discurso representando boas intenções, existem razões que levam as organizações a adotarem este movimento que nem sempre são tidas como positivas e nem questionadas pela sociedade ou academia (TENÓRIO, 2006; SOARES, 2004).

Sendo assim a presente dissertação visa analisar os discursos e as práticas de ação social da Refinaria Duque de Caxias (REDUC- PETROBRAS) no Município de Duque de Caxias, e para isto utilizará da perspectiva teórica de poder e relações de poder de Pierre Bourdieu.

Para descrever e atingir este objetivo é necessário fundamentar este projeto com uma perspectiva teórica, pois, como afirmam Vasconcelos, Vasconcelos e Mascarenhas (2007, p.9)

[...] as pesquisas mostram que nossas opiniões preliminares ou 'achismos' baseados em experiência individual estavam errados. Assim, pesquisas consistentes, fundamentadas em sólida metodologia, possibilitam uma prática mais consistente, com base em informações relevantes (VASCONCELOS, VASCONCELOS, MASCARENHAS, 2007, p. 9).

É importante destacar que as temáticas do poder e relações de poder são muito antigas no contexto das ciências humanas, podendo ser encontradas em estudos de Platão e Aristóteles (FARIA, 2003). A gênese de poder tem embasamento na filosofia e ciência política, mas esta temática foi difundida por diversas áreas do conhecimento, incluindo a história, direito, antropologia, sociologia, psicologia, entre outras. Entretanto, o fato desse conceito ser altamente abrangente pode torná-lo pouco útil teoricamente, principalmente quando utilizado para compreender relações concretas em organizações complexas (FARIA, 2003).

Já para Silva e Dellagnelo (2007), poucos são os estudos brasileiros dedicados completamente ao tema poder, sendo esse uma das categorias mais importantes na análise organizacional. Essas autoras destacam que nenhuma pessoa contradiz a importância deste para compreender as organizações, contudo evidenciam que desenvolver este tema é um processo muito difícil, pois apesar de parecer um assunto evidente, é processo árduo de mostrar, de definir.

Portanto, a importância do tema nos diferentes estudos evidencia-se pelo fato de que o poder e as relações de força ocorrem em qualquer espaço, seja a organização, a sociedade ou o Estado, conforme retrata Machado (1979, p. 14) a partir de obras do Michel Foucault:

O interessante da análise é que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, e que não existe exterior possível, limites ou fronteiras.

Sendo assim, para desenvolver esse conceito foi necessário alinhar as concepções das diferentes áreas, buscando suas contribuições originais, e a relevância que possuem na análise da realidade social (FARIA, 2003).

Percebe-se, assim, que “o conceito de poder é de tal maneira amplo que pode ser usado tanto para designar fenômenos sociais, relacionados à ação do ator social ou à prática social do homem, quanto fenômenos físicos” (CARVALHO; VIEIRA, 2007, p. 3). Para se escolher determinado enfoque do conceito de poder é necessário descrever seus diferentes pontos de vista no espaço social.

Pagés *et al* (1987, p. 12) determinam que o poder envolve uma abordagem pluridimensional, podendo ser tratado de forma segmentada:

- a) Em uma perspectiva marxista, como um fenômeno de alienação econômica (a não propriedade dos meios de produção) que separa os trabalhadores dos meios de produção e do produto de seu trabalho;
- b) Mais recentemente, como um fenômeno sobretudo político, um fenômeno de imposição, de controle sobre as decisões e a organização do trabalho;
- c) Do nível ideológico, como um fenômeno de apropriação do sentido e dos valores;
- d) Ao nível psicológico, como fenômenos de alienação psicológica, de dependência, de projeção e introjeção, e sistemas inconscientes de defesa coletivos.

Já Carvalho e Vieira (2007, p. 4) determinam que o poder possui duas categorias: simétrica e assimétrica. A primeira refere-se às relações de poder em que todos ganham, “a qual ressalta o caráter benigno e comunal deste, e acredita na capacidade do homem de realização coletiva e harmoniosa perseguindo objetivos consensualmente determinados”, possuindo como base Platão e Aristóteles que descreveram a comunidade como detentora de poder político.

Outra autora que retoma esta perspectiva greco-romana é Hannah Arendt, a qual define que o poder é obtido através da obediência, não às pessoas, mas às leis definidas pelas instituições e as quais os cidadãos coletivamente haviam dado seu consentimento (PERISSINOTTO, 2004). Para ela,

[...] o poder corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em concerto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo conserva-se unido. Quando dizemos que alguém está ‘no poder’, na realidade nos referimos ao fato de que ele foi empossado por um certo número de pessoas para agir em seu nome” (ARENDR, 2001 *apud* PERISSINOTTO, 2004, p. 117).

Na categoria assimétrica não é possível tratar de relações de poder, aborda-se o poder como violência, como um processo em que há uma disputa em torno de um dado objeto, envolvendo “relações sociais e políticas desiguais, em luta por recursos de poder e que desenvolvem práticas de resistência e conflito” (CARVALHO; VIEIRA, 2007, p. 4). Estes autores subdividem a categoria em quatro perspectivas teóricas.

A primeira descreve que o poder e suas relações ocorrem no interior das organizações, sendo esses canais o exercício de autoridade, do controle e da

desigualdade sobre o indivíduo. Diferentes autores compartilham esta concepção: Lukes, Weber, Galbraith, Morgan, Hall e Clleg (CARVALHO; VIEIRA, 2007).

Nesta linha de pensamento, Hall (2004) descreve que as organizações e o poder são sinônimos, sendo que o último é desenvolvido e distribuído no interior das organizações e predispõe uma dependência e interdependência de pessoal e subunidades. Sendo assim, o poder:

[...] é relacional; o poder não tem significado, a não ser que seja exercido. Uma pessoa ou um grupo não podem ter poder isoladamente; o poder deve ter relação com uma outra pessoa ou coletividade, como quando uma pessoa ou um grupo tem de suplantar a resistência de outra pessoa ou grupo (PFEFFER, 1992 *apud* HALL, 2004, p. 103).

Outro fator central tratado neste ponto de vista é aquele em que o poder é percebido como forma de controle, impondo regras, normas e valores às organizações que dele fazem uso, tendo particular importância na análise de organizações burocráticas (CARVALHO; VIEIRA, 2007).

Já para Weber (1993 *apud* CARVALHO; VIEIRA, 2007), a questão da autoridade é essencial, possuindo estrita relação com o poder, pois este último, quando empregado, exige a força, e a autoridade não implica necessariamente na utilização da mesma. O poder por meio da autoridade é definido como “a probabilidade de uma pessoa ou várias impor, numa ação social, a vontade própria, mesmo contra a oposição de outros participantes” (Weber, 1999, p. 175).

A segunda perspectiva possui como principais representantes Pagés e seus colaboradores (CARVALHO; VIEIRA, 2007). Ela enfatiza que as organizações aplicam o poder por meio de formas de mediação, conciliando assim privilégios oferecidos aos empregados e o sistema de coerção da empresa (PAGÉS *et al*, 1987). As mediações congregam dois fatores fundamentais: desenvolvimento e satisfação dos trabalhadores. O desenvolvimento e também treinamento são operados por meio de recursos financeiros, da iniciativa dos trabalhadores e da capacidade de criação. A satisfação é dada por privilégios econômicos, políticos, ideológicos e psicológicos, acabando por garantir o controle através de restrições, subordinação e dependência como falta de tempo, falta de liberdade para mudar de emprego, entre outros (PAGÉS *et al*, 1987).

Ao contrário da primeira perspectiva, Pagés e seus colaboradores (1986 *apud* CARVALHO; VIEIRA, 2007, p. 14), representantes dessa linha de pensamento,

“apresentam e definem as organizações integradas ao seu contexto sócio-histórico, de tal forma que o ambiente deixa de ser apenas fonte de ‘entradas’ e depositário de ‘saídas’ para se tornar elemento explicativo de estruturas de dominação”.

A terceira perspectiva é representada pelo trabalho pioneiro de Bourdieu e propõe que o espaço social é formado por um contexto de diferenciação, desenvolvendo uma filosofia da ação em que há uma relação mútua entre estruturas objetivas (campos) e incorporadas (*habitus*) (BOURDIEU, 1996).

Para compreender as relações existentes no espaço social, ou seja, na sociedade a ser estudada, é importante situar cada agente ou instituição em relações objetivas com todos os outros, bem como as relações de poder específicas, as lutas, as perspectivas que defendem, as alianças entre os mesmos, “e isso por meio dos interesses específicos que são aí determinados” (BOURDIEU, 2003, p. 61). Esta concepção se apresenta como a perspectiva teórica escolhida para a análise a ser desenvolvida na presente dissertação, descrevendo e contextualizando assim a noção de poder e capital simbólico no discurso de ação social da Refinaria Duque de Caxias.

A quarta perspectiva tem como representante Michel Foucault, e define que o poder é uma ação que age sobre os comportamentos dos sujeitos ativos de forma que:

[...] ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir (FOUCAULT, 1995 *apud* SILVEIRA, 2005, p. 52).

Silveira (2005) destaca que a melhor forma de explicar as relações de poder é através dos termos de conduta, que podem ser compreendido como mecanismos estabelecidos para conduzir o outro da forma desejada por meio de instrumentos de coerção mais ou menos rigorosos.

Silveira (2005) descreve ainda que Foucault considera que para realizar a análise das relações de poder é necessário estabelecer os seguintes pontos: os sistemas de diferenciação, as diferenças jurídicas, econômicas, sociais e políticas que permitem manipular a ação dos indivíduos; o tipo de objetivo, as vantagens e os privilégios desejados pelos indivíduos que guiam seus objetivos; as modalidades instrumentais, os instrumentos utilizados para exercer o poder; as formas de

institucionalização, estruturas, dispositivos e fenômenos institucionalizados; os graus de racionalização, os procedimentos que podem ser mais ou menos ajustados de acordo com quem exerce o poder.

Faria (2004, p. 141), ao verificar as diferentes perspectivas de poder, algumas descritas acima, o definiu como

[...] a capacidade que tem uma classe social (ou uma sua fração ou segmento), uma categoria ou um grupo (social ou politicamente) de definir e realizar seus interesses objetivos e subjetivos específicos, mesmo contra a resistência ao exercício desta capacidade e independentemente do nível estrutural em que tal capacidade esteja principalmente fundamentada.

Mas é importante destacar que os estudos de poder e relações de poder devem abranger: o que é ou não é expresso efetivamente; o que não pode ser expresso por fragilidade, paradoxo ou incongruências; o que se deseja manter oculto, como as contradições e articulações de bastidores. Sendo assim, as diversas questões relacionadas às organizações como as estratégias competitivas do capital, as alianças estratégicas, as políticas de gestão de pessoas, entre outros devem ser desenvolvidos e analisados na geração e implementação do poder bem como os fatores externos (como a economia das trocas simbólicas, o papel desempenhado pelo Estado, a relação com a comunidade) que influenciam as organizações e possuem condições de a influenciar (FARIA, 2004).

## 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Diante da perspectiva teórica e do contexto retratados tem-se como pergunta de pesquisa: Quais são e como se apresentam, disseminam e constroem os discursos e as práticas de ação social da Refinaria Duque de Caxias (REDUC – PETROBRAS) no Município de Duque de Caxias?

## 1.2 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral do presente trabalho consiste em analisar os discursos e as práticas de ação social da Refinaria Duque de Caxias (REDUC – PETROBRAS) no Município de Duque de Caxias, a partir da perspectiva teórica de poder e capital simbólico de Bourdieu (1989).

### 1.2.1 Objetivos específicos

O objetivo deste trabalho consiste em descrever e ponderar os discursos e as práticas de ação social da principal organização do setor de Petróleo presente no Município de Duque de Caxias, a Refinaria de Duque de Caxias (REDUC – PETROBRAS). Desta forma, observam-se como objetivos específicos para o projeto:

- a) Construir uma base Teórica sobre a temática do poder, violência e capital simbólico sob a perspectiva de Pierre Bourdieu;
- b) Compreender conceitos e estruturas de campo e campo de poder;
- c) Apresentar um histórico do município de Duque de Caxias com suas peculiaridades;
- d) Mapear, através da perspectiva de campo e campo de poder, as organizações, instituições e indivíduos que de alguma forma participam e influenciam as ações da referida empresa por meio do Campo na Região de Campos Elíseos;
- e) Demonstrar de que forma o discurso da referida organização se dissemina entre os agentes que participam ou influenciam as práticas de ação social.

### 1.3 DELIMITAÇÃO TEÓRICA E PRÁTICA DA PESQUISA

O presente projeto visa analisar os discursos e as práticas de ação social da Refinaria Duque de Caxias (REDUC – PETROBRAS) no Município de Duque de Caxias. Sendo assim, a pesquisa limita a região de Duque de Caxias, mais especificamente às instituições que participam e ou influenciam as práticas de ação social da empresa estudada, envolvendo assim: REDUC-PETROBRAS, ASSECAMPE (Associação das Empresas de Campos Elíseos), Empresas-Âncoras, Complexo Rio Polímeros, Consórcio Rio Polímeros, Estado, População, Arranjo Produtivo Local de Petróleo, Gás e Energia de Duque de Caxias.

A fim de evidenciar e analisar as relações existentes neste campo, será utilizada nesta pesquisa a perspectiva de poder, relações de poder e capital simbólicos de Pierre Bourdieu.

#### 1.4 JUSTIFICATIVA

A importância do objeto de estudo da pesquisa, sendo uma organização do setor petroquímico localizada no Município de Duque de Caxias, se dá primeiramente, pela evolução que este setor tem tido durante, aproximadamente, 150 anos desde o início da exploração desse recurso no Brasil. O segundo fator refere-se à contradição existente nesta região, evidenciada pela distância entre a sua 10ª posição entre os maiores arrecadadores do PIB (Produto Interno Bruto) na classificação do Estado do Rio de Janeiro e a sua posição de 1782ª no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) (VIEIRA, 2007). Portanto, percebe-se em Duque de Caxias uma grande geração de produtos, serviços e recursos financeiros que não necessariamente são aplicados na região. Tal fato fica claro em uma rápida vista do bairro de Campos Elíseos, no referido município, na medida que neste local há um conjunto de empresas de grande porte rodeadas por uma população que vive em condições precárias em diversas comunidades.

No que se refere à perspectiva teórica, é necessário levar em consideração que a autora já analisou o município objeto deste estudo sob o enfoque do desenvolvimento local e dos arranjos produtivos locais. Nesta pesquisa foi possível perceber que as relações entre os agentes (empresas, população, Estado, órgãos de apoio, entre outros) são fundamentais para compreender diferentes aspectos da dinâmica de relações entre os atores do município. O que faz com que estas relações se desenvolvam é o poder, representado na forma física ou não.

Neste contexto percebeu-se a necessidade de enfatizar as questões sociais com o objetivo de determinar como a REDUC define, dissemina e constrói discursos e práticas de ação social em conjunto com outras organizações, indivíduos e comunidades situadas na proximidade da referida organização.

Para desenvolver assim a parte teórica, serão utilizados conceitos de Pierre Bourdieu (1989) relacionados ao poder simbólico e ao capital simbólico. O poder simbólico “é, com efeito, esse poder o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p.7).

Na próxima seção esses conceitos são desenvolvidos, sendo definidos, caracterizados e realizadas as devidas correlações.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A dissertação tem como autor base Pierre Bourdieu, considerando os seus conceitos de poder e violência simbólica, bem como *habitus*, lógica e propriedades dos campos, e campo de poder.

### 2.1 DA DEFINIÇÃO DOS “CAMPOS” EM BOURDIEU E DO HABITUS

Para iniciar a análise da perspectiva de Bourdieu é necessário destacar que este autor estabeleceu para seu trabalho um “rótulo” de estruturalismo construtivo ou construtivismo estruturalista. Tenta desta forma aliar, no estruturalismo, a análise das estruturas objetivas que independem da vontade dos agentes e que orientam e coagem as suas práticas e, no construtivismo, a identificação de

[...] uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos do que chamo *habitus*, de outro, das estruturas sociais, em particular do que chamo de campos e grupos, e particularmente do que se costuma chamar de classes sociais (BOURDIEU, 2004, p. 149).

Portanto, para entender este “rótulo” é importante definir o estruturalismo, que segundo Lévi-Strauss (1978), apesar de ter sido considerado um método novo e revolucionário no início de sua aplicação em diversas áreas do conhecimento, não pode ser descrito desta forma. De acordo com este autor, a perspectiva estruturalista pode ser verificada desde a Renascença até os dias atuais e o que se descreve na Linguística, na Antropologia ou em outras áreas nada mais é do que uma imitação do que as ciências naturais sempre fizeram.

A ciência natural, ao se deparar com um problema, usa dois métodos: o método reducionista ou o método estruturalista. O método reducionista envolve a redução de casos complexos a casos simples. Contudo, na natureza nem sempre isso pode ser realizado e assim o pesquisador utiliza-se do método estruturalista. Este método corresponde a análise de casos complexos tentando entender suas relações internas, compreendendo o sistema original que gera o caso, a sua participação neste sistema original e como este contribui para a análise em conjunto (LÉVI-STRAUSS, 1978).

Segundo Thiry-Cherques (2006b, p. 141), Lévi-Strauss propõe que para o uso do método estruturalista é necessário:

- a) Considerar não o fenômeno consciente e as relações que mantêm entre si os elementos diretamente observáveis, mas a voltar-se para a estrutura - inconsciente - que sustenta e ordena estes elementos e estas relações;
- b) Estudar não mais os elementos, mas, ao contrário, privilegiar a descrição e a análise das relações entre os elementos;
- c) Se concentrar na ordenação destas relações como sistemas inteligíveis, não como invenções do espírito nem como simples abstrações, mas como relações, que ainda que baseadas no empírico, são também racionais, isto é, são passíveis de serem representadas por esquemas lógico-matemáticos;
- d) Se restringir aos sistemas efetivos, isto é, aos sistemas de relações simultâneas em um tempo dado (os sistemas sincrônicos), e abandonar toda a idéia de origem e formação histórica dessas estruturas (a diacronia);
- e) Identificar as leis gerais destes sistemas, seja por indução, seja por dedução lógica.

Portanto, fica evidente que o estruturalismo não se concentra na primazia de um fenômeno específico, mas na análise de diferentes fenômenos e as suas relações para assim obter a perspectiva do todo. Bourdieu, em toda a sua obra, utiliza-se do método estruturalista de análise.

O principal foco dos estudos de Bourdieu é a mediação entre o agente social, as instituições e a sociedade, tentando assim compreender as propriedades das relações entre os fenômenos sociais (ORTIZ, 1983; ÖZBILGIN; TATLI, 2005). Para desenvolver esta mediação três fatores são fundamentais na análise: as posições sociais (as relações); as disposições (*habitus*) e as tomadas de posições (as 'escolhas' realizadas pelos agentes nas diferentes situações cotidianas). Bourdieu (1996) condensa a análise desses três fatores "em um pequeno número de conceitos fundamentais – *habitus*, campo, capital – e que tem como ponto central a relação, de mão dupla, entre as estruturas objetivas (dos campos sociais) e as estruturas incorporadas (do *habitus*)" (BOURDIEU, 1996, p. 10).

Desta forma, Özbilgin e Tatli (2005) afirmam que Bourdieu critica o subjetivismo destacando que a análise não deve ser voltada somente para a reconstrução da experiência vivida, mas envolver o desenvolvimento de uma teoria da prática por meio do conhecimento obtido. A crítica deste autor ao objetivismo é a de que os agentes não são simplesmente parte da estrutura e estão dependentes

das suas imposições, mas podem fazer escolhas, lembrando que os princípios e os limites destas escolhas são influenciados pelas estruturas objetivas.

Quanto à noção de campo foco deste capítulo, esta surgiu da leitura, realizada por Bourdieu, de um capítulo de *Wirtschaft und Gesellschaft* dedicado à sociologia religiosa de Max Weber, “mediante uma crítica da visão interacionista das relações entre os agentes religiosos proposta por Weber que implicava uma crítica retrospectiva da minha representação inicial do campo intelectual” (BOURDIEU, 1989, p. 66). Bourdieu (1989) propôs assim uma análise do campo religioso como uma estrutura de relações objetivas, descrevendo a forma concreta de interação sugerida por Weber como uma tipologia realista.

Para desenvolver e construir a noção de campo Bourdieu precisou avançar além da primeira tentativa de analisar um campo, no caso o intelectual, percebendo assim que um campo não deveria ser tratado somente como um universo de relações visíveis entre os atores que dele fazem parte. O fato de analisar somente as relações visíveis escondeu uma análise que abrangesse “as relações objetivas entre as posições ocupadas por esses agentes, que determinam a forma de tais interações” (BOURDIEU, 1989, p, 66).

Desta forma, para o autor, ao se realizar uma análise do campo é preciso pensar relacionalmente, conferir uma primazia e as relações, vinculando as “realidades” (o mundo social), determinando as propriedades essenciais de um grupo, que ocorrem em função das posições sociais dos agentes e de uma homologia entre o conjunto de atividades realizadas e os bens possuídos pelos agentes. Estas relações só são passíveis de serem demonstradas, construídas e validadas por meio do trabalho acadêmico (BOURDIEU, 1996; BOURDIEU; WACQUANT, 2005).

A partir de diversas pesquisas, Bourdieu utilizou como ferramenta analítica a noção de campo “designando espaços relativamente autônomos de forças objetivas e lutas padronizadas sobre formas específicas de autoridade, para dar força à estática e reificada noção de estrutura e dotá-la de dinamismo histórico” (WACQUANT, 2002, p. 98).

Completando esta definição, Bourdieu (1996) descreve campo como o espaço social global que envolve um campo de forças e um campo de lutas, nos quais as necessidades se impõem sobre os agentes envolvidos. O campo pode ser também compreendido como um espaço em que estes agentes combatem e se afrontam

para a conservação ou transformação da sua posição na estrutura do campo de forças, mantendo ou conservando a estrutura.

Segundo Bourdieu e Wacquant (2005) para realizar análise de um campo é necessário o diagnóstico de três momentos interdependentes e conectados:

- a) Primeiro – analisar a disposição do campo estudado frente ao campo de poder. Como é o caso dos artistas e escritores frente ao campo literário, no qual estes representam uma parte (fração) dominada de uma classe dominante, isto é, como o campo a ser estudado está situado no campo de poder, na sociedade (campo mais amplo);
- b) Segundo – analisar, identificar e delinear um mapa da estrutura de relações objetivas existentes entre os agentes e ou instituições que compõem e competem por formas de poder no campo.
- c) Terceiro – analisar o *habitus* dos agentes presentes no campo, assim como as condições sociais às quais estão submetidos, podendo desta forma demonstrar sua trajetória.

Sendo assim, os agentes envolvidos em determinado campo possuem *habitus* idênticos, ou seja, os agentes do campo científico possuem *habitus* comuns que os diferem daqueles indivíduos inseridos no político (BONNEWITZ, 2003, p. 85). Esse *habitus* possui uma relação recíproca com o campo por meio de dois fatores: condicionamento e conhecimento ou construção cognitiva. A relação de condicionamento ocorre quando o campo estrutura o *habitus*, que representa as necessidades de um ou dos diversos campos, podendo, portanto, gerar *habitus* distintos entre agentes de um mesmo campo por causa dos cruzamentos existentes entre os campos. Na relação de conhecimento ou de construção cognitiva o *habitus* influencia o campo, de modo que um agente ao perceber em suas ações que possui alguns conhecimentos diferentes dos existentes no campo em que atua, propõe sua aplicação, assim os outros agentes deste campo pesquisam e coletam informações e dados a respeito do proposto e se a sugestão for analisada como viável, a aplicam (BOURDIEU, WACQUANT, 2005).

Desta forma, dois critérios são fundamentais nestas relações. Em primeiro lugar para gerar um *habitus* e estar situado em um campo, a relação de condicionamento do agente deve estar vinculada à relação de conhecimento. Em

segundo, a ciência social é determinada por meio de um “conhecimento de um conhecimento”, sendo preciso, para uma análise de um campo qualquer, destacar as modificações ou variações nas relações entre os diversos campos e *habitus* (BOURDIEU, WACQUANT, 2005).

A noção de *habitus* é um velho conceito desenvolvido por diversos autores (BOURDIEU, 2004). Bourdieu, a partir de 1960, reintroduziu este termo

[...] para forjar uma teoria disposicional da ação capaz de reintroduzir na antropologia estruturalista a capacidade inventiva dos agentes, sem com isso retroceder ao intelectualismo Cartesiano que enviesa as abordagens subjetivistas da conduta social, do behaviorismo ao interacionismo simbólico passando pela teoria da ação racional (WACQUANT, 2004, p. 35).

Dois fatores incentivaram Bourdieu (2004) a estudar a questão do *habitus*. O primeiro refere-se à idéia de que condutas humanas podem ser orientadas a determinados fins sem estarem conscientemente norteadas para eles, ou seja, alguns comportamentos podem ser precedidos por ações desenvolvidas baseadas em perspectivas e ações anteriores. O segundo faz referência ao fato de que há um “senso prático” que norteia o comportamentos dos indivíduos, isto é, não há uma obediência a uma regra na desenvolvimento de uma atividade, mas um coerência baseada em construções práticas anteriores.

Para desenvolver esse termo, Bourdieu (2003, p. 140) descreve que *habitus* permite enunciar alguma noção que evidencia a questão do hábito, mas distinguindo-se em um ponto fundamental. Na formação do hábito são consideradas atitudes e ações desenvolvidas mecanicamente, repetitivamente, “mais reprodutivo que produtor”. Já o *habitus* refere-se a um capital que foi adquirido em determinada classe, mas que se estabeleceu no corpo e na mente de forma duradoura. Sendo assim Bourdieu (2003, p. 140) conceitua que *habitus*:

[...] é uma espécie de máquina transformadora que faz com que ‘reproduzamos’ as condições sociais da nossa própria produção, mas de uma maneira relativamente imprevisível, de uma maneira que não podemos passar simples e mecanicamente do conhecimento das condições de produção ao conhecimento dos produtos.

Bourdieu (1983) completa sua definição destacando que o *habitus* é um sistema de disposições duráveis e transponíveis que opera como uma matriz de percepções e ações, instituída por meio de acontecimentos passados. E completa

descrevendo que o *habitus* é um “sentido de jogo”, no qual há diversos lances que podem ser adaptados a uma infinidade de situações possíveis, que nenhuma regra ou modelo pode antecipar ou prever (BOURDIEU, 2004).

Já para Setton (2002, p. 61) o conceito de *habitus* está em constante reformulação, sendo definido por esta autora da seguinte forma:

*Habitus* não é destino. *Habitus* é uma noção que me auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente. *Habitus* como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas. Embora convertida, creio que a teoria do *habitus* me habilita a pensar o processo de constituição das identidades sociais no mundo contemporâneo.

Wacquant (2004) estabelece, por meio dos trabalhos de Bourdieu certas características da noção de *habitus*:

- a) É uma aptidão social, e não natural, podendo assim variar de acordo com o lugar, o tempo e, principalmente, a partir da distribuição do poder da sociedade, grupo ou instituições ao qual o agente está ligado;
- b) É transferível, para toda e qualquer atividade relacionada a prática, explicitando assim a coerência entre diversos domínios do consumo entre indivíduos de uma mesma classe (como música, moda, alimentação, mobília, escolhas políticas e matrimoniais) e que baseiam os diversos estilos de vida;
- c) É durável, não sendo estático, nas quais as disposições são construída por meio de atividades realizadas pelo agentes que podem ser desmanteladas por forças externas;
- d) É dotado de inércia incorporada, no qual os indivíduos moldam suas práticas de acordo com o conhecimento e aprendizagem obtidas nas estruturas sociais que os geraram, visto que as experiências são depositadas em camadas, isto é, através das primeiras práticas as últimas experiências são filtradas e os estratos de disposições gerados são sobrepostos, verificando assim a importância dos esquemas e experimentos gerados na infância;
- e) Envolve um desfasamento entre as experiências, determinações e conhecimentos passados e as determinações intelectuais que são estabelecidas nas experiências atuais.

O *habitus* está ligado diretamente às práticas e ações individuais, segundo o qual a prática não pode ser tratada exclusivamente como uma reação mecânica. Isto é, o *habitus* deve levar em consideração os esquemas, modelos e as normas pré-estabelecidos determinados por acontecimentos antecedentes. Contudo como uma reação autônoma e pontual a determinada situação, sendo um produto da relação entre uma situação e um *habitus*, tornando possível a concretização de diferentes tarefas através desse esquema de disposições. “O *habitus* é a mediação universalizante que faz com que as práticas sem razão explícita e sem intenção significativa de um agente singular sejam, no entanto, ‘sensatas’, ‘razoáveis’ e objetivamente orquestradas” (BOURDIEU, 1983, p. 73).

Para descrever e explicitar essas práticas é necessário estabelecer as estruturas objetivas que condicionam a produção do *habitus* (BORDIEU, 1983). Sendo assim, Wacquant (2004) descreve que o *habitus* engloba dois princípios: a “sociação”, da qual as disposições individuais derivam na sociedade e que, portanto, são compartilhadas por aqueles que foram submetidas às mesmas condições como por exemplo o *habitus* masculino, *habitus* nacional, *habitus* familiar; e a individuação, a qual apesar das disposições serem instituídas na sociedade cada pessoa possui individualmente e é influenciada por uma trajetória única.

Em suma, o campo refere-se a um conjunto de agentes que estão localizados em um espaço físico ou não, que dispõem de competência e habilidades específicas que os guiam nas lutas, nas entradas e nas conservações no campo. Já o *habitus* refere-se a disposições ou a um conhecimento tácito que os agentes possuem que é construído mediante atividades e realizações ao longo da vida e que pode estruturar ou ser estruturado pelo campo.

## 2.2 CAMPO DE PODER

O conceito de campo de poder proposto por Bourdieu e Wacquant (2005, p. 124) envolve “um campo de forças definido pela estrutura de balanço de forças existente entre as formas de poder, ou entre diferentes espécies de capital. É também um campo de luta pelo poder entre os detentores de diferentes forças de poder”.

Bourdieu (1996) destaca também que este campo deve ser considerado um campo único, sendo

[...] um espaço de jogo em que aqueles agentes e instituições possuidores de suficiente capital específico são capazes de ocupar posições dominantes dentro de seus campos respectivos, e confrontar os demais utilizando estratégias voltadas para preservar ou transformar as relações de poder.

Os tipos diferentes de capital são tipos específicos de poder que são ativos em um ou outro campo (de forças e lutas), gerados no processo de diferenciação e autonomização. Dentro destes diferentes espaços de jogo surgem tipos característicos de capital que são, simultaneamente, instrumentos e objetos de disputa. (BOURDIEU, 1996 *apud* MISOCZKY, 2001, p. 5).

O campo de poder envolve lutas entre agentes e instituições sociais que possuem diferentes tipos de capital, com o objetivo de ocupar posições dominantes em seus campos, havendo um confronto permanente para preservar ou transformar a autoridade existente (BOURDIEU; WACQUANT, 2005).

Bourdieu (1996, p. 52) enfatiza assim que “as forças envolvidas nessas lutas e a orientação, conservadora ou subversiva, que lhes é dada, dependem da ‘taxa de câmbio’ entre os tipos de capital, isto é, daquilo mesmo que essas lutas visam conservar ou transformar”.

Portanto, Bourdieu (1986, p. 46) conceitua capital como o

[...] trabalho acumulado (em sua forma materializada ou sua forma “incorporada”, enraizada) o qual, quando acumulado de forma privada, isto é, exclusiva, por agentes ou grupos de agentes, os permite a destinar energia social na forma de trabalho concretizado ou vivo.

Para explicar a taxa de câmbio no campo de poder é preciso ter claro a definição do princípio de diferenciação, isto é, a idéia de que os agentes e/ou grupos vivem com objetivo de obterem diferenças entre si, podendo ocupar posições distintas nos diversos espaços, como, por exemplo, aluno no campo intelectual, artista em um campo artístico, entre outros (BOURDIEU, 1996).

Esse princípio de diferenciação é definido de acordo com a taxa de cambio entre dois tipos de capital: econômico e cultural. Os agentes estão distribuídos no espaço conforme: o volume desses dois tipos de capital (volume global de capital); e o peso de cada capital no volume global. Exemplificando, um empresário, um engenheiro ou um professor possuem mais volume global de capital do que um operário não qualificado ou não-especializado, contudo, um empresário dispõe de

mais capital econômico do que um professor enquanto um professor possui mais capital cultural que um empresário (BOURDIEU, 1996; BOURDIEU, 2004).

Portanto, o campo de poder envolve assim um espaço global determinado pelas lutas e interesses existentes entre os dominantes e dominados influenciado pelo capital (poder) que cada agente ou instituição possui e adquire.

A distribuição existente no campo, isto é, a posição dos agentes ou instituições na escala hierárquica e nas classes sociais depende do volume e da estrutura do capital que esta classe possui, portanto, um dos fatores que ajudam a estruturar o espaço social e, conseqüentemente, o campo social são as formas de capital (BONNEWITZ, 2003).

Desta forma, para Bourdieu o capital não envolve só a perspectiva da teoria econômica, o capital econômico, que pode ser descrito como a utilização e intercâmbio dos diferentes fatores de produção e bens econômicos para maximizar o lucro. O capital envolve sobretudo uma perspectiva que engloba outras formas de capitais não-econômicas e imateriais e o evidencia como um poder que determinados agentes têm ou podem ter, a saber: social, cultural e simbólico (BOURDIEU, 1986; BOURDIEU, 1996b *apud* MISOCZKY, 2001).

O capital social envolve as relações e as trocas sociais entre os diferentes agentes, grupos ou instituições, ou seja, abrange

[...] à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 2007, p. 67).

O volume deste capital depende da extensão da rede de relações existentes e possíveis na qual os agentes ou instituições utilizam de estratégias de investimento para instaurar e mantê-la bem como o volume de outros capitais, seja econômico, cultural ou simbólico, possuídos exclusivamente por aqueles a qual estão inter-relacionados. A reprodução do referido capital está associada a um trabalho de socialização, criando ocasiões, lugares ou práticas para unir os agentes com características comuns (BOURDIEU, 2007).

O capital cultural corresponde à aptidão obtida por meio do contexto escolar ao qual o agente está ligado, com o objetivo de relacionar o sucesso do sistema

escolar com a distribuição do referido capital entre as classes ou frações das mesmas (BOURDIEU, 2007).

Esse capital, segundo Bourdieu (2007), pode existir em três estados:

- a) O estado incorporado – em que o capital está incorporado no corpo/organismo do agente, isto é, é obtido por uma transmissão hereditária dissimulada e inconsciente não podendo ser adquirida através de dinheiro ou qualquer outro meio;
- b) O estado objetivado – são os bens culturais (quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas) que um agente possui e que podem ser transmitidos hereditária ou juridicamente.
- c) O estado institucionalizado – obtido através da institucionalização do aprendizado por meio da obtenção de diplomas, apresentando-se como uma certidão que garante ao seu portador um diferencial no que diz respeito a cultura.

O capital simbólico engloba o conjunto de regras e rituais relacionados à honra e ao reconhecimento. Este tipo de capital pode ser verificado nos outros três tipos de capitais (econômico, social e cultural) (BOURDIEU, 1996).

O capital simbólico é “a forma que todo tipo de capital assume quando é percebido através de categorias de percepção, produtos de incorporação das divisões ou das oposições inscritas na estrutura da distribuição desse tipo de capital” (BOURDIEU, 1996, p. 107).

Além destes quatro tipos de capitais (econômico, social, cultural e simbólico), o campo é composto por um capital específico, isto é, um capital próprio do campo, que não pode ser convertido em nenhuma outra espécie de capital e não pode ser aplicado a outro campo. Esse capital é fundamental para descrever a lógica de funcionamento do campo, na medida em que os agentes ou instituições que monopolizam este capital possuem grande quantidade de poder ou autoridade específica tendendo a utilizar estratégias de conservação para manter seu posto na estrutura, ao ponto que os dominados, que na maioria das vezes são os recém chegados e os jovens, voltam-se para estratégias de subversão aos dominantes (BOURDIEU, 2003).

Em suma, os diversos tipos de capitais são fundamentais para determinar a posição que cada agente possui na sociedade, podendo ser divididos em: econômicos (bens e recursos financeiros); social (relações entre os agentes e/ou instituições); cultural (títulos e conhecimentos acadêmicos); simbólico (honra e conhecimento); e específico (aquele determinado em cada campo). Abaixo serão descritas algumas das principais propriedades dos campos.

### 2.3 PROPRIEDADES DOS CAMPOS

A analogia do jogo é fundamental para entender o campo.

Efetivamente, podemos comparar o campo a um jogo (embora, ao contrário de um jogo, ele não seja o produto de uma criação deliberada e obedeça a regras, ou melhor, a regularidades que não são explicitadas e codificadas). Temos assim móveis de disputa que são, no essencial, produto da competição entre os jogadores; um investimento no jogo, *illusio* (de *ludus*, jogo): os jogadores se deixam levar pelo jogo, eles se opõem apenas, às vezes ferozmente, porque têm em comum dedicar ao jogo, e ao que está em jogo, uma crença (*doxa*), um reconhecimento que escapa ao questionamento [...] e essa colusão está no princípio de sua competição e de seus conflitos. Eles dispõem de trunfos, isto é, de cartas-mestras cuja força varia segundo o jogo: assim como a força relativa das cartas muda conforme os jogos, assim também a hierarquia das diferentes espécies de capital (econômico, cultural, social, simbólico) varia nos diferentes campos. [...] (BOURDIEU, 1992 *apud* BONNEWITZ, 2003, p. 61).

Neste jogo estabelecer os limites do campo é uma tarefa difícil, pois todos os participantes, agentes ou instituições, sejam artistas, firmas econômicas ou novelistas como exemplifica Bourdieu, têm como prioridade desenvolverem-se para obter diferenças entre seus rivais mais próximos. Desta forma, o agente conseguirá definir uma grande competência e estabelecer um monopólio sobre determinado subsetor do campo, podendo ser mais ou menos sucedido devido às circunstâncias. Para determinar estas fronteiras é necessário uma investigação empírica, só algumas vezes pode-se constituir, a priori, por meio de fontes e questões definidas juridicamente (BOURDIEU; WACQUANT, 2005).

Nos campos sociais, as lutas, a distribuição e a mobilização dos diferentes tipos de capitais (poder) ocorrem devido à existência de um interesse por parte dos agentes ou instituições envolvidos (MISOCZKY, 2001).

A noção de interesse envolve “‘estar em’, participar, admitir, portanto, que o jogo merece ser jogado e que os alvos engendrados no e pelo fato de jogar

merecem ser perseguidos, é reconhecer o jogo e reconhecer os alvos” (BOURDIEU, 1996, p. 139).

A noção de interesse se opõe não só a desinteresse ou a gratuidade, mas também a indiferença (BOURDIEU; WACQUANT, 2005). Ser indiferente no dicionário (FERREIRA, 2001, p. 384) refere-se àquele “que não apresenta qualquer motivo de preferência: este caminho ou o outro me são indiferentes”. Bourdieu e Wacquant (2005) também compartilham a perspectiva de que o indiferente: permanece imóvel no jogo; evidencia que este jogo não o afeta; não possui nenhuma preferência; dispõe de um conhecimento que não é capaz de fazê-lo diferenciar sobre as perspectivas em jogo.

Sendo assim, Bourdieu (2004, p. 109) esclarece que

[...] o interesse, no verdadeiro sentido, é aquilo que me importa, o que faz com que para mim haja diferenças – e diferenças práticas (que existem para um observador indiferente); trata-se de um juízo diferencial que não é orientado somente por fins de conhecimento.

Bourdieu (2004) faz uma analogia destacando que um agente possui muitos interesses que variam conforme o lugar e o tempo, podendo atingir o infinito. Portanto, esse autor destaca que há tantos interesses quanto campos, no qual um agente que participa do campo artístico e do econômico pode ter interesses diferentes em cada um. De forma que para o funcionamento do campo é necessário uma condição fundamental: o interesse, o que incentiva os agentes ou as instituições a lutar, conversar e entrar, podendo o interesse ser produto de condições sociais e históricas (BOURDIEU, 2004).

O campo possui, além da propriedade do interesse as propriedades da *doxa* e *nomos*. A *doxa* envolve um senso comum determinado e acordado por todos os agentes ou instituições do campo, sendo destacado como “normal” e “aceita”, a saber: os interesses, as demandas, os sistemas de classificação (BOURDIEU, 1984 *apud* THIRY-CHERQUES, 2006, p. 37).

Já o *nomos*, que tem origem grega, envolve a determinação das regras e leis que todos os agentes no campo estão submetidos (GUIMARÃES, 2001). O *nomos* assim como a *doxa*, está ligado à aceitação e à legitimação por parte de agentes e todo campo possui um *nomos* distinto (THIRY-CHERQUES, 2006).

Para Bourdieu cada campo possui leis específicas, portanto são denominados “auto-nomos”.

As leis fundamentais são, com frequência tautologias. A do campo econômico, elaborada pelos filósofos utilitaristas: negócios são negócios; o campo artístico, explicitamente colocada pela escola que se diz da arte pela arte: a finalidade da arte é a arte, a arte não tem outro objetivo que não seja a arte... Temos assim universos sociais com uma lei fundamental, um *nomos* independente do de outros universos, que são auto-nomos, que avaliam o que se faz aí estão em jogo, de acordo com princípios e critérios irredutíveis aos de outros universos (BOURDIEU, 1996, p. 148).

Contudo, por meio de suas pesquisas ele constatou que há algumas leis que podem ser verificadas em todos os campos e as definiu como lei gerais de funcionamento do campo (BOURDIEU, 1989). Ao destacar essas leis é importante ressaltar que um campo exerce um fator de refração sobre outros, isto é, leis determinadas em um campo podem ser disseminadas para outros, dependendo do “auto-nomos” que cada um possua (BOURDIEU, 1996).

A primeira lei é que em todos os campos há uma luta entre os agentes ou instituições, cujas propriedades devem ser analisadas individualmente, “entre o novo que entra e tenta arrombar os ferrolhos do direito de entrada e o dominante que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência” (BOURDIEU, 2003, p. 120).

Na segunda lei, o autor enfatiza que um campo só funciona se houver paradas em jogo (pressupostos que os novos entrantes aceitam e tomam conhecimento ao fazer parte do grupo de indivíduos e/ou instituições) entre os agentes ou instituições, pessoas dispostas a entrar nesse jogo, possuindo um *habitus*, isto é, entendendo e tendo conhecimento e reconhecimento das leis que fundamentam este jogo. A terceira lei fundamental abrange a estrutura do campo, no qual é enfatizado um estado de relações de força entre os agentes e instituições que estão envolvidos nas paradas em jogo, nas lutas ou na distribuição do capital específico na implementação de estratégias de conservação e subversão (BOURDIEU, 2003).

A quarta lei fundamental dos campos estabelece que todos os indivíduos que pertencentes a um campo possuem certo número de interesses fundamentais, que unem os antagonismos no momento das lutas à respeito daquilo que merece que se lute (BOURDIEU, 2003). Apesar de constantemente existirem novos entrantes e revoluções parciais não são discutidos nem postos em questão os fundamentos do

próprio campo, a sua axiomática fundamental, o alicerce de crenças nas quais o campo se estabelece.

Assim, para entender um campo, dois índices são fundamentais. Primeiro, identificar a presença de traços de relações objetivas e o aparecimento de um conjunto de pessoas capazes e interessadas em conservar o que se produz em um campo. Segundo, a história de relações no campo, ou seja, de um participante do campo que não sabe jogar e tem a capacidade de romper com a lógica de outro que está totalmente articulado e que por este motivo decide romper com a perspectiva lógica do campo (BOURDIEU, 2003, p. 120).

Portanto, todo campo engloba um conflito de interesses, capitais e disposições (*habitus*) entre os agentes dominantes e os dominados, ou seja, entre aqueles que utilizam de estratégias de conservação e os que fazem uso de estratégias de subversão. Nesse processo os que monopolizam o capital específico podem utilizar o poder e a violência simbólicos para com os que dispõem em menor proporção do referido capital. Este tipo de poder não se apresenta de forma explícita ou evidente, mas sutil e violentamente (THIRY-CHERQUES, 2006). Sendo assim, o próximo capítulo deste projeto visa descrever este tipo de poder e violência.

Concluindo, todos os campos possuem algumas propriedades, sendo: o *interesse* (o que leva o agente e/ou instituição a participar de determinado campo); a *doxa* (crenças inquestionáveis pelos agentes e/ou instituições); e o *nomos* (regras e leis estabelecidas pelos detentores de maior quantidade de capital). Assim como o campo possuem propriedades “gerais” podem existir também propriedades específicas que tem a capacidade de exercer um grande efeito sobre outros campos.

## 2.4 O ESPAÇO SOCIAL E CLASSE SOCIAL

Todos os agentes e as instituições interagem entre si, definindo, criando e obedecendo a diversas formas de dominação dependendo da posição que ocupam na sociedade. Para Bourdieu esta sociedade é representada por diversos espaços sociais, definidos como

[...] um conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras, definidas umas em relação as outras por suas exterioridades mútuas e por relações de proximidade, de

vizinhança ou de distanciamento e, também, por relações de ordem, como acima, abaixo e entre (BOURDIEU, 1996, p. 18).

Desta forma, Bourdieu (1996) afirma que no espaço social não há classes teóricas e pré-estabelecidas, mas um espaço de diferenciação, no qual as classes apresentam-se como algo que os agentes têm de construir e desenvolver no conflito e na cooperação. Contudo, essa construção é formada pela distribuição dos diversos tipos de capital que cada agente possui e pelas estratégias de conservação e subversão que cada uma aplica.

Sendo assim, os espaços sociais são formados por diversos sistemas simbólicos, envolvendo, desta maneira, mito, língua, arte e ciência que se apresentam como instrumentos de conhecimento e de comunicação podendo “exercer um poder estruturante porque são estruturados” (BOURDIEU, 1989, p. 9), isto é, um poder capaz de estabelecer que os agentes concordem com a realidade existente criando uma integração social e pontos de vista idênticos à respeito do tempo, do espaço, do número e da causa por meio de diversos símbolos.

Além de instrumentos de comunicação, conhecimento e integração os símbolos, assim como as produções simbólicas (ideologias, cultura e hierarquia), podem apresentar-se como instrumentos de imposição e dominação, no qual uma classe estabelece seus interesses e objetivos próprios como universais exercendo poder sobre outra classe (violência simbólica) (BOURDIEU, 1989). Apesar do autor não utilizar a perspectiva de classes, duas posições são importantes de serem definidas na sociedade: os dominantes e os dominados.

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as frações dominantes, cujo poder assenta no capital econômico, têm em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da próprias produção simbólica, quer por intermédio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes por acréscimo, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detêm por delegação; a fração dominada (letrados ou ‘intelectuais’ e ‘artistas’, segundo a época), tende sempre a colocar o capital específico a que ela deve a sua posição, no topo da hierarquia dos princípios de hierarquização (BOURDIEU, 1989, p. 12).

Esse processo faz com que as classes do espaço social travem constantemente uma luta simbólica a respeito da percepção do mundo com a finalidade de estabelecer quem possuirá o monopólio do poder e da violência simbólicos (BOURDIEU, 1989).

Essas lutas simbólicas podem ocorrer por meio de relações objetivas e relações subjetivas. Da forma objetiva, os agentes atuam individual ou coletivamente para demonstrar e afirmar as representações existentes no espaço social. De forma subjetiva, os agentes agem com o objetivo de modificarem as estruturas cognitivas, as ideologias e as categorias de percepção deste espaço social (BOURDIEU, 1996).

Para reproduzir essas relações objetivas e subjetivas, não são só utilizadas ações claramente visíveis voltadas à violência e à agressão, mas ações invisíveis, tidas como naturais e que podem estar situadas em todos os espaços da sociedade. Estas últimas serão retratadas no próximo capítulo.

## 2.5 PODER, CAPITAL E VIOLÊNCIA SIMBÓLICOS

O poder não envolve somente ações voltadas à violência e à agressão e que podem ser percebidas claramente nas relações seja entre agentes/agentes, agentes/instituições, instituições/instituições, mas pode estar situado em todos os espaços da sociedade em formas de ações tidas como naturais, conforme retrata Bourdieu:

Num estado do campo em que se vê o poder por toda a parte, como em outros tempos não se queria reconhecê-lo nas situações em que ele entrava pelos olhos dentro, não é inútil lembrar que - sem nunca fazer dele, numa outra maneira de o dissolver, uma espécie de 'círculo cujo centro está em toda a parte e em parte alguma' - é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto, reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem (BOURDIEU, 1989, p. 7).

O poder simbólico é “o poder político por excelência” em que os dominantes utilizam-se de símbolos, categorias de percepção, pensamentos e palavras para mobilizar os dominados a exercerem determinadas ações, reconhecidas como corretas (BOURDIEU, 1989; BOURDIEU; 2004; BOURDIEU, 2010). Ou seja, o poder simbólico é o poder que os dominantes têm de dissuadir e persuadir os dominados a realizarem o que é desejado.

Como decorrência do tema poder simbólico, há o tema violência simbólica, que Rosa (2007, p. 40) descreve, com base em Bourdieu, como a representação de uma

[...] forma de violência invisível que se impõe numa relação do tipo subjugação-submissão, cujo reconhecimento e a cumplicidade fazem dela uma violência silenciosa que se manifesta sutilmente nas relações sociais e resulta de uma dominação cuja inscrição é produzida num estado dóxico das coisas, em que a realidade e algumas de suas nuances são vividas como naturais e evidentes. Por depender da cumplicidade de quem a sofre, sugere-se que o dominado conspira e confere uma traição a si mesmo.

Este tipo de violência está associado também a um processo em que a relação de dominação e de submissão pode ser reconhecida como uma dívida, criando um sentimento de encantamento e afeição entre os envolvidos, como por exemplo as relações entre homens e mulheres. Portanto, para Bourdieu (2010, p. 7) a violência simbólica envolve uma

[...] violência suave, insensível, invisível, a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias públicas simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.

Este tipo de violência se dá por meio do conhecimento e da adesão dos dominados, através da aceitação às regras, às sanções, aos direitos e às práticas linguísticas (VASCONCELLOS, 2002; BOURDIEU; WACQUANT, 2005). Desta forma, Bourdieu e Wacquant (2005) destacam que para ocorrer este tipo de dominação, poder e violência, há a necessidade de atos de reconhecimento e desconhecimento. No reconhecimento os agentes possuem e constroem categorias de percepção do mundo, o que faz com que o aceitem como natural atribuindo-o sentido. O desconhecimento refere-se ao fato de que os agentes reconhecem a existência de determinados fatores de violência (como a *doxa*), mas não os contradizem.

O capital simbólico, neste tema, exerce papel fundamental sendo o princípio objetivo da violência simbólica e podendo este conceito ser utilizado para a resolução de diversos problemas. Desta forma, o capital simbólico envolve questões relacionadas à honra, aos prestígios e à reputação que são percebidos como de valor (BOURDIEU 1996; BOURDIEU, 2010). Esta noção pode ser descrita como

Uma propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital, físico, econômico, cultural, social), percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las (percebê-las) e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor. (Um exemplo: a honra nas sociedades mediterrâneas é uma forma típica de capital simbólico que só existe pela reputação, isto é, pela representação que os outros se fazem dela, na

medida em que compartilham um conjunto de crenças apropriadas a fazer com que percebam e apreciem certas propriedades e certas condutas como honrosas ou desonrosas) (BOURDIEU, 1996, p. 107).

A *doxa*, assim como na noção de campo, está associada à questão da violência simbólica. A *doxa* aqui não se apresenta apenas como crenças, valores e imposições incontestáveis por parte dos participantes, atuantes e novos entrantes no campo, mas como um ponto de vista que os dominantes estabelecem como universal, uma forma natural de aceitação e condicionamento desses fatores, representando assim uma forma de conservadorismo (BOURDIEU, 1996; BOURDIEU; WACQUANT, 2005; BONNEWITZ, 2003). O que pode ser verificado na violência simbólica sobre as mulheres, no qual por aceitação de critérios estabelecidos pelos dominantes (os homens) elas se apresentam como submissas, tendendo a excluírem-se de atos, atividades e cerimônias públicas, assim como, de participação em decisões fundamentais para o funcionamento da sociedade (BOURDIEU, 2010; BOURDIEU; WACQUANT, 2005).

Para os dominantes estabelecerem esses critérios como naturais são necessários dois fatores: a racionalização e a linguagem. A racionalização envolve a aplicação de valores e categorias do ponto de vista universal, geral e em massa, que na maioria das vezes são estabelecidos por relações de força por parte de agentes no campo intelectual e cultural. A linguagem remete à “a definição daquilo que é legítimo passa por ‘querelas de palavras’. Nomear as coisas deste modo e não daquele é fazê-las existir de outra forma ou até abolir a sua existência” (BONNEWITZ, 2003, p. 100).

A difusão desta *doxa* pode ser feita através de instituições dependendo do poder que elas têm de nomeação, ou seja, do poder que possuem de estabelecer títulos e rótulos para consagrar certos agentes e outras instituições por meio de seus ritos, linguagens e ações (BONNEWITZ, 2003). Destarte, as instituições apresentam-se como

[...] instâncias de poder cujo papel é instituir a realidade, fazer existir oficialmente relações e consolidá-las. Elas podem impor, em seus terrenos respectivos, definições legítimas da realidade a agentes que lhes dão, antecipadamente, um crédito total. As instituições se servem da autoridade que detêm para acreditar ou não as pretensões dos agentes à posse de tal ou tal propriedade. Elas repousam na desvalorização das crenças adversas. Certos atores sociais estão em situação privilegiada para impor o seu sistema de representação, porque controla, ou pelo menos exercem uma

influência especial em instâncias de socialização como a escola, as organizações religiosas ou políticas, a mídia (BONNEWITZ, 2003, p. 101).

O Estado representa uma dessas instituições, apesar de estar reduzindo suas atribuições e ações na vida social em certas áreas como: habitação, escola e hospitais públicos, entre outros. Isto é, ainda que este Estado “do qual se podia esperar pelo menos a garantia do serviço público, assim como do serviço aberto e oferecido a todos sem distinção” (BOURDIEU, 1998a, p. 10) esteja diminuindo seus “deveres” e provocando assim revoltas e desespero por parte dos agentes, os governantes possuem inclinação a desenvolver o campo simbólico com seus fatores seja a dominação, violência e capital simbólico (BOURDIEU, 1998a; BOURDIEU, 19996).

Assim, o Estado detém uma união entre dois tipos de violência: uma voltada para a força física e outra para a simbólica. A violência física está associada à aplicação da força através de forças de coerção, que no Estado os únicos que podem exercê-la é um grupo especializado, centralizado, disciplinado e reconhecido, que possui um mandato para tal (BOURDIEU, 1996). E a violência simbólica sendo aplicada objetivamente, por meio de estruturas e mecanismos específicos e subjetivamente através de esquemas mentais de percepção e pensamento (BOURDIEU, 1996).

O Estado, além de concentrar capital simbólico, também envolve outros tipos de capitais (de força física, econômico, cultural ou de informação), fazendo com que possua uma espécie de metacapital denominado, um capital propriamente estatal, que possui poder sobre os outros capitais. Os agentes que dispõem de determinadas espécies de capitais e estão situados no campo de poder desejam e lutam pelo poder do Estado, pois assim vão possuir domínio sobre os capitais e, desta forma, sobre o espaço social por meio da violência física e simbólica (BOURDIEU, 1996; BOURDIEU; WACQUANT, 2005).

Bourdieu e Wacquant (2005, p. 128) evidenciam que a luta e a resistência a esta forma de dominação pode existir, de forma que

*[...] os dominados, em qualquer universo social, sempre podem exercer uma certa força enquanto que pertencer a um campo significa por definição ser capaz de produzir efeitos nele (ainda que seja só para gerar reações de exclusão por parte daqueles que ocupam posições dominantes).*

Assim os movimentos que desejam contrapor a ordem simbólica dominantes-dominados estabelecida tem grande importância pois são formas de contestação de interesses instituídos, do que parece óbvio e indiscutível, como movimentos feministas, políticos, sindicais, sociais, entre outros (BOURDIEU, 2003).

A dominação masculina representa para Bourdieu (1998) a maior forma de dominação simbólica e a análise que o autor realiza envolve três fatores. O primeiro fator se refere a esquecer da existência das oposições que envolvem: coerção/consentimento, imposição externa/desejo interno, constrangimento/resistência.

No segundo fator Bourdieu (1998) destaca que esta violência baseia-se em uma teoria disposicional da ação, em que apesar dos homens e mulheres construírem de alguma forma o mundo social e seus *habitus*, o realizam por meio de formas e categorias já existentes, incluindo as questões de: gênero, raça, classe e outras distinções.

E o terceiro fator está associado à idéia de envolver não só uma análise simbólica, mas também uma análise materialista da ordem simbólica, em que este ordem

[...]apoia-se sobre a imposição, ao conjunto dos agentes, de estruturas cognitivas que devem parte de sua consistência e de sua resistência ao fato de serem, pelo menos na aparência, coerentes e sistemáticas e estarem objetivamente em consonância com as estruturas objetivas do mundo social (BOURDIEU, 1996, p. 118).

O autor utiliza a lógica de uma economia baseada nas trocas simbólicas, baseando-se não só nas formas de reconhecimento e cognição dos agentes, mas também como esta ordem influencia nos modos de produção, ou seja, “na assimetria fundamental entre homens e mulheres, instituída na construção social de parentesco e casamento: a assimetria entre sujeito e objeto, agente e instrumento” (BOURDIEU, 1998, p. 24).

O poder simbólico é o poder de fazer os outros realizarem diversas tarefas ou atribuições sem a utilização da forma física. Como decorrência deste tipo de poder há a violência simbólica e o capital simbólico (reconhecimento e honra). A *doxa* e a utilização de instituições, como o Estado, são formas de utilização do poder simbólico pelos dominantes. E um exemplo claro da dominação simbólica é a dominação dos homens sobre as mulheres em algumas culturas.

## 2.6 RESPONSABILIDADE SOCIAL CORPORATIVA - RSC

Ao longo da última década o tema responsabilidade social corporativa tem sido muito abordado e discutido tanto na sociedade quanto no âmbito acadêmico. Diversos são os autores que discorrem a respeito das abordagens, conceitos e evoluções do referido tema.

Para iniciar a descrição deste tema é importante relatar seu surgimento. Segundo Tenório (2006) a evolução da responsabilidade social se divide em dois momentos: o primeiro estende-se do início do século XX até a década de 1950; o segundo compreende da década de 50 até os dias atuais.

O primeiro período é caracterizado por uma sociedade em transição do primeiro setor (agrícola) para o segundo (industrial), obtendo maior vantagem no que tange a tecnologia e aplicação da ciência na organização do trabalho (TENÓRIO, 2006).

Neste período, o regime econômico era o liberalismo, no qual o Estado é o responsável pelo desenvolvimento de ações sociais, pela proteção da propriedade e pela promoção da concorrência. O único objetivo e função social da organização era a maximização do lucro, promovendo geração de valor para o acionista, pagando os impostos devidos e criando empregos (TENÓRIO, 2006).

O trabalho deixou de ser artesanal, no qual o processo era realizado por um único trabalhador, desenvolvendo um produto de cada vez, para se basear na especialização da tarefa, na qual cada trabalhador possuía sua tarefa bem definida. Essa alteração no processo produtivo foi fundamental para a evolução da Responsabilidade Social Corporativa, quando a sociedade passou a perceber que havia diversos fatores que alteravam a qualidade de vida do trabalhador, como por exemplo longas jornadas, incentivando-os a exigirem seus direitos (TENÓRIO, 2006).

O segundo momento tem início quando os Estados Unidos implementaram o *New Deal*, em 1933, limitando as práticas liberais, auxiliando a economia a se desenvolver. Algumas das características deste período envolve o fato de que o Keynesianismo torna-se o principal pensamento da época e sua política de intervenção do Estado traz consigo uma diminuição das incertezas do mercado. Desta forma, as empresas começaram a investir em tecnologia, acumularam

capital e consolidaram o modelo de produção em massa, assim desenvolvendo-se a sociedade pós-industrial (TENÓRIO, 2006).

Na sociedade pós-industrial, o papel das empresas passa a ser ampliado, não tendo como objetivo apenas a maximização do lucro, mas também o aumento da qualidade de vida, a valorização do ser humano, o respeito ao ambiente, a organização empresarial de múltiplos objetivos, e a valorização das ações sociais, tanto das empresas quanto dos indivíduos (TENÓRIO, 2006).

Inicia-se a formação da visão de que as organizações estão inseridas em um contexto e que este exerce ou pode exercer influência sobre a mesma, por meio de diversos agentes sociais, comunidade e sociedade (TENÓRIO, 2006).

Neste momento o acionista passa a ter um menor poder, devido às grandes necessidades das empresas em investirem em recursos, capacitação dos funcionários, desenvolvimento de produtos e ações sociais (como redução do desemprego) (TENÓRIO, 2006).

Depois dois períodos acima descritos, foi na década de 50 que surgiram as primeiras teorias a respeito de responsabilidade social, contudo somente a partir dos anos 70 que a atuação social ganhou destaque tanto nos Estados Unidos quanto em parte da Europa (TENÓRIO, 2006; TORRES, 2003).

No Brasil, as primeiras discussões foram feitas pela Associação dos Dirigentes Cristãos de Empresas (ADCE), em meados de 1970, mas somente no final de 1980, algumas organizações começaram a atuar e intensificar o discurso a respeito de questões sociais e ambientais. Ao longo dos anos foram criadas instituições, fundações, organizações e métodos para institucionalizar a responsabilidade social corporativa (ASHLEY, 2005; TORRES, 2003)

Quanto ao conceito de responsabilidade social corporativa, para Carroll (1979 *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 71) ela consiste nas expectativas econômicas, legais, éticas e filantrópicas que as sociedades esperam que uma organização produza em um determinado momento.

Segundo o Banco Mundial (2007 *apud* OLIVEIRA, p. 72),

Responsabilidade social corporativa é o compromisso das empresas em contribuir para o desenvolvimento econômico sustentável do trabalho com os empregados, suas famílias, a comunidade local e a sociedade como um todo a fim de melhorar suas vidas de maneira que seja bom para os negócios e para o desenvolvimento.

Já Daft (1999 apud PEREIRA; CAMPOS FILHO, 2006, p. 4) afirma que a RSC faz parte das decisões da organização, a partir do momento em que a mesma tem de analisar como afetarão ou contribuirão para o bem-estar e os interesses da sociedade e da empresa.

O Instituto Ethos (<[www.ethos.org.br](http://www.ethos.org.br)>) demonstra um conceito mais abrangente adotado pelo presente trabalho, como sendo:

Responsabilidade social empresarial é a forma de gestão que se define pela relação ética e transparente da empresa com todos os públicos com os quais ela se relaciona e pelo estabelecimento de metas empresariais que impulsionem o desenvolvimento sustentável da sociedade, preservando recursos ambientais e culturais para as gerações futuras, respeitando a diversidade e promovendo a redução das desigualdades sociais.

Neste trabalho é importante diferenciar três conceitos, sendo: ação social; responsabilidade social empresarial e filantropia. A responsabilidade social empresarial consiste em “atitudes, ações e relações com um grupo maior de partes interessadas (*stakeholders*) como consumidores, fornecedores, sindicatos e governo” (OLIVEIRA, 2008, p. 66). Já a filantropia envolve uma caridade, um ato de bondade, no qual a organização não espera um retorno (BARBOSA et al, 2007).

A ação social envolve “doações ou projetos sociais que beneficiam alguns grupos, como comunidades, famílias de empregados, escolas ou organizações não-governamentais” (OLIVEIRA, 2008, p. 66). Para Weber (2005) e Dias (2005) ação social é uma ação que se fundamenta pela conduta ou comportamento de outros indivíduos, como por exemplo: comprar um sapato, orienta-se pela opinião ou um conjunto de opiniões de outras pessoas. Contudo, “nem todo tipo de contato entre pessoas tem caráter social, senão apenas um comportamento que se orienta pelo comportamento de outra pessoa” (WEBER, 1991 apud DIAS, 2005, p. 11).

A ação social segundo Weber (2005) e Dias (2005) pode ser determinada de quatro formas:

- a) Ação social racional em relação aos fins – corresponde as ações determinadas conforme o fim desejado e orientado pelos meios necessários. Por exemplo: comprar um televisão pois esta possui um custo dentro do estabelecido ou porque o tamanho da mesma é ideal para o local onde deseja colocá-la;

- b) Ação social em relação a valores – refere-se às ações baseadas nos valores que a sociedade estabelece para o que se deseja possuir. Por exemplo: comprar um televisor devido à marca, pois possui um valor social no grupo em que o indivíduo está situado;
- c) Ação estritamente afetiva – corresponde às ações que ocorrem devido aos sentimentos e emoções dos indivíduos. Por exemplo: escolher determinado produto devido ao gosto que possui sem se importar com marca, especificações técnicas, entre outros fatores;
- d) Ação estritamente tradicional – são as ações que estão ligadas à tradição e ao costume e acontecem devido a uma longa prática. Por exemplo: escolher uma namorada devido à tradição familiar que possui.

Uma ação social na maioria das vezes não é orientada por uma ou outra forma descrita acima. Não necessariamente todas as ações sociais estão situadas nestas formas, já que, o objetivo deste conceito para Weber é entender a organização da sociedade humana e da vida social (WEBER, 2005; DIAS, 2005).

Desta forma, o conceito de responsabilidade social está fundamentado em questões éticas tanto no âmbito interno da organização, como, por exemplo, no respeito aos trabalhadores, quanto no externo, sendo consumidores, clientes, fornecedores, entre outros, denominados *stakeholders* (SOARES, 2004).

No entanto, essas boas intenções desmontadas na postura socialmente responsável podem envolver um “discurso cobertura”, utilizando-se do discurso para não deixar transparecer razões podendo até apontar para contradições entre as ações sociais e as práticas organizacionais que não são assumidas publicamente e muito pouco questionadas na academia (SOARES, 2004).

O discurso, segundo Borges, Miranda e Valadão Junior (2007), influencia a subjetividade do indivíduo por meio do uso e da associação a símbolos, metáforas e narrativas. “O discurso não apenas representa o mundo, mas lhe dá sentido, constituindo e construindo um significado. Portanto, o discurso é uma prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, 2005; DIJK, 2000, 2006 *apud* BORGES, MIRANDA E VALADÃO JUNIOR, 2007, p. 104).

Assim, as organizações ao comunicarem seu discurso nas diversas mídias afetam a subjetividade, podendo desenvolver, criar ou transformar tanto a

perspectiva quanto as questões sociais (BORGES, MIRANDA E VALADÃO JUNIOR, 2007).

Já Srour (1998 apud SOARES, 2004, p. 7) destaca que não só as vantagens, no que tange o discurso a respeito de responsabilidade social, é o que faz as organizações envolverem-se com este tema, mas o fato de que as empresas bem como suas parceiras estão envoltas em relações de poder. Desta forma, “os *stakeholders* podem se mobilizar e retaliar a empresa que desrespeite normas básicas do trato com a sociedade” (SROUR, 1998 apud SOARES, 2004, p. 7).

Soares (2004) fez um levantamento e leitura de diversos trabalhos acadêmicos a respeito dos diversos discursos de responsabilidade social e distinguiu três tipos de discursos. O primeiro é o explícito, que corresponde às informações que as organizações demonstram abertamente para os trabalhadores, grande público assim como os consumidores da marca.

O segundo é o discurso pronunciado reservadamente, no qual se aborda questões públicas, mas que não estão disponíveis para a população em geral, normalmente, estão situadas em trabalhos e publicações acadêmicas, como por exemplo a melhor estratégia de responsabilidade social a ser implementada pela organização, vantagens e desvantagens de adotar ações sociais, entre outras (SOARES, 2004).

O terceiro é o não-dito, compreendendo a análise crítica dos discursos, envolvendo questões relacionadas a ideologia, legitimação e poder, tentando associar um interesse individual da organização a uma razão tida como legitimada coletivamente (SOARES, 2004).

Sendo assim, muitas organizações no Brasil utilizam no seu discurso o conceito de responsabilidade social, ação social ou filantropia com o objetivo de fundamentar sua prática ou oferecer uma contrapartida para a sociedade. Este conceito e este discurso será analisado também no estudo de caso (Capítulo 4).

## 2.7 SUPORTE TEÓRICO PARA A ANÁLISE

Os conceitos têm de ser definidos *a priori* para guiar a pesquisa. Essa idéia envolve “um conjunto geralmente aceito de significados ou características associados com certos fatos, objetos, condições, situações e comportamentos” (COOPER; SCHINDLER, 2001, p. 52). A classificação de determinado objeto ou fato

pode criar conceitos assim como a determinação e a clareza na definição dos conceitos e a perspectiva de como são observados pelos outros podem auxiliar o pesquisador a criar diversas categorias e a interpretar o objeto.

A presente dissertação realizou uma contextualização a respeito da teoria de campo e poder simbólico de Pierre Bourdieu. Contudo, a partir de pesquisas anteriores realizadas pela autora percebeu-se que seria importante focar nas relações de poder existentes no discurso de ação social da REDUC em Duque de Caxias. Para atender a esse objetivo a teoria mais indicada seria a relacionada a poder e capitais simbólicos.

Sendo assim, a partir do referencial teórico do presente trabalho, baseado na perspectiva de Bourdieu, percebe-se que poder simbólico é o poder de fazer com que o outro realize o que se deseja através de palavras e símbolos sem a utilização de mecanismos de coerção. Como nas forças armadas, um símbolo ou uma patente serem o suficiente para definir as tarefas e os cargos desenvolvidos por cada indivíduo, independente da sua competência.

Este tema tem como decorrência outro conceito que é o de violência simbólica que envolve uma violência invisível que vai além da utilização da força coercitiva. O que define o papel de dominados e dominantes na violência simbólica é o capital simbólico que cada agente possui e a *doxa* existente entre eles. O capital simbólico refere-se as questões relacionadas à honra, aos prestígios, ao reconhecimento, à reputação. Já a *doxa* são opiniões, pensamentos e valores estabelecidos por determinados agentes e institucionalizados como verdadeiras para todos transcendendo a individualidade e o conhecimento, não sendo passíveis de questionamento e discussão.

Além da utilização destes temas, é preciso compreender as diferenças existentes entre a responsabilidade social e a ação social. A responsabilidade social refere-se as ações e práticas que beneficiem todos os grupos os quais a organização está ligada, como: consumidores, fornecedores, sindicatos e governo, contribuindo assim para o desenvolvimento sustentável da localidade. Já a ação social São ações ou projetos sociais que beneficiem apenas alguns grupos como: comunidades, funcionários, organizações não-governamentais.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 DEFINIÇÃO DA PESQUISA

Decidir qual metodologia utilizar em uma pesquisa é um processo complicado que abrange dois fatores. O primeiro é ter claro o que se deseja descobrir, isto é, qual o problema do trabalho. O segundo é analisar qual a melhor abordagem para descrever e resolver o almejado. Tal abordagem pode ser classificada como quantitativa ou qualitativa. A pesquisa quantitativa envolve a utilização de métodos e técnicas estatísticos ou levantamentos a respeito de determinado tema ou questionamento, garantindo a objetividade e permitindo a generalização. Contudo, apesar das estatísticas serem bastante úteis em determinadas ocasiões, podem esconder processos sociais fundamentais para entender comportamentos nas situações cotidianas. Para se atingir esse último objetivo utiliza-se a pesquisa qualitativa. Esta abordagem garante ao pesquisador maior flexibilidade para adequar as teorias aos fenômenos estudados, ajuda a criar descrições mais fundamentais bem como permite estudar contextos locais com características próprias (SILVERMAN, 2009; VIEIRA; ZOUAIN, 2006).

Outro fator de muita relevância na diferenciação da pesquisa quantitativa e qualitativa é o binômio objetividade-subjetividade. Assim, por mais que uma pesquisa seja mais objetiva ou subjetiva que a outra é fundamental a inclusão das duas perspectivas no estudo. No caso da pesquisa qualitativa, há uma exigência da utilização da subjetividade do pesquisador, mas esta pode apresentar objetividade nas perguntas, nos conceitos, nas variáveis e na descrição dos procedimentos de campo, que até podem ser replicados em outra pesquisa (VIEIRA; ZOUAIN, 2006).

O problema a ser desenvolvido no presente trabalho é: quais são e como se apresentam e disseminam os discursos e as práticas de ação social da Refinaria Duque de Caxias (REDUC – PETROBRAS) no Município de Duque de Caxias? A fim de obter a resposta a esse problema de pesquisa, é necessário identificar as relações e os processos existentes entre as organizações, as instituições e os indivíduos no que diz respeito às práticas de ação social da REDUC, bem como aos fatores para a interação, entrada e conservação das suas posições. Portanto, pode-se utilizar de estatísticas para fazer comparações e subsidiar a pesquisa, porém o mais importante será a descrição e a interpretação das informações e sua

correlação com a teoria.

O delineamento da pesquisa será feito por meio de estudo de caso, o qual pode ser descrito como “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2001, p. 32).

Neste método há uma grande busca de dados à respeito de um evento, situação ou processos específicos definidos como casos (únicos ou diversos) para assim compreender e descrevê-los utilizando diferentes métodos de coletas de informações (CHIZZOTTI, 2006).

O estudo de caso, de acordo com Chizzotti (2006, p. 138), é importante para

[...] identificar características de um tema de pesquisa ou como estudo piloto de um projeto de pesquisa, [...] identificar o contexto do objeto a ser estudado ou refinar a adequação de instrumentos de pesquisas, tais como questionários, roteiro de entrevista ou [...] testar hipóteses ou gerar idéias mais consistentes para realizar pesquisas posteriores.

Após a definição do tipo de abordagem e o delineamento da pesquisa é necessário determinar os sujeitos a serem abordados. O sujeito “refere-se àquelas pessoas a serem entrevistadas ou observadas, e, no caso da pesquisa em instituições, também se refere àqueles que devem autorizar ou facilitar o acesso” (FLICK, 2004, p. 70). A escolha dos sujeitos da pesquisa é fundamental, exigindo do pesquisador grande conhecimento do objeto em estudo. Para o presente trabalho, a técnica utilizada para a escolha será a de acessibilidade. Esta técnica não envolve nenhum método estatístico, mas sim a seleção através do acesso aos entrevistados, ou seja, aqueles que possuem tempo e conhecimento a respeito do objeto que está sendo estudado (VERGARA, 2004).

### 3.2 MÉTODOS DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, o presente trabalho irá utilizar a entrevista semi-estruturada. Este tipo de entrevista é importante porque “é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento relativamente aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário” (FLICK, 2004, p. 89).

A entrevista semi-estruturada possibilita que o entrevistado responda de forma livre as diversas perguntas sempre orientadas para o objetivo e problema de pesquisa. Permite ainda que o entrevistador disponha de perguntas mais ou menos abertas, mude a sua ordem e as exclua se já foram respondidas e que surjam outras não pensadas a partir de colocações dos entrevistados. Desta forma, será empregada um método parcialmente padronizada com um roteiro pré-determinado que pode sofrer alterações ao longo da entrevista exigindo alta sensibilidade e treinamento do pesquisador (DIEHL; TATIM, 2004; FLICK, 2004).

Para realizar este processo e facilitar a análise dos dados é importante utilizar a documentação. A presente pesquisa fará uso de um aparelho gravador de áudio (MP3), devendo-se observar que “o pesquisador deve limitar sua gravação àquilo que for absolutamente necessário para a sua questão de pesquisa – tanto em termos de quantidade de informações que serão gravadas, quanto da eficácia da gravação” (FLICK, 2004, p. 180).

Outra técnica para coleta de dados a ser utilizada será a observação, que consiste não só em observar o entrevistado e o que está sendo tratado, mas também os fenômenos e fatos que acontecem ao redor do entrevistado podendo regular seus comportamentos, e assim como outros métodos deve ser validado por meio de mecanismos de controle e planejamento (DIEHL; TATIM, 2004).

Como mecanismos de controle e planejamento utilizam-se as anotações de campo ou notas de campo, as fichas de documentação. As anotações de campo devem possuir informações fundamentais das respostas dos entrevistados, a respeito dos acontecimentos durante as entrevistas e suas impressões ao final dela. As fichas de documentação são importantes, pois descrevem informações que podem influenciar a pesquisa como: local, data, duração, cargo do entrevistado, tempo nas instituições, entre outros (FLICK, 2004).

A observação foi utilizada na pesquisa a partir das duas visitas realizadas a Campos Elíseos, 2º distrito de Duque de Caxias. Depois de cada visita foi feito um relatório para descrever o que a pesquisadora observou no campo.

Além dos dados verbais que serão obtidos com os diferentes agentes e instituições por meio de entrevistas semiestruturais com as devidas transcrições, serão obtidos dados bibliográficos, documentais e históricos a respeito do objeto do estudo, no caso as práticas de ação social da Refinaria Duque de Caxias (REDUC – PETROBRAS) na referida região.

É importante destacar que todos os roteiros de entrevistas foram baseados nas categorias destacadas no capítulo 3.4. Sendo assim foram construídos diversos modelos, dentre os quais:

- a) Um roteiro inicial para os responsáveis da REDUC, com intuito de conhecer as práticas de responsabilidade social da organização.
- b) Um roteiro para os parceiros da REDUC nos projetos sociais, para tomar conhecimento das ações desenvolvidas do ponto de vista dos parceiros;
- c) Um roteiro para o responsável da secretaria de desenvolvimento, para conhecer de que forma o governo interagia nos projetos sociais da REDUC;
- d) Um roteiro para os moradores de Campos Elíseos ou Duque Caxias que não participaram de nenhum projeto social da REDUC, com o objetivo de conhecer a imagem que os moradores possuem da organização.
- e) Um roteiro para os moradores de Campos Elíseos ou Duque Caxias que participaram de algum projeto social da REDUC, com o objetivo de conhecer de que forma o entrevistado conheceu este projeto e em que o auxiliou na vida pessoal e profissional;
- f) Um roteiro para o responsável do posto de saúde de Campos Elíseos, com o objetivo de conhecer a infraestrutura e a saúde nesta região;
- g) Um roteiro final para os responsáveis da REDUC levando em consideração todas as informações já obtidas no campo.

### 3.3 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Quando terminada a coleta de dados todo pesquisador percebe uma quantidade imensa de informações à respeito da pesquisa na forma de depoimentos, notas, entrevistas, anotações de campo, fichas de documentação (DIEHL; TATIM, 2004). Portanto é necessário realizar a análise de dados adotando um ou mais métodos para assim interpretar e aliar o que foi descrito na teoria com as informações da pesquisa.

Segundo Creswell (2007, p. 194) esse procedimento “envolve preparar os dados para análise, conduzir análises diferentes, aprofundar-se cada vez mais no entendimento dos dados, fazer representação dos dados e fazer uma interpretação do significado mais amplo dos dados”.

O método a ser utilizado para a análise será a triangulação, que consiste em verificar diversos pontos de perspectivas de diferentes indivíduos ou instituições e pressupõe uma análise interpretativa das informações. Esse método tem três tipos de aplicações: de dados, de pesquisadores, de teorias e de métodos. O presente projeto adotará a triangulação de dados, referindo-se ao “estudo de um fenômeno a partir de diferentes momentos (tempos), local (espaço) e pessoas (informantes)” (VERGARA, 2005, p. 258).

Creswell (2007) estabelece uma proposta de análise de dados com seis passos genéricos, que será adotada neste trabalho. O primeiro passo refere-se a organizar e preparar os dados, digitalizando as anotações, transcrevendo as entrevistas e separando e classificando os dados secundários que poderão ser utilizados. O segundo envolve a leitura de todos os dados tentando estabelecer uma síntese e uma reflexão geral a partir do grande número de informações, podendo iniciar algumas considerações.

O terceiro corresponde a iniciar o processo de análise detalhada com uma codificação ou categorização, que envolve a separação de determinados elementos comuns em grupo ou agrupamentos genéricos, podendo ser: exaustiva, integrar todos os elementos embora nem sempre seja possível; mutuamente exclusiva, na qual cada elemento deve estar presente somente em uma categoria; objetivas, definida de forma precisa; pertinentes, estar associada direta ou indiretamente ao objetivo e problema de pesquisa (CRESWELL, 2007; VERGARA, 2005).

A codificação pode ser dividida em: aberta, em que são definidas grandes categorias com uma palavra complexa em determinadas partes do texto; axial, no qual são definidas subcategorias a uma categoria aberta; seletiva, identifica se as categorias axiais ainda podem ser agrupadas ou integradas (FLICK, 2002).

O quarto será realizado após a codificação, iniciando-se com a descrição do cenário, das pessoas, do espaço e do campo, podendo os pesquisadores criar códigos, títulos e camadas para uma análise complexa. A descrição corresponde ao “uso de palavras para transmitir uma imagem mental de um fato, uma parte de um cenário, uma cena, uma experiência, uma emoção ou uma sensação; uma história relatada a partir da perspectiva da pessoa que faz a descrição” (STRAUSS; CORBIN, 2008, p. 29).

O quinto envolve a apresentação dos dados e dos temas já classificados, utilizando-se para isso a narrativa qualitativa por meio de representações visuais,

intercalação de citações curtas, longas e interpretações do autor, utilização de cronogramas e metáforas (CRESWELL, 2007).

O sexto passo corresponde à interpretação do pesquisador dos dados, tentando demonstrar quais foram as lições apreendidas com o estudo, qual o entendimento o pesquisador teve, levando-se em consideração sua cultura, sua história e suas experiências, se o objetivo foi atendido e de que forma e existem novas questões a serem respondidas (CRESWELL, 2007).

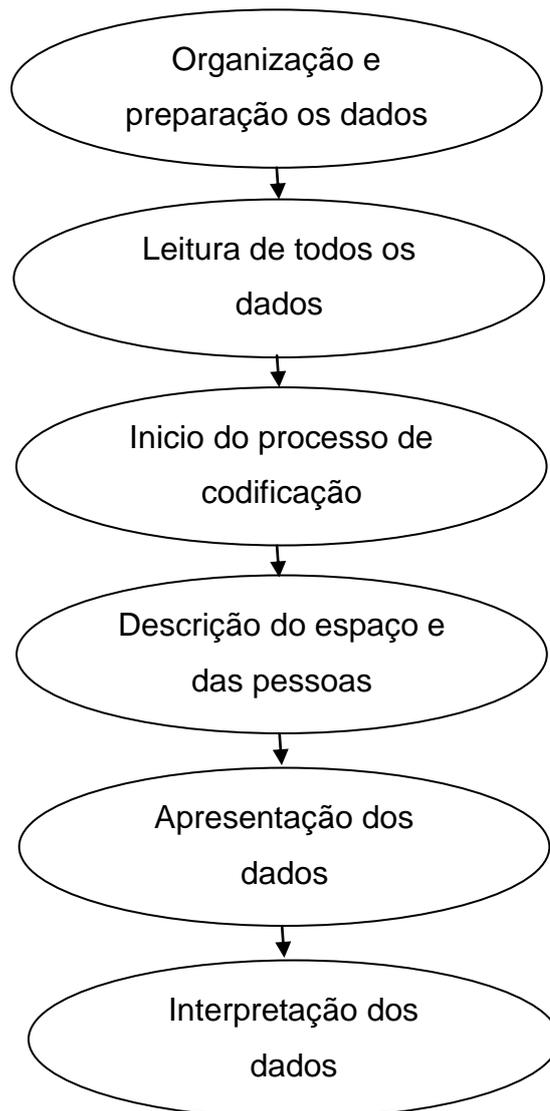


Figura 1: Passos genéricos para a análise e interpretação dos dados

Fonte: elaboração baseada em CREWELL, 2007

Para o exame e interpretação da análise dos dados é importante selecioná-los, apresentá-los e interpretá-los da melhor forma possível para que o leitor obtenha

total conhecimento das informações que serão apresentadas. Para analisar os dados no presente trabalho será realizado uma triangulação entre as perspectivas das instituições e dos moradores e o referencial teórico estudado.

### 3.4 RELATOS DO CAMPO DE PESQUISA

Para conseguir todos os dados para a pesquisa foram realizadas diversas entrevistas e visitas à região de Campos Elíseos. Ao iniciar os trabalhos a pesquisadora decidiu fazer a primeira entrevista com um responsável da REDUC, como não tinha contatos com a área de responsabilidade social da empresa a pesquisadora optou por procurar seu responsável da REDUC no arranjo produtivo local, pois este arranjo já havia sido objeto de estudos de outros trabalhos já realizados por ela. O representante da REDUC, no arranjo produtivo local, ajudou a pesquisadora na realização da entrevista com a responsável pela área de responsabilidade social da REDUC.

Depois disso, percebeu-se que a empresa em questão possuía diversos parceiros em suas ações sociais, então foi decidido procurar alguns desses responsáveis com o objetivo de se conseguir entrevistas e mais informações a respeito dos projetos. Muitos deles foram receptivos e marcaram a entrevista rapidamente como foi o caso da Unigranrio. Outros descreveram que não tinham tempo para atender naquele momento e que ligariam para marcar a entrevista. Entretanto, quando a pesquisadora foi ao estabelecimento do parceiro recebeu pronto atendimento, caso da PROFEC. Mas, alguns não atenderam o telefone e quando optou-se por ir até a sede do parceiro, a mesma estava fechada.

Também foi realizada uma entrevista com o responsável da Secretaria de Desenvolvimento em busca de entendimento sobre a posição do governo. E, com alguns moradores para se conhecer a perspectiva dos que foram e não foram atendidas pelos projetos.

Como o contato estava muito difícil e um dos parceiros tinha sede na região de Campos Elíseos, local em que está localizada a REDUC, a pesquisadora decidiu ir ao local. Ao chegar encontrou uma região calma com poucas pessoas caminhando nas ruas. Entretanto, numa segunda visita, o cenário era outro, encontrou indivíduos com um postura diferente. Em uma terceira visita, a pesquisadora foi a um posto de saúde acompanhada de um contato conhecedor da região e já havia trabalhado no

posto. Contudo, a recepção no local não foi muito boa, os responsáveis pelo estabelecimento não quiseram dar entrevistas e também não permitiram que se entrevistasse as pessoas que estavam no local esperando para serem atendidas.

## 4 ESTUDO DE CASO

### 4.1 INDÚSTRIA DE PETRÓLEO NO BRASIL

O petróleo em seu estado bruto é uma complexa mistura de hidrocarbonetos que variam de acordo com o seu reservatório de origem, podendo assim, conter diferentes contaminações de enxofre, nitrogênio, oxigênio e metais. Apesar de se verificar na sociedade outros derivados de petróleo, o processo para obtê-los é bastante complexo, isto é, o petróleo bruto só pode ser utilizado como óleo combustível. É preciso realizar por meio do seu refino uma série de beneficiamentos para a sua transformação nesses derivados, muitos deles de grande interesse comercial (MARIANO, 2005).

Para descrever a indústria desse material no Brasil é importante reconhecer que o petróleo vem sendo utilizado desde a Antiguidade, contudo, só começou a receber técnicas sofisticadas a partir do século XIX, conforme afirma por Santos (2005, p.16):

A história do Petróleo começa em 27 de agosto de 1859, quando o coronel Edwin L. Drake perfura na localidade de Titusville, na Pensilvânia, EUA, o primeiro poço do mundo com apenas 21 metros de profundidade, mas que tinha uma produção estimada de 1500 litros de petróleo por dia. Não era muito, mas o suficiente, porque naquela época o petróleo era alocado, principalmente, para a produção do derivado querosene, utilizado como fonte de iluminação. Essa descoberta passou a ser marco inicial, a referência mundial quando se fala em exploração de petróleo.

No decorrer do século XIX muitos foram os acontecimentos envolvendo descobertas de novos poços, desenvolvimento de novas tecnologias para refino e perfuração no Brasil e no mundo. A história do petróleo no Brasil inicia-se em 1858, em que o Marquês de Olinda assina um decreto autorizando José Barros Pimentel a extrair um tipo de óleo para a produção de querosene, na localidade de Rio Marau, na Bahia. Em 1859, durante a construção da Estrada de Ferro Leste Brasileiro, é encontrado óleo em Lobato (Salvador) (THOMAS, 2001).

Entre 1864 e 1874 foram dadas várias concessões para a exploração de betume em São Paulo, Rio Claro, região da Bacia do Paraná, Ilheús, Camamú, São Luís e Barreirinhas. Em 1876, fundou-se a Escola de Minas de Ouro Preto o que resolveu parcialmente o problema de mão-de-obra com conhecimento específico na

busca por petróleo (LUCHESEI, 1998). Somente em 1891, pela existência de betume no litoral, começam a ser realizadas pesquisas relacionadas a petróleo. O primeiro poço de petróleo foi descoberto em 1897, por Eugênio Ferreira Camargo, em Bofete (São Paulo), atingindo uma profundidade de 488 metros e produzindo 0,5 m<sup>3</sup> de óleo (THOMAS, 2001)

Em 1907 foi criado o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil (SGMB) que perfurou sem sucesso 63 poços, entre os Estados do Pará, Alagoas, Bahia, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (LUCHESEI, 1998; THOMAS, 2001).

O Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), foi criado em 1933, e sob a sua jurisdição foi iniciada a perfuração do poço DNPM-163, em Labato, Bahia, o primeiro campo de acumulação de petróleo, contudo, este não foi considerado como comercial, até o final deste ano haviam sido explorados 80 poços. Somente em 1941 foi descoberto na mesma região um campo a ser explorado comercialmente (LUCHESEI, 1998; THOMAS, 2001; OS CAMPOS DE PETRÓLEO NO BRASIL, 2010).

Para organizar, estabelecer uma infraestrutura e proporcionar recursos para o setor foi instalado, em 1953, o Conselho Nacional de Petróleo, melhorando a atividade de exploração no Brasil, no qual se percebeu que “a partir de 1941, até 1953, foram descobertos os campos de Candeias, Aratu, Dom João e Água Grande, até hoje os maiores campos terrestres já encontrados no Recôncavo”. Porém, foram observadas no interior do país ainda explorações realizadas sem a devida infraestrutura (LUCHESEI, 1998, p. 21).

Neste mesmo ano, durante o Governo Vargas, foi criada a Petrobras e o monopólio estatal do petróleo foi instituído, o que incentivou a pesquisas a respeito de petróleo (THOMAS, 2001). No seu primeiro ano, a Petrobras atingiu 2,7 mil barris por dia, abrangendo 3% das necessidades nacionais (OS CAMPOS DE PETRÓLEO NO BRASIL, 2010).

Até a década de 70,

[...] as reservas provadas de combustíveis fósseis no Brasil eram bastante limitadas e de baixa qualidade, o que comprometia a viabilidade de exploração. A partir dessa época, quando ocorreram as mais graves crises do petróleo, esforços foram envidados e bons resultados começaram a ser alcançados no sentido de reduzir a dependência de combustíveis fósseis, seja pela substituição de derivados de petróleo por energéticos disponíveis

no país, seja pelo desenvolvimento da atividade de exploração e produção em águas profundas do mar territorial brasileiro (PRATES; COSTA; PASTORIZA, 2005, p. 5).

Assim, em 1968, a Petrobras começa a explorar em alto-mar no Campo de Guaricema (SE), quando, em 1974, é descoberto o primeiro campo na Bacia de Campos, denominado Campo de Garoupa, fazendo com que a produção da empresa atingisse 178 mil barris por dia, aproximadamente 29% do consumo do Brasil (OS CAMPOS DE PETRÓLEO NO BRASIL, 2010). Ainda na década de 70 descobriu-se petróleo no campo de Ubarana, no Rio Grande do Norte (THOMAS, 2001).

A década de 80 foi caracterizada por três fatores: a ocorrência de petróleo em Mossoró (Rio Grande do Norte) o que seria a segunda maior área produtora de petróleo no país depois da Bacia de Campos; as descobertas em águas profundas dos campos de petróleo em Marlim e Albacora, na Bacia de Campos; e as descobertas no Rio Urucu (Amazonas) (THOMAS, 2001). Já na década de 90 houve a descoberta dos campos de Roncador e Barracuda também na Bacia de Campos (Rio de Janeiro) (THOMAS, 2001).

Em 1997, iniciou-se uma nova era do petróleo no Brasil com a lei 9478/97 e a criação de um órgão regulador denominado Agência Nacional de Petróleo (ANP), exigindo que a Petrobras: concluísse seus projetos exploratórios em andamento; e em um prazo de três anos apresentasse produção comercial nas recentes descobertas. A redução de atividade exploratório da Petrobras exigiu a entrada de novas empresas através de processos licitatórios promovidos pela ANP a partir de 1998 (LUCHESE, 1998).

Os campos descobertos no período acima são apresentados na figura 1:

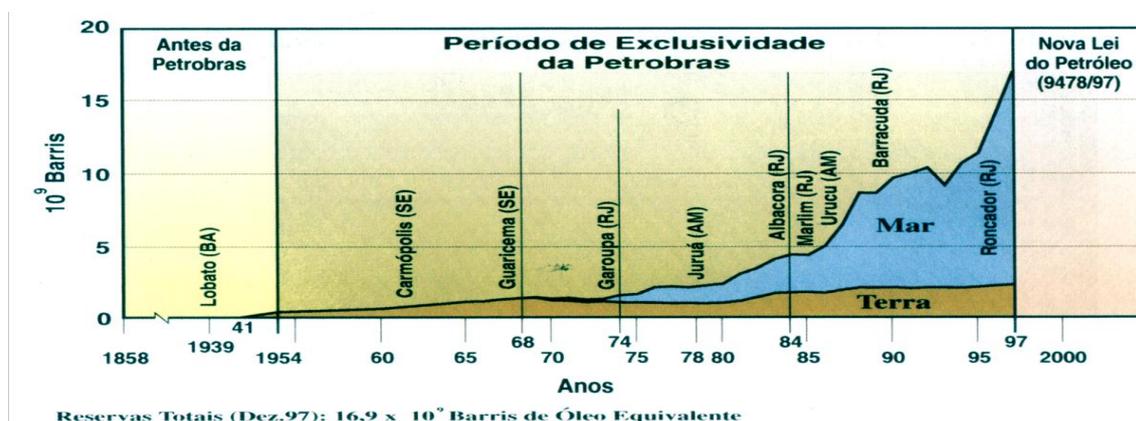


Figura 2: Evolução das reservas: 1858-2000

Fonte: LUCHESE, 1998

A partir de 2005, começou-se a investir no pré-sal, isto é, em uma camada de pedras sedimentadas antes da camada de sal. O primeiro poço envolveu cerca de US\$ 240 milhões, e demorou, aproximadamente, um ano para ser perfurado em um cenário de dificuldade no que diz respeito ao apoio estatal e ao desenvolvimento de parcerias. Em 2008, com maior investimento e preparo, levou-se em torno de 60 dias para a perfuração da camada pré-sal e os custos caíram para US\$ 180 milhões, portanto foram gastos até este ano mais de US\$ 1 bilhão na perfuração de cerca de vinte poços sendo estes testados e avaliados. A proporção de poços, o alto valor comercial deste *commodity* e a quantidade de gás associado faz com esse investimento seja retornado com lucro (CARDOSO, 2008).

Apesar deste crescimento um fator tem de ser levado em consideração nas pesquisas a respeito da indústria do petróleo: o dano ambiental e social causado ao espaço em que está localizada.

A atividade de refinamento e exploração de petróleo marcou a paisagem social e ambiental do Brasil, impondo uma ambigüidade onde está localizada: de um lado, desenvolve-se isoladamente, possuindo mais vínculo com o mercado internacional do que com o local; de outro, se estabelece como um propulsor de riqueza, pela quantidade de empresas que se multiplicam e pelas compensações financeiras que distribui nas localidades afetadas. Apesar dessas compensações, as regiões nas quais essa atividade está presente ainda são percebidas como um espaço de pouca relevância fundamental, servindo somente para a exploração de riquezas (PIQUET; SERRA, 2007).

Portanto, “trata-se de um setor industrial intensivo em capital, causador de pesados danos sobre o meio ambiente e que organiza o espaço de modo extremamente seletivo e globalizado” (PIQUET; SERRA, 2007, p. 10). Essa seletividade pode ser observada a partir da distribuição das compensações financeiras, no qual se verifica municípios milionários convivendo com municípios paupérrimos, principalmente devido a três desafios: as problemáticas na capacidade de planejar os gastos frente à receita obtida; o fato de não desejar incomodar alguns contribuintes com certas compensações visto que as compensações cobrem todos os gastos da prefeitura; a transformação em cidades ‘sem críticas’, na medida em que há uma cooptação de pessoas e instituições para influenciar uns aos outros em prol do que se deseja (PIQUET; SERRA, 2007).

Apesar do desenvolvimento verificado nesta seção, o petróleo não é uma fonte inesgotável de combustível fóssil, em algum momento seja daqui a 10 ou 100 anos este recurso vai chegar ao fim, quando este fato ocorrer será necessária uma reestruturação de toda a sociedade.

## 4.2 O MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS

A história do Município de Duque de Caxias inicia-se no século XVI, com a doação das sesmarias a terceiros. A primeira concessão de sesmarias foi dada a Braz Cubas pelo Governador, em 1568, e correspondia a 3.000 braças de terra de testada na costa do mar e 9.000 de fundos pela margem do rio Meriti, tal descrição equivale atualmente dois municípios fluminenses. Outra parte das concessões foi dada a Cristóvão Monteiro recebendo terras a margem do rio Iguaçu, envolvendo parte do que hoje é denominada Duque de Caxias (VILLAR, 2003; FORTE *apud* IBGE, 2011; TRE, 2008).

No século XVII, mais especificamente em 1637, criou-se a freguesia de Nossa Senhora do Pilar. Nesta freguesia originou-se, a partir da construção de uma igreja dedicada a Nossa Senhora do Pilar, um embarcadouro que possuía um objetivo principal, que era o recebimento e transporte do ouro que vinha da região de Minas Gerais. Esta região colonial transformou-se no “caminho do ouro” substituindo assim a crise vivida devido a plantação canavieira. Durante este século, a região de Minas Gerais era o centro econômico brasileiro (VILLAR, 2003; TRE, 2008).

Segundo Villar (2003) com o deslocamento do centro econômico do Nordeste para o Sudeste do Brasil havia a passagem obrigatória daqueles indivíduos que chegavam ou regressavam de Minas Gerais, sendo esta outra uma das principais funções da região.

Durante os anos de desenvolvimento desta região muitos foram os proprietários que obtiveram uma fortuna considerável para época por meio das lavouras de cana, arroz, milho, mandioca e feijão (IBGE, 2011).

No período que compreende a segunda metade do século XIX, o quadro da região modificou-se principalmente devido a construção da Estrada de Ferro D. Pedro II, que fazia uma ligação entre a capital do império situada no atual Município de Queimados, no qual a maior parte da produção de café passou a ser transportada por essa via (VILLAR, 2003).

Além disso, houve uma grande devastação das matas que

[...] trouxe como resultado a obstrução dos rios e conseqüente extravasamento, com a formação de pântanos, que tornaram a região praticamente inabitável. Abandonadas, as terras, outrora salubres e férteis, cobriram-se rapidamente da vegetação própria dos mangues (IBGE, 2011, p. 2).

Somente em 1886 outra parte do ferrovia, denominada “The Rio de Janeiro Northern Railway”, foi inaugurada e ligava a Cidade do Rio de Janeiro à Estação de Meriti. Na região de Meriti houve um grande estadista chamado Nilo Peçanha que conseguiu trazer água potável, bem como o prolongamento das linhas da Estrada de Ferro até o local do antigo “mangue” na “Praia Formosa”, motivando assim o aumento dos trens e das viagens e melhorando o sistema de transportes da localidade (IBGE, 2011).

A Estação de Meriti tornou-se ainda mais próspera com a abertura da Estrada Rio-Petrópolis (IBGE, 2011). No entanto, na madrugada do dia 06/10/1930 a estação ferroviária que era denominada Merity passou a ser chamada de “Caxias” devido a iniciativa de um grupo de moradores que mudaram a placa da estação (LACERDA, 2003).

Esta mudança deve-se principalmente ao fato de que, segundo Machado (1958 *apud* LACERDA, 2003, p. 10), a região de

Meriti gozava de má-fama, não só pela febre palustre, como pelas arruaças constantes provocadas pelos maus-elementos que vinham fugidos do Rio e aqui eram ‘condignamente’ tratados pelas autoridades meritienses. Existia um carro de aves na Estação servindo de ‘cadeia’, com uma tina de água salgada fora: depois da clássica surra, eram os marginais na tina – e ‘viveiro’ com eles.

Este morador destaca ainda que Meriti estava melhorando, já havia conseguido algum saneamento básico através de Nilo Peçanha, contudo os moradores possuíam um sentimento de mudança, ou seja, não desejavam que o local onde viviam fosse definido como “Meriti do Pavor” (LACERDA, 2003).

A partir deste sentimento, optou-se pela troca da placa de Estação para Caxias em homenagem ao Marechal Luiz Alves de Lima e Silva, que nasceu na região e por sua bravura no exército ficou conhecido como Duque de Caxias (PREFEITURA, 2011).

No início da década de 30, Caxias abrigava cerca de 30 mil habitantes, com a melhoria nos meios de circulação de cargas e passageiros, a economia local foi estimulada desenvolvendo o comércio e instalação de indústrias de pequeno porte, como, por exemplo, fábricas de vidro, móveis, material de limpeza, entre outras. Além desse desenvolvimento, o número de habitantes também aumentava, advindos principalmente de Nordeste e do interior fluminense, em busca de melhores condições visto a expansão da metrópole carioca (LACERDA, 2003).

Ainda na década de 30 a região de Duque de Caxias sofria com a falta de infraestrutura e para reivindicar o interesse público, um grupo de doze moradores fundou em 01/09/1933, a União Popular Caxiense (UPC). A maioria destes fundadores eram homens de propriedades e negócios, jornalistas, médicos e políticos locais que desenvolviam ações voltadas à melhoria do serviço público, ou seja, aqueles que eram sócios desta associação possuíam escola gratuita, auxílio financeiro, no caso de doença, e funeral e auxílio natalidade (LACERDA, 2003; SOUZA, 2003).

A partir da UPC sugeriram outras entidades associativas em Duque de Caxias como a Associação Comercial de Caxias, o Clube Recreativo Caxiense e a Agremiação Esportiva Aliança (LACERDA, 2003).

No início da década de 40, a região de Duque de Caxias começou a desenvolver tecnologia de ponta com a implementação da Fábrica Nacional de Motores (LACERDA, 2003).

Mais tarde, a FNM seria transformada em Sociedade Anônima, passando a fabricar caminhões pesados até a década de 60, quando a cidade começou a se transformar em um grande potencial em termos de comércio e indústria. A FNM seria vendida para a Fiat no final dos anos 70 e atualmente suas instalações abrigam a fábrica Ciferal, de carrocerias de ônibus (PREFEITURA, 2011).

Ainda na década de 40, Caxias, denominada subúrbio-dormitório do Rio de Janeiro, crescia em ritmo acelerado, no entanto, havia uma grande carência relacionadas a saneamento, educação, saúde e segurança, era preciso a presença do poder público e a administração do município em Noiva Iguaçu era muito distante e pouco participativa (LACERDA, 2003).

As principais lideranças de Caxias desejavam a emancipação da região, visando como principais vantagens:

[...] estabelecimento de um governo a ser exercido por gente da terra; a receita tributária municipal seria integralmente ali aplicada; o novo município se habilitaria a receber recursos orçamentários federais e estaduais; possibilidade de contar com representação política local (LACERDA, 2003, p. 17).

Com o crescente desejo dos moradores locais de obter autonomia do município de Nova Iguaçu, no início da década de 40, Amaral Peixoto recebeu um manifesto pró-emancipação. Contudo a reação foi contrária e os manifestantes foram até presos. Nesse documento não havia a presença da assinatura de Tenório Cavalcanti<sup>1</sup>, devido à aliança política dele com o prefeito de Nova Iguaçu que não desejava perder seu 8º distrito e era a região que arrecadava mais impostos (SOUZA, 2003).

A emancipação de Caxias se realizou mediante o controle de interventores estaduais e federais como parte do projeto de reforma administrativa, baseado no discurso do Estado Novo (SOUZA, 2003). “Não descartamos a hipótese da busca do apoio popular que é a meta de qualquer governo. Mas acreditamos que a emancipação do município se deu na tentativa política de organizar o quadro territorial do país” (SILVA, 2003, p. 29).

Somente em 31/12/1943, por meio do Decreto-Lei Estadual nº 1.055 baseado no Art. 6º, nº V, do Decreto-Lei Federal nº 1.202, de 08/04/1939, assinado por Amaral Peixoto (interventor federal no Estado do Rio de Janeiro) foi criado o Município de Duque de Caxias. Este decreto descreve que:

Art. 1º - Fica criado o município de Duque de Caxias, constituído pelos territórios de Duque de Caxias (ex-Caxias), Meriti, Imbariê (ex-Estrela) e parte de Belford Roxo, todos desanexados de Nova Iguaçu.  
Parágrafo único – A sede do novo município fica sendo Duque de Caxias, anteriormente vila de Caxias, elevada a categoria de cidade (MARQUES, TORRES, ALMEIDA, 2003, p. 57).

Contudo, a emancipação do Município de Duque de Caxias não envolveu um “aparato burocrático local com autonomia” e transformou a cidade em um domínio

---

<sup>1</sup> Tenório Cavalcanti um polemico político da região de Duque de Caxias, foi eleito vereador que representou esse distrito na Câmara Municipal de Nova Iguaçu. Tenório ficou conhecido como “o homem da capa preta”, carregava consigo uma metralhadora denominada “Lurdinha”. “Suas ações e as reações se imiscuem num labirinto de violências reais e imaginárias que o alçaram à figura proeminente na política da região” (BAÍA, 2006, p. 23).

de Getúlio Vargas governado por interventores apontados por Niterói, a capital do Estado do Rio de Janeiro (SOUZA, 2003; CANTALEJO, 2008). Para Tenório Cavalcanti o fato dos interventores estarem controlando o município era uma invasão ao seu território, tendo como objetivos principais a disputa de votos, o prestígio político, a acumulação econômica, a garantia de cargo público e maior controle sobre o aparato burocrático (SOUZA, 2003).

Apesar da emancipação e da presença de interventores do governo, havia muita corrupção, jogo e lenocínio denunciados em relatos de Santos Lemos. De acordo com Tenório, a prosperidade de Caxias estaria situada no crescimento econômico (SOUZA, 2003).

Nas décadas de 50 e 60 observou-se um grande crescimento local na Baixada Fluminense, principalmente em Duque de Caxias. Na segunda metade da década de 50, a cidade estava em expansão, havia 206 indústrias que abrangia 3,18% da população. Abaixo, apresenta-se um quadro com a população da Baixada Fluminense nos anos de 50 e 60 (SOUZA, 2003).

<b>Ano</b>	<b>1950</b>	<b>1960</b>	<b>Crescimento aproximado</b>
Estado	2.297.194	3.367.738	47%
Nilópolis	46.406	95.111	105%
Nova Iguaçu	145.649	356.645	145%
São João de Meriti	76.462	190.516	149%
Duque de Caxias	92.459	241.026	161%

Tabela 1: População do Estado e da Baixada nos anos 50 e 60

Fonte: Souza, 2003.

O crescimento populacional de 161% na década de 60 deve-se a diversos fatores: a incorporação ao aglomerado urbano carioca; a abertura das três principais vias que facilitaram o acesso com o Rio de Janeiro: a Avenida Brasil, a Rodovia Presidente Dutra e a Rodovia Washington Luís; a mobilização e a organização do campesinato fluminense, motivando a migração de lavradores para o município; construção e funcionamento de duas estatais, a saber: a Refinaria de Duque de Caxias (REDUC), cuja construção foi iniciada em 1957 e finalizada em 1961 e a FABOR (Fábrica de Borracha), desenvolvida em 1962 (SOUZA, 2003).

No que tange a infraestrutura a situação ainda era muito precária. Em 1957 havia 10 mil crianças em idade escolar fora das salas de aula e a maioria das escolas públicas estava situada em residências ou prédios alugados com pouquíssima infraestrutura, assim como, os professores possuíam apenas o primário ou o ginásial (SOUZA, 2003).

Quanto à saúde só havia o Posto Médico do Samdu e os consultórios particulares. A questão da água ainda era um problema, havia poucas bicas e caros-pipas e muitas vezes a água era insalubre (SOUZA, 2003). Nesta época,

nos relatos da imprensa, de Tenório e de suas filhas, nas memórias de Santos Lemos, de Guilherme Fuchs e de tantos outros, o retrato da cidade está relacionado aos assassinatos, prisões, torturas, prostituição, jogo do bicho, discriminação racial, miséria, autoritarismo e ausência de infraestrutura urbana. Memórias de uma cidade que estava longe de ser ordeira (SOUZA, 2003, p. 47).

O que havia de fato em Duque de Caxias era um local de disputa de poder utilizando-se armas para solucionar todos os conflitos (SOUZA, 2003).

Já na década de 70, durante a implantação do regime militar, Duque de Caxias virou “Área de Segurança Nacional”. Sob esta denominação, os prefeitos foram escolhidos novamente pelo governo, mais especificamente, pelos militares. Somente em 1985 o município recuperou sua autonomia, escolhendo seu prefeito através do voto. Na primeira eleição o representante que foi vitorioso foi Juberlan Barros de Oliveira (PREFEITURA, 2011). Abaixo há uma tabela destacando os prefeitos do município de Duque de Caxias de 1944 a 2012 quando terminará o mandato de José Camilo Zito dos Santos Filho.

<b>Período</b>	<b>Prefeitos</b>
1944 – 1944	Homero Lara (interventor)
1944 – 1945	Eitor Luís do Amaral Gurgel (interventor)
1945 – 1945	Antônio Cavalcante Rino (interventor)
1945 – 1945	Eitor Luís do Amaral Gurgel (interventor)
1945 – 1946	Jorge Diniz de Santiago (interventor)
1946 – 1946	Gastão Glicério de Gouveia Reis (interventor)
1946 – 1947	José dos Campos Manhães (interventor)
1947 – 1947	José Rangel (interventor)
1947 – 1947	Custódio Rocha Maia (interventor)
1947 – 1947	Ten. Cel. Scipião da S. Carvalho (interventor)

<b>Período</b>	<b>Prefeitos</b>
1947 – 1950	Gastão Glicério de Gouveia Reis
1952 – 1955	Braulino de Matos Reis
1955 – 1959	Francisco Correia
1959 – 1963	Adolfo David
1963 – 1967	Joaquim Tenório Cavalcante
1967 – 1971	Moacir Rodrigues do Carmo
1971 – 1971	Francisco Estácio da Silva
1971 – 1975	General Carlos Marciano de Medeiros (interventor)
1975 – 1978	Coronel Renato Moreira da Fonseca (interventor)
1978 – 1982	Coronel Américo Gomes de Barros Filho (interventor)
1982 – 1984	Hydekel de Freitas Lima (interventor)
1985 – 1988	Juberlan de Oliveira
1989 – 1990	Hydekel de Freitas Lima
1990 – 1992	José Carlos Lacerda
1993 – 1996	Moacir Rodrigues do Carmo (PFL)
1997 – 2000	José Camilo Zito dos Santos Filho (PSDB)
2001 – 2004	José Camilo Zito dos Santos Filho (PSDB)
2005 – 2008	Washington Reis de Oliveira (PMDB)
2009 – 2012	José Camilo Zito dos Santos Filho (PSDB)

Tabela 2: Prefeitos do Município de Duque de Caxias

Fonte: Prefeitura, 2011.

Sendo assim o município hoje está dividido em quatro distritos, segundo estudo da secretaria de desenvolvimento:

- a) O primeiro denominado Centro ou Duque de Caxias – é caracterizado pela predominância urbana com: uma gama de comércio e lojas variada e diversificada; grande quantidade de centros bancários; diversos escritórios de serviços; um parque gráfico do GLOBO; um polo moveleiro; e, centro de distribuição do Carrefour;
- b) O segundo, Campos Elíseos – é caracterizado por grandes empresas como: AGA S.A; AGIP DO BRASIL S.A, ALE COMBUSTÍVEIS, AMERICAN VIRGINIA TABACO, CARBÓRIO IND. COM. LTDA, CIA BRAS. PETRÓLEO IPIRANGA S.A, CIA ULTRAGAZ, COPAGAZ DIST. DE GÁS, DANPRESS, DÍNAMO DIST, ESSO BRAS PETRÓLEO, FORLLETT COMÉRCIO DE COMBUSTÍVEIS LTDA,

FORTYMIL, FRIGORÍFICO CALOMBÉ, GRAHAM PACKAGING, ICOLUB IND. LUBRIFICANTES S.A, IMEP, IPIRANGA ASFALTO, IPIRANGA COML. QUÍMICA S., MANGUINHOS DISTRIBUIDORA S.A, MINASGAS DISTRIBUIDORA DE GÁS LTDA, NACIONAL GÁS BUTANO DISTR. LTDA, NITRIFLEX, PETROBRAS/ALMO, PETROBRAS FAB. DE LUBRIFICANTES/GEI, PETROBRAS/FASFDUC, PETROBRAS/REDUC, PETROBRAS/TEDUC, PETROFLEXIND.S.A, PJ MOLDES, PLAJET, POLIBRASIL RESINAS S.A, RIO POLÍMEROS, SADIA, SHELL BRASIL S.A, SOLUTEC S.A, SUPERGASBRAS DISTRIBUIDORA DE GÁS, TERMORIO S.A, TEXACO BRASIL S.A, TRANSPORTES FS LTDA, WHITE MARTINS GASES INDUSTRIAIS, PETROBRAS/TRANSPETRO. Neste distrito está situado o polo petroquímico, objeto do presente estudo, no qual visualiza-se um paradoxo: grandes empresas rodeadas por habitações de indivíduos de baixa renda;

- c) O terceiro, denominado Imbariê – é predominantemente rural, caracterizado pelos seus parques, florestas e a localização do Museu Histórico de Duque de Caxias;
- d) O quarto, chamado Xerém – era originalmente agrícola, seu desenvolvimento foi marcado pela implantação da Fábrica Nacional de Motores (FNM), em 1947, que encerrou operações em 1985 quando foi incorporada pela FIAT Automóveis. Nesse distrito está localizado também o INMETRO (Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial), o IPEM (Instituto de Pesos e Medidas), o Distrito Industrial CODIN, o reservatório da CEDAE (Companhia Estadual de Águas e Esgotos) e a reserva ecológica.

#### 4.3 DADOS ATUAIS DO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS

A partir da descrição dos diversos autores sobre a situação histórica de Duque de Caxias optou-se por pesquisar no Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro (2010) com o objetivo de analisar a situação econômica e social da região, nos dias atuais.

Primeiramente, aponta-se a população residente em Duque de Caxias de 1970 a 1980, comparando os dados de 1960 com a população da década de 1970, houve um crescimento de 77%. A população em 2010 foi de 855.046 comparando

com 1940 houve um aumento significativo de 2.800% e em comparação a 1950 foi de 1.300%.

<b>Anos</b>	<b>População Residente</b>	<b>Crescimento Aproximado</b>
1940	29.613	
1950	92.459	212%
1960	243.619	163%
1970	431.397	77%
1980	575.814	33%
1990	667.821	16%
2000	775.456	16%
2010	855.046	10%

Tabela 3: População Residente de Duque de Caxias

Fonte: Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro, 2010

Abaixo é informado o PIB (Produto Interno Bruto) *per capita* de Duque de Caxias, este índice envolve “bens e serviços produzidos no país descontadas as despesas com os insumos usados no processo de produção durante o ano” (IBGE, 2009) . Em Duque de Caxias percebe-se por meio da tabela que a tendência foi um crescimento positivo, o maior foi de 2005 em relação a 2004 sendo de 32%. E o percentual negativo foi no ano de 2006 em relação a 2005, -2%.

<b>Anos</b>	<b>PIB (Per Capita)</b>	<b>Crescimento Aproximado</b>
1999	9.193,19	
2000	10.927,49	19%
2001	12.741,69	17%
2002	13.893,70	9%
2003	17.265,30	24%
2004	20.353,31	18%
2005	26.839,91	32%
2006	26.240,17	-2%
2007	33.608,41	28%
2008	37.328,52	11%

Tabela 4: PIB (Per Capita) de Duque de Caxias 1999-2008

Fonte: Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro, 2010

Quanto ao número de empregados admitidos percebe-se que há um crescimento de pessoas admitidas em empregos, o percentual mais baixo foi de 2006 que apresentou somente 1% de aumento.

Porém, é possível analisar, com base na população total residente de Duque de Caxias e no número de pessoas ocupadas com carteira assinada, que há uma grande discrepância, mesmo considerando as pessoas que não podem ou estão incapacitadas para trabalhar. Como não é possível realizar uma análise ano a ano, pois os dados da população são apresentados em décadas, foi feita uma correlação entre os anos de 2000 em que a população residente foi de 775.456 e o ano de 2001 em que o número de pessoas ocupadas com carteira assinada foi de 90.689, ou seja, somente 12% da população de Duque de Caxias trabalhava com carteira assinada neste período. Realizando essa comparação entre 2010, em que a população residente foi de 855.046 e 2009, ano em que o número de pessoas ocupadas com carteira assinada era de 159.488, é possível constatar que apenas 19% da população possui vínculo de trabalho formal.

<b>Anos</b>	<b>Empregados Admitidos</b>	<b>Crescimento Aproximado</b>
2001	90.689	
2002	100.062	10%
2003	106.184	6%
2004	110.495	4%
2005	111.797	1%
2006	122.156	9%
2007-2008	136.768	12%
2009	159.488	17%

Tabela 5: Número de pessoas ocupadas com carteira assinada

Fonte: Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro, 2010

No que tange à educação, verificou-se que uma grande porcentagem da população com idade para realizar o ensino fundamental faz sua matrícula inicial, no entanto, a maior parte desta população não o conclui. Isto pode ser verificado no momento em que é feita uma correlação entre os dados apresentados na tabela abaixo. Por exemplo, no ano de 2000 o número de pessoas que realizaram a matrícula inicial no ensino fundamental foi de 152.743 e o de concluintes foi de

10.494, ou seja, somente 7% da população que faz matrícula inicial termina o ensino fundamental.

<b>Ano</b>	<b>Matrícula Inicial</b>	<b>Concluintes</b>	<b>Porcentagem de Concluintes na Matrícula Inicial</b>
2000	152.743	10.494	7%
2001	154.074	10.666	7%
2002	159.921		
2003	158.909	10.942	7%
2004	165.817	10.885	7%
2005	168.378	11.401	7%

Tabela 6: Número de Matrícula Inicial e Concluintes no Ensino Fundamental

Fonte: Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro, 2010

No Ensino Médio a situação não é diferente, há uma grande quantidade de estudantes ingressantes, como por exemplo, no ano de 2000, em que 35.718 pessoas realizaram a matrícula inicial. Contudo, somente 19%, isto é, 6,922 concluíram no mesmo ano este nível educacional.

<b>Ano</b>	<b>Matrícula Inicial</b>	<b>Concluintes</b>	<b>Porcentagem de Concluintes na Matrícula Inicial</b>
2000	35.718	6.922	19%
2001	38.013	8.138	21%
2002	41.833		
2003	44.063	7.445	17%
2004	45.412	7.780	17%
2005	47.212	8.074	17%

Tabela 7: Número de Matrícula Inicial e Concluintes no Ensino Médio

Fonte: Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro, 2010

Quanto à infraestrutura da região de Duque de Caxias, o índice que mais obteve destaque foi o relacionado à água. Sendo assim, no que se refere ao número de ligações de água total e residencial, há um percentual aproximado de 94% do

número de ligações de água total que foram realizadas em residências. Um outro fator importante é o número de habitantes que dispõe de água em suas casas. Em 2008 existiam 593.171, realizando uma comparação com a quantidade total da população em 2010 que foi de 855.046, há uma diferença de 261.875, isto é, há um percentual de 31% da população sem água potável em seu domínio. Este é um percentual muito grande de indivíduos sem um fator de infraestrutura fundamental que é a água em um município que possui um PIB *per capita* de R\$ 37.328,52.

<b>Anos</b>	<b>Ligações de Água Total</b>	<b>Ligações de Água Residencial</b>	<b>Percentual da Residencial na Total</b>
2000	82.049	76.846	94%
2001	82.420	77.210	94%
2002	82.916	77.701	94%
2003	83.190	77.955	94%
2004	83.765	78.507	94%
2005	85.164	79.900	94%
2006	87.407	82.025	94%
2007	87.721	82.263	94%

Tabela 8: Número de Ligações de Água Total e Residencial

Fonte: Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro, 2010

#### 4.4 HISTÓRICO DA REFINARIA DUQUE DE CAXIAS (REDUC)

A história da Refinaria Duque de Caxias iniciou-se em 1938 quando o governo criou o Conselho Nacional do Petróleo (CNP) que passou a regular a importação, a exportação, o transporte e a construção de oleodutos, distribuição e comercialização de petróleo e seus derivados (BR/PETROBRAS, 2001).

Em 1953, com a campanha “O petróleo é nosso” teve origem a lei que criou a Petrobras. Contudo, a Unidade de Negócios da Refinaria Duque de Caxias começou a ser elaborada em 1952, com a aprovação pelo CNP do Plano de Localização de Refinarias de Petróleo no Brasil, que consistia na “construção de uma refinaria localizada na costa e que atenderia à zona geoeconômica dos estados da Guanabara, Rio de Janeiro, Espírito Santo e parte de Minas Gerais” (BR/PETROBRAS, 2001, p. 8).

A concorrência pública para a escolha da empresa foi aberta em 1956 e em 1957 a Foster Wheeler ganhou esta concorrência. Segundo Costa (2008) e BR/PETROBRAS (2001) diversos fatores motivaram a implantação da refinaria no município de Duque de Caxias, dentre os quais:

- a) Facilidade para escoamento, distribuição e recebimento da matéria-prima principal – petróleo – devido à proximidade com as Rodovias Washington Luiz, Presidente Dutra e Avenida Brasil;
- b) Características, extensão (13 Km<sup>2</sup>) e isolamento da área visando à criação de um complexo industrial e possíveis expansões;
- c) Existência de diversos rios e riachos no entorno que tinha como objetivo suprir a necessidade de água da refinaria.

Quando os empregados deram início a terraplanagem do terreno, em 1958, o então Presidente Juscelino Kubitschek apresentou a pedra fundamental. Entre 1958 e 1961 muitos foram os esforços para realizar a obra da terceira maior refinaria do País (BR/PETROBRAS, 2001).

Segundo BR/PETROBRAS (2001), a REDUC foi inaugurada em 20 de janeiro de 1961, mas somente em 9 de setembro do mesmo ano foi produzida a primeira gasolina por esta refinaria. Sendo assim, a REDUC foi inaugurada:

Com apenas seis unidades, além da casa de força, no início da década de 70, recebeu a primeira planta de lubrificantes. Em 1979, já estava em funcionamento o segundo conjunto de lubrificantes e parafinas, com seis novas unidades. A década de 80 marcou a chegada do gás natural. Já na última década do século passado, foram instaladas as unidades com foco na qualidade e diversificação dos produtos e de proteção ao meio ambiente, como a unidade de hidro-tratamento de QAV e diesel e outra para recuperação de enxofre (PETROBRAS, 2009).

Atualmente, a REDUC possui uma área de 13 km<sup>2</sup>, com um faturamento de aproximadamente US\$ 3 bilhões, processa cerca de 242 mil barris/dia de petróleo e comercializa cerca de 52 produtos (PETROBRAS, 2009).

A REDUC abastece diversos Estados, dentre eles: todos o Fluminense, Minas Gerais (por cabotagem), Espírito Santo e Rio Grande do Sul. Além disso, também há exportação de produtos para a Argentina, Chile, Colômbia, Estados Unidos, Peru e

Uruguai. O polo petroquímico e o polo gás-químico que se formou no entorno da REDUC também recebem matéria-prima e derivados (COSTA, 2008).

Para melhor entendimento da localidade em que a REDUC está situada, abaixo é apresentada uma figura destacando que a refinaria está localizada no 2º Distrito de Duque Caxias (Campos Elíseos) e é cercada por um grande número de comunidades e moradias, como por exemplo: Campos Elíseos, Jardim Primavera, Jardim Balneário Ana Clara, entre outras.

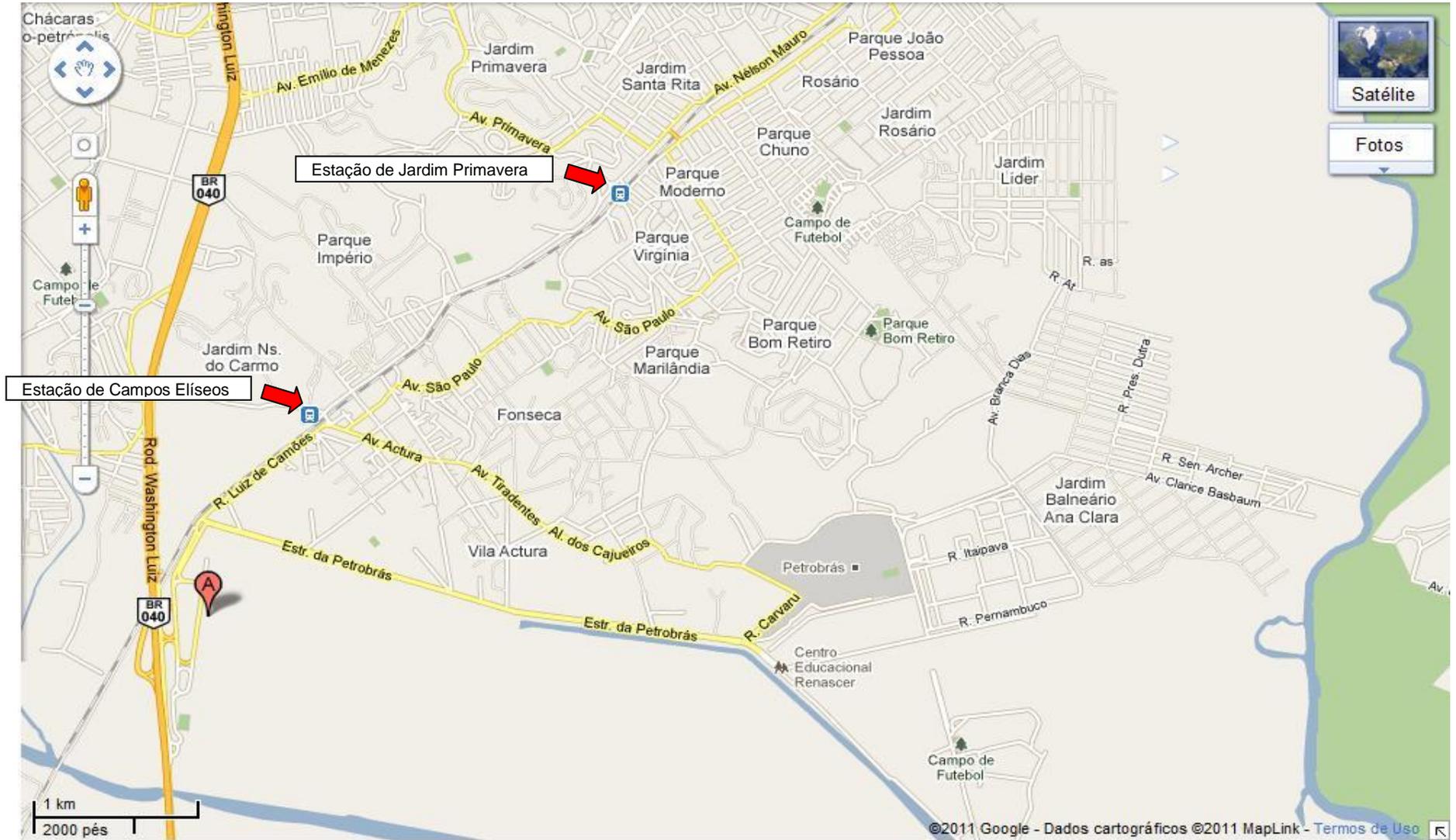


Figura 3: Mapa da Região onde a REDUC está situada

Fonte: Google Maps, 2011.

#### 4.5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Para iniciar a apresentação de dados, abaixo há a descrição de cada um dos entrevistados:

- a) Entrevistada 1: Uma responsável da REDUC que trabalha na área de responsabilidade social.
- b) Entrevistado 2: Um dos responsáveis pela área de compra da REDUC;
- c) Entrevistada 3: Pró-Reitora Comunitária e de Extensão da Universidade do Grande Rio, uma das empresas que participava das ações da REDUC-PETROBRAS;
- d) Entrevistada 4: Duas assistentes sociais do Profec (Programa de Formação e Educação Comunitária), responsável pelo programa Jovem Aprendiz;
- e) Entrevistado 5: Caminhoneiro, morador de Jardim Primavera há 8 anos, morou em Campos Elíseos e não possui vínculo com a REDUC-PETROBRAS.
- f) Entrevistado 6: Comerciante, morador de Jardim Primavera há 48 anos e não possui vínculo com a REDUC-PETROBRAS.
- g) Entrevistado 7: Operador na Ambev, morador de Jardim Primavera há 19 anos.
- h) Entrevistado 8: Comerciante, morador de Jardim Primavera há 40 anos e não possui vínculo com a REDUC-PETROBRAS.
- i) Entrevistada 9: Comerciante e trabalha com políticos do Município de Duque de Caxias, moradora de Jardim Primavera há 23 anos e não possui vínculo com a REDUC-PETROBRAS.
- j) Entrevistada 10: Auxiliar administrativa em uma empresa no Rio de Janeiro, moradora de Jardim Primavera há 6 anos e não possui vínculo com a REDUC-PETROBRAS.
- k) Entrevistada 11: Faturista no posto de saúde de Campos Elíseos, moradora de Jardim Primavera há 21 anos e não possui vínculo com a REDUC-PETROBRAS.
- l) Entrevistada 12: Dona de casa, moradora de Campos Elíseos há 14 anos, sua filha fez a inscrição para um dos projetos sociais da REDUC-PETROBRAS.
- m) Entrevistada 13: Caixa em loja, moradora de Campos Elíseos há 15 anos, e participou de um dos projetos sociais da REDUC-PETROBRAS quando era mais nova.

- n) Entrevistada 14: Uma responsável da área de responsabilidade social da REDUC;
- o) Entrevistada 15: Outra responsável da área de responsabilidade social da REDUC.
- p) Entrevistado 16: Coordenador de prospecção da Secretaria de Desenvolvimento do Município de Duque de Caxias, ou seja, responsável pela identificação dos setores industriais no Município realizando a ligação entre as empresas e o governo;

Nos tópicos abaixo serão descritos todos os fatos informados pelos entrevistados e as visitas que foram feitas a dois bairros (Campos Elíseos e Jardim Primavera).

#### 4.5.1 Descrição de Campos Elíseos

Segundo SMS-DC (2001) e Sistema de Informações Ambulatorial do SUS-SIA/SUS (2004) *apud* Andrade (2005) a população no ano de 2004 nos distritos de Duque de Caxias estão distribuídas de acordo com a tabela abaixo.

Distritos	2004	Porcentagem da população de cada distrito em relação ao total
1º Distrito – Centro	365912	49%
2º Distrito – Campos Elíseos	221787	30%
3º Distrito – Imbariê	113507	15%
4º Distrito - Xerém	45552	6%
Total	746758	100%

Tabela 9: População de cada distrito em 2004 e a porcentagem da população de cada distrito em relação ao total

Fonte: Andrade (2005)

Levando em consideração esta porcentagem, pode-se fazer uma aproximação para o ano de 2010 definindo assim o número de habitantes em cada distrito. A partir da tabela abaixo verifica-se que no distrito de Campos Elíseos em

Duque de Caxias, objeto de interesse do presente trabalho, há 256.514 no ano de 2010.

Distritos	2010	Porcentagem da população de cada distrito em relação ao total
1º Distrito – Centro	418974	49%
2º Distrito – Campos Elíseos	256514	30%
3º Distrito – Imbariê	128257	15%
4º Distrito - Xerém	51303	6%
Total	855048	100%

Tabela 10: População de cada distrito em 2010 e a porcentagem da população de cada distrito em relação ao total

Fonte: Elaboração da autora

A região de Campos Elíseos, 2º Distrito de Duque de Caxias, surge historicamente a partir da criação da REDUC, ou seja, para a construção da refinaria no Município de Duque de Caxias muitos empregados foram trazidos de outras regiões do Brasil e como não possuíam recursos financeiros nem um local para morar com sua família, construíram suas casas no entorno da localidade em que futuramente era instalada a REDUC. Nas imagens a seguir pode ser verificado como era esta região antes, durante e depois da construção da REDUC.



Figura 4: Campos Elíseos antes da construção da REDUC

Fonte: BR/PETROBRAS, 2011

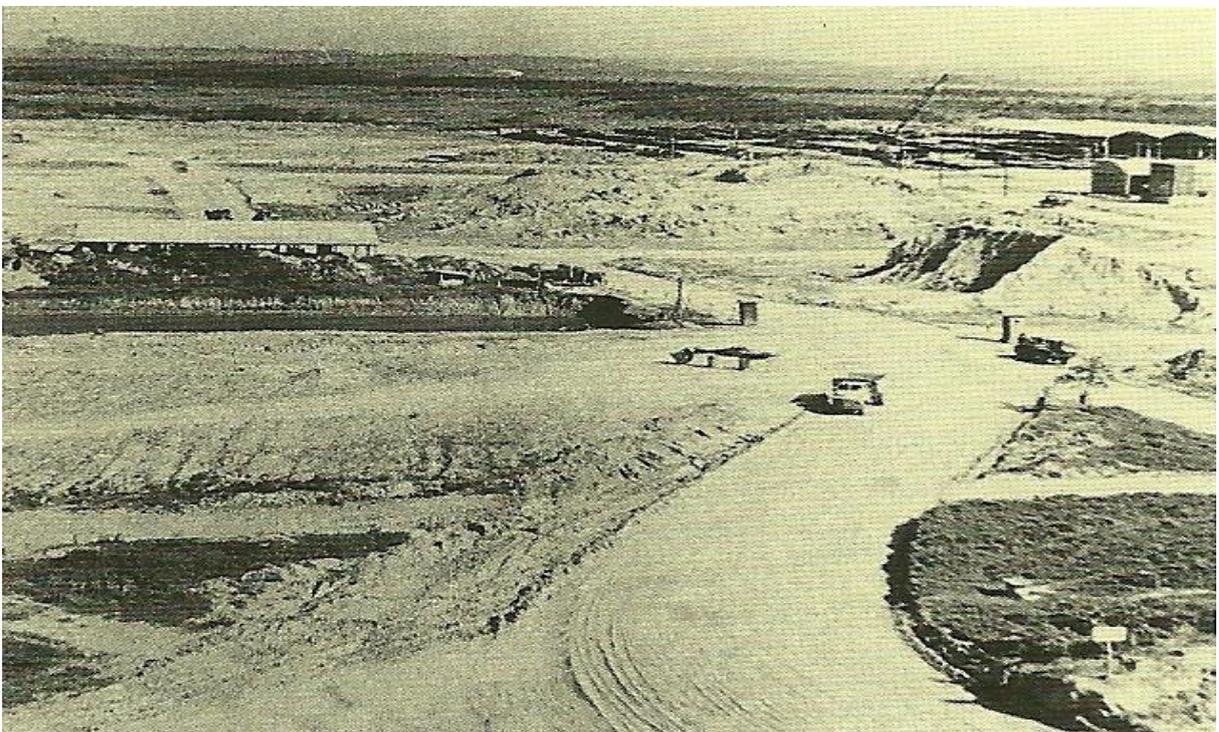


Figura 5: Início da Construção da REDUC

Fonte: BR/PETROBRAS, 2011



Figura 6: Campos Elíseos durante a construção da REDUC

Fonte: BR/PETROBRAS, 2011



Figura 7: Vista área atual da REDUC

Fonte: BR/PETROBRAS, 2011

Para conhecer a infraestrutura e algumas instituições em Campos Elíseos foram realizadas duas visitas de observação no bairro que corresponde ao 2º distrito do município de Duque de Caxias. Este distrito foi destacado por estar situado nele a REDUC em sua região.

Nestas visitas foi possível constatar que Campos Elíseos possui grandes, pequenas e médias empresas, entre elas a REDUC, empresa foco do estudo, o polo Gás-Químico, o polo petroquímico e diversas empresas de caminhões, transporte de gás e de gasolina. Também foi observado que não havia cinemas, parques, museus e centros culturais.

O grande número de empresas nesta região também ficou evidenciado na fala do entrevistado 5, que afirmou que no bairro existem diversas casas próximas a empresas de petróleo, a garagens de caminhões e a tanques de combustível, com evidentes riscos para os moradores, em função desta proximidade. Este entrevistado relata que algumas empresas já foram interditadas e que já houve explosões na localidade.

Nas visitas a pesquisadora verificou também que o bairro é muito carente de infraestrutura básica (água e saneamento básico), as casas são humildes e parte das estradas não possuem asfalto. Na temporada de chuva, aquela região fica em uma situação bastante precária pois uma parte das ruas é feita de barro. Quanto ao comércio, há pequenos locais vendendo itens de necessidade básica, verduras e legumes.

Estas observações também foram citadas por diversos dos entrevistados. A entrevistada 9 descreveu que

[...] o quadro social é bastante precário, as casas, as moradias são muito humildes, comércio é muito pequeno, nada cresce naquele lugar, parece que não evolui, não progride nunca [...]. Algumas famílias os filhos nem na escola vão, a maioria mora em beira de valões, os valões ali são muito, não são dragados com frequência como deveria, são assim o maior motivo de alagamento naquela área, Caxias é abaixo do nível do mar, deveria haver uma política de contenção de enchentes, fosse de comporta lá na saída da Baía ou não, deveria haver um estudo maior sobre isso, mas existem somente paliativos, solução definitiva ninguém tem, é só paliativo, choveu, vamos limpar bueiro, vamos dragar, vamos fazer, acontecer. Acabou até a próxima chuva, na próxima chuva quem se lascou, se lasque de novo.

Já a entrevistada 13 relatou que a região de Campos Elíseos onde mora está pavimentada e possui esgoto, isto ocorreu na última gestão do José Camilo Zito dos

Santos Filho. Ela descreveu que a situação mais precária refere-se às frequentes enchentes. A entrevistada 12 expõe que “quando chove aqui vira um rio”.

Outro fator notado nas visitas foi o cheiro quase insuportável de gás, em uma delas observou-se um vazamento em um duto de gás existente na região. Complementando o quadro observado, o entrevistado 8 expôs ainda que uma grande parte das crianças da região de Campos Elíseos e Jardim Primavera sofrem de problemas respiratórios por causa da poluição, da fumaça e do cheiro constante de gás.

O nível de poluição é tão alto naquela região que a entrevistada 10 descreve que

[...] quando você passa ali na REDUC não tem um dia que o tempo não esteja fechado, é muito fechado o tempo ali, as vezes está sol em tudo que é lugar, antes e depois daquele viaduto que tem ali, mas ali sempre está chovendo, com tempo fechado, que eu acredito que é o impacto da REDUC, da fumaça, do gás que sai dali.

Quanto ao atendimento público de saúde, observou-se que há um posto de saúde em Campos Elíseos. Durante uma das visitas, a pesquisadora foi até o local com o objetivo de conseguir informações sobre Campos Elíseos, mas nenhum dos responsáveis dispôs-se a responder à entrevista. Apenas a faturista, que é responsável pela contabilidade do posto, se ofereceu para isso (entrevistada 11).

Desta forma, a entrevistada 11 destacou que o posto de saúde é administrado por uma empresa denominada Salute e atende pessoas de diversas regiões de Duque de Caxias: Parque Ana Clara, Jardim Primavera entre outros bairros. O posto possui diversas especialidades médicas como: pediatria, ginecologista, clínica médica, nutricionista, serviço social, cardiologista, endocrinologista e gastroenterologia. Os médicos se revezam durante a semana atendendo por dia, aproximadamente, de 400 a 500 pessoas na emergência e 30 no ambulatório, por profissional.

A entrevistada 11 descreve ainda que já houve reformas no posto e que as pessoas estão satisfeitas com o atendimento médico, contudo existem aquelas que ficam insatisfeitas porque há dias nos quais o local está com um grande número de pacientes para serem atendidos.

Esta entrevistada relata que a doença de maior incidência na região é a hipertensão, seguida da diabetes. As crianças são as que possuem maiores

problemas respiratórios. E, segundo a entrevistada, os remédios mais solicitados sempre estão disponíveis no posto.

Já os dois moradores entrevistados (12 e 13) descreveram que é muito difícil encontrar médicos neste posto de saúde. Conforme o relato da entrevistada 13 “A saúde é horrível porque só tem esse posto aqui, as vezes tem medico, já cansei de vir aqui e não ter medico, agora melhorou um pouco, mas está voltando a ficar ruim, muito cheio, entendeu”.

Outro fator apontado nas entrevistas foi a função do governo frente aos problemas destacados anteriormente. Para a entrevistada 9, não existe investimento por parte do governo na região de Campos Elíseos pois este governo entende que os responsáveis pelo investimento nesta região deveria ser a REDUC, estabelecendo assim um “jogo de empurra” entre o governo do município e a empresa.

O entrevistado 7 ressaltou que o governo e a REDUC deveriam investir mais na região de Campos Elíseos, pois é um bairro que não possui infraestrutura. Além disso, o governo deveria estimular a entrada de mais empresas para a região e não depender somente da fonte de renda da REDUC, pois a região dispõe de grandes e movimentadas rodovias como a Washington Luiz e a Rio Magé, e as empresas podem gerar mais emprego na localidade onde vão ser instaladas. Isso fica evidenciado quando o entrevistado 7 destaca que “alguns distritos de Caxias tem mais empresas, o quarto distrito tem bastantes empresas, eu acho que não só focar o polo da REDUC, mas eu acho que o governo teria que buscar participação sim de redução de ISS para as empresas virem para cá”.

Este fato foi destacado pelo responsável da Secretaria de Desenvolvimento, o entrevistado 16, apontando que está havendo negociações para a vinda de empresas de outros setores além de petróleo e seus derivados.

De acordo com o entrevistado 7, Duque de Caxias poderia ser referência no estado do Rio de Janeiro em termos de industrialização, como por exemplo, o ABC Paulista em São Paulo. Na percepção do entrevistado o município dispõe de recursos financeiros, necessitando apenas adequar a forma, a estrutura, a infraestrutura e as oportunidades existentes em Duque de Caxias, ou seja, no município há dinheiro suficiente, entretanto, não investe da melhor forma para proporcionar uma boa infraestrutura para os moradores, sendo assim o município de Duque de Caxias “está muito longe do ideal”.

#### 4.5.2 Projetos da REDUC-PETROBRAS e a percepção dos moradores sobre este projetos

O relato de um dos entrevistados expressa a relação que os moradores da região mantém com a REDUC, no que tange à sua responsabilidade com Campos Elíseos:

Uma senhora em Campos Elíseos foi na, parece o neto dela ficou doente, o filho, uma coisa do tipo, ela falou eu tenho que resolver isso, ela foi lá na REDUC, bateu na porta da REDUC e falou para o segurança, eu quero falar com o dono daí, o cara ficou sem saber o que fazer, não minha senhora, eu quero falar com o dono, vocês estão pensando o que, que é assim, meu filho está lá doente, vocês não fazem nada, não fazem nada pra cá, não trazem nada de cultura, vocês não fazem nada por ninguém aqui. [...] Ai ela pegou e foi pro, ai ficou todo mundo, ela vai falar com quem, não tem dono minha senhora aqui porque são os gerentes. [...] Não tem um dono, ai foi aquela coisa, então ela eu quero falar com alguém só saio daqui se falar com alguém ai ela falou que tipo um dos gerentes que eu não lembro quem era na época nisso fez com que a REDUC refletisse qual o papel social dela para aquela comunidade né, então daí surgiu o programa de criança que até hoje existe que é um programa que oferece a parte cultural e a parte esportiva para as crianças da comunidade, ai daí, depois disso houve o contato com a comunidade a REDUC viu que não adiantava trabalhar sozinha, ela precisava ter o contato com a comunidade, ai depois disso desse contato e tudo mais, ai mais a frente houve questionamentos das associações dos moradores e outros órgãos, ai a REDUC achou importante a criação de um comitê, ai dentro desse comitê tem os bairros ao redor e os representantes dessas organizações entendeu, porque geralmente era só a associação dos moradores e agora o Profec também faz parte do comitê (ENTREVISTADA 4).

No que se refere aos projetos de responsabilidade social desenvolvidos pela REDUC, segundo a entrevistada 1, a Petrobras possui um setor responsável pelos projetos e eventos de responsabilidade social em cada uma das filiais, sendo a REDUC uma destas.

No site da Petrobras é evidenciado o discurso desta organização a respeito de responsabilidade social, a saber:

Acreditamos que o diálogo permanente é fundamental para alcançar nossos objetivos. Buscamos reduzir riscos, evitar impactos sociais negativos e gerar resultados positivos por meio do relacionamento com as comunidades onde desenvolvemos atividades. Conhecendo a realidade que nos cerca, asseguramos a inserção social e a melhoria da qualidade de vida das pessoas, sempre respeitando a diversidade.

A entrevistada 14 foi questionada quanto ao que é considerado responsabilidade social na REDUC, esta destacou que

[...] nós temos uma comunidade que a gente está inserida nela e não vamos dizer que a gente não prejudica né, não vamos dizer que não poluímos porque isso é mentira, dizer isso seria demais, então nós temos até como diretriz da empresa de ter um retorno para a comunidade de ter uma coisa de bom para a comunidade, uma contrapartida e os projetos sociais não deixa de ser, nós estamos inseridos em uma comunidade que a gente mudou muita coisa daqui, se bem que nós chegamos antes na comunidade, mas mesmo assim a comunidade convive com a gente e nós temos por obrigação até de fazer alguma coisa pela comunidade daqui, nós tentamos fazer com projetos sociais e com o próprio voluntariado.

### Já para a entrevistada 15 a responsabilidade social

[...] vai além da obrigação né, quando você faz a mais, quando você consegue contribuir para aquela comunidade com a questão social, eu vejo responsabilidade dessa forma, através de um projeto, você cria esse projeto junto com a comunidade identificando qual a demanda daquela comunidade, a gente tem um comitê comunitário para isso, cria esse projeto com a comunidade para atender uma demanda, uma questão social, eu acho que isso é responsabilidade social voltada para a comunidade.

Sendo assim para as entrevistadas 14 e 15, a REDUC considera responsabilidade social, os projetos e eventos sociais realizados com o intuito de contribuir de diferentes formas para a comunidade do entorno. Segundo as entrevistadas, esses projetos fazem parte da diretriz da organização e são uma contrapartida à comunidade, devido à grande mudança que causam nela, através da poluição que afeta as pessoas ali residentes.

Segundo as entrevistadas 1, 14 e 15, estes projetos são criados em conjunto com a comunidade por meio de um comitê, este comitê é composto por três responsáveis da comunicação, uma assistente social, um pedagogo, três profissionais da área de responsabilidade social, um profissional do meio ambiente, os responsáveis de cada projeto e os líderes comunitários<sup>2</sup> e um responsável do CIEP Leonel Brizola (Centros Integrados de Educação Pública). O objetivo deste comitê, segundo os entrevistados 1 e 14, é que os líderes levem o que a comunidade está necessitando e pedindo para que sejam avaliadas as ações e a renovação dos projetos desenvolvidos pela REDUC e tragam algumas informações sobre eventos e simulados desenvolvidos pela organização.

---

<sup>2</sup> Nenhum líder comunitário foi entrevistado devido à falta de acessibilidade e nenhum dos moradores entrevistados relatou conhecer algum líder comunitário.

No momento a REDUC desenvolve quatro projetos de ação social, os quais abrangem cinco bairros do município de Duque de Caxias, que são: Pilar, Bom Retiro, Campos Elíseos, Jardim Primavera e Saracuruna. Normalmente para participar da gama de projetos da Petrobras, o interessado deve se inscrever na Seleção Pública de Projetos. Os projetos são avaliados pelos responsáveis de todas as filiais da PETROBRAS tendo como objetivo destinar recursos financeiros para a sua realização “que promovam a transformação social e a redução das desigualdades nas comunidades mais excluídas do País” (SELEÇÃO, 2010). Segundo as entrevistas 14 e 15 nenhum projeto do Município de Duque de Caxias foi aprovado nesta seleção. A partir deste fato os responsáveis da REDUC solicitaram a aprovação da sede e todos os projetos sociais foram convidados pelo comitê para participar das diversas ações citadas abaixo.

De acordo com a entrevistada 1, o primeiro dos projetos sociais é o Programa da Criança. Este projeto envolve a complementação educacional de meninos e meninas carentes de idades entre 7 e 14 anos (site Petrobras) que estão no “contra-fluxo” da escola, ou seja, as crianças que estudam na parte da manhã estão no projeto à tarde e vice-versa. Para entender esse contra-fluxo existente no projeto a entrevistada descreveu o percurso das crianças: um ônibus pega as crianças nas suas casas na parte da manhã e as leva para o CEPE Caxias (Clube dos Empregados da PETROBRAS), lá, quando chegam, está disponível um café da manhã e em seguida elas iniciam as diversas atividades, como: esportes, leitura e oficinas de dança, coral e orquestra, além de aulas de reforço escolar. Antes de voltar à escola é oferecido um almoço. Por volta das 11 horas da manhã, as crianças se arrumam e o ônibus que as deixam na escola e pega as crianças que estavam estudando na parte da manhã e as leva para o projeto. No turno da tarde as crianças tem almoço e lanche, aproximadamente, às 4 horas da tarde o ônibus as leva para casa.

Neste projeto, há um convênio com um dos CIEP de Duque de Caxias. Atualmente, o projeto atende 450 crianças, havendo sempre uma rotatividade, isto é, as que ultrapassam a idade limite de 14 anos saem do projeto e entram crianças novas. Não foi possível visitar este projeto por conta de acessibilidade.

O segundo projeto é feito em parceria com o PROFEC (Programa de Formação e Educação Comunitária) e é denominado Projeto Jovem Aprendiz. Segundo a entrevistada 4, este projeto surgiu de uma lei federal (Lei 10.097 de 19

de Dezembro de 2000), decorrente da lei do menor aprendiz. Esta lei estabelece que as empresas devam atender os jovens para a qualificação profissional e mercado de trabalho. A faixa etária deve ser definida pela empresa que optar por este projeto, mas deve estar entre 14 e 21 anos. Quanto ao gênero, não há uma especificidade de quantidade de homens e mulheres a serem aprovados no projeto. A entrevistada 4 destaca que diversas são as empresas que o adotam este projeto, não é um projeto específico da REDUC.

De acordo com a entrevistada 4, para participar deste projeto, o principal critério avaliado é o de vulnerabilidade social, ou seja, os jovens aceitos são aqueles “que necessitam de um apoio para que ele tenha um futuro promissor”. Nesse processo o jovem faz inscrição no processo seletivo e é realizada uma visita domiciliar pelas assistentes sociais, e aqueles inscritos que estiverem dentre os critérios estabelecidos fazem uma prova. Depois da divulgação do resultado por meio de telefonemas e em um mural no PROFEC, inicia-se o processo de contratação, com realização de exame médico e a assinatura da carteira. Este projeto teve início em 2006 e somente três ou quatro jovens foram aproveitados pela REDUC, esta entrevistada completa retratando que pode ser que existam mais jovens, contudo:

[...] que a gente tenha conhecimento são mais ou menos uns três ou quatro que foi do jovem aprendiz de 2006, primeira edição, agora existem outros jovens, mas a dificuldade que nós temos hoje de identificar esses jovens é a questão do contato deles entendeu, tem jovem que trocou o telefone, que mudou o endereço, a gente marcou um encontro, tem dois anos mais ou menos, nós marcamos um encontro com os jovens da primeira versão para saber como é que tá e tal, foram poucos os que estiveram aqui, foram 159, nós tivemos aqui 30 jovens, que deu o retorno, então essa ainda é uma dificuldade que a gente tem, mas eu sei que muitos estão no mercado de trabalho, em torno de um 15 a 20 já foi identificado que eles estão no mercado de trabalho, não na REDUC, na REDUC tem uns três ou quatro (entrevistada 4).

Esta entrevistada destaca que a organização não precisa assumir os jovens como empregados, ou seja, “o jovem aprendiz é uma lei que a empresa vai cumprir agora e ela vai preparar o jovem para o mercado de trabalho não para a empresa dela”.

A entrevistada 4 descreve que há diversas formas de divulgação deste projeto, por meio de cartazes e carro de som. Na primeira parte dele, os alunos estudam cidadania, técnicas e normas de trabalho, em seguida fazem um curso de formação

técnica no Senai e os que são considerados aptos vão para um estágio na REDUC. Além dessa formação o jovem também recebe salário, vale transporte e pode optar por vale refeição ou vale alimentação. Segundo a entrevistada 14 no Projeto Jovem Aprendiz há atualmente 120 jovens participantes.

O terceiro projeto, segundo os entrevistados 1 e 14, é realizado com o SITICOM (Sindicato dos Trabalhadores nas Indústria da Construção Civil, Montagem Industrial, Mobiliário, Mármore e Granito e do Vime de Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Magé e Guapimirim). Este projeto consiste na capacitação de soldadores, abrangendo as idades de 20 a 29 anos. Os candidatos selecionados para participarem dos projetos fazem os cursos básicos e o treinamento de solda no SITICOM. Aqueles que obtêm as melhores notas tem a oportunidade de fazer uma especialização e em seguida um dos parceiros neste projeto acompanha a profissionalização destes selecionados e tentam incluí-los no mercado de trabalho.

O quarto projeto é o chamado de Gol Social. De acordo com os entrevistados 1 e 14, este não é um projeto propriamente da REDUC, mas sim está estabelecido em Xerém e conta com o apoio financeiro da empresa. O objetivo deste projeto é desenvolver os indivíduos por meio de esportes, como: futebol, vôlei, entre outros, a entrevista expõe que “eles vão para treinar futebol, a gente não quer criar nenhum atleta, nem craque nenhum”. Neste projeto, os responsáveis acompanham todas as atividades e rendimentos escolares dos participantes assim como no Programa da Criança. A faixa etária deste projeto é de 15 a 21 anos, envolvendo assim uma maioria de adolescentes, e atualmente há 600 participantes do projeto, no entanto os responsáveis da REDUC e das organizações desejam chegar a 1300 participantes.

O quinto projeto, segundo as entrevistadas 14 e 15, é o Mova Brasil, que consiste na alfabetização de jovens e adultos. Para desenvolvê-lo, a associação dos moradores, os líderes comunitários ou a comunidade organiza um espaço próprio e a REDUC contribui com os professores e o material didático, podendo a comunidade indicar um professor que esteja dentro dos critérios estabelecidos pela refinaria. Assim como os outros projetos, o Mova Brasil abrange os bairros de: Pilar, Bom Retiro, Campos Elíseos, Jardim Primavera e Saracuruna

Outro projeto desenvolvido pela REDUC é o Projeto de Voluntariado que consiste, segundo a entrevistada 14, em

[...] um programa corporativo que tem em toda Petrobras, mas toda unidade tem o seu grupo, nós temos aqui mais ou menos na faixa de 50 voluntários, o que nós estamos pensando a gente vai visitar uma comunidade de preferência uma que a gente não está atendendo [...] vamos levar os empregados, para os empregados ver com a comunidade o que a comunidade está precisando de ajuda o que a gente pode fazer para ajudar e é o que a gente está querendo fazer.

Além dos projetos sociais existem eventos que, segundo a entrevistada 14, são diferenciados dos projetos por não haver uma continuidade e sua realização acontecer uma vez por ano. Alguns dos eventos já realizados foram:

- a) A semana do meio ambiente – que acontece ou em uma praça ou em uma escola, em que são distribuídas mudas de plantas e um palestrante de meio ambiente dá informações para as crianças;
- b) A SIPAT (Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho) – que é feita em uma escola da região. Neste evento um palestrante presta informações sobre segurança de trânsito, em casa e de uma forma geral.

Outro evento desenvolvido é a semana de saúde, segundo a entrevistada 14, durante quatro anos foi realizada em conjunto com a UNIGRANRIO (Universidade do Grande Rio) e no ano de 2011 com o SESI (Serviço Social da Indústria). De acordo a entrevistada 3, esta semana acontece anualmente em uma praça no distrito de Campos Elíseos durante 2 ou 3 dias. Quando era realizada com a UNIGRANRIO, a responsabilidade da REDUC era a divulgação e a promoção social e financeira das ações, havia uma ação colaborativa que era a escolha da pauta, ou seja, do que seria focado na semana de saúde e

[...]o que cabia a UNIGRANRIO, capacitar seu corpo docente e estudantes para efetivamente executar, a execução era toda nossa, então nós cuidávamos de toda a ambiência física, a estruturação de todo, todas as atividades que aconteciam em todas as tendas e standes, monitorar a presença da comunidade, identificá-los uma a uma, a gente fazia um belo evento com certeza evitar qualquer tipo de constrangimento com aquela comunidade, no sentido de atender a todos, não deixar de atender porque as vezes assim pode parecer uma coisa banal, tirar uma pressão, aferir uma pressão se aquela comunidade não ia ser respeitada, então a gente botava todo o nosso equipamento para que eles fossem muito bem tratados, eu acho que a nossa idéia era essa a gente fazer aquilo o melhor que a gente podia dentro do nosso padrão de formação dos nossos estudantes sempre com professores monitorando tudo e os alunos também para que não houvesse nenhuma dispersão e sempre acho que a comunidade gostava muito desse contato com a gente né, porque a feira era totalmente armada por nós as 9 da manhã, era inaugurada as vezes vinha algum chefe grande

da Petrobras assistir tudo, já encontrava tudo lindo, maravilhoso feito pela Unigranrio e era isso e depois a gente fazia os relatórios finais a gente fazia a relatoria de tudo que foi feito, com históricos inter coerências, também o resultado não só do público atingido,mas também da qualidade do trabalho e assim visão para o futuro né, por exemplo, as vezes o panfleto precisava ser em maior quantidade né, financiado pela REDUC, então melhorar a linguagem para que ficasse mais adequada aos usuários daquela população, beneficiados. O padrão de qualidade era nosso, mas o financiamento era deles.

Contudo a entrevistada 3 destacou que para a Unigranrio decidir deixar o evento definitivamente foram realizadas várias reuniões entre as duas instituições (REDUC e UNIGRANRIO), pois os participantes da universidade por possuírem um maior contato com as pessoas daquela região perceberam que elas precisavam de um acompanhamento maior e que não deveriam ser realizadas somente atividades esporádicas, “sem retorno nenhum para aquela comunidade”. O que era necessário na opinião da entrevistada 3 era possuir uma parceria da Unigranrio com a REDUC e a Secretaria de Saúde do município. O objetivo era ter um serviço de referência, se por exemplo uma pessoa que chegasse com diabetes pudesse ser encaminhada para um posto ou unidade de saúde para que não tivesse somente o diagnóstico, mas um tratamento.

A entrevistada 3 complementou destacando que quando os responsáveis da universidade conversaram com os responsáveis da REDUC, estes últimos ficaram muito impactados com a situação, pois nunca haviam pensado desse ponto de vista. A entrevistada 3 destacou que a UNIGRANRIO

[...] estava preocupada com a repercussão na comunidade do entorno, eu, minha discussão com eles não foi sobre o valor dessa experiência, eu só achava que essa experiência era muito pequena e não dava o resultado que eu enquanto universidade gostaria de promover em Campos Elíseos.

A entrevistada 3 destacou que por estes motivos a Unigranrio decidiu romper com a REDUC. Os responsáveis pela refinaria (entrevistada 14) quando perguntados quais fatores levaram a UNIGRANRIO a romper com a empresa descreveram que foi por falta de interesse da instituição de ensino.

Existe outra possibilidade da execução de eventos e projetos que é por meio iniciativa dos funcionários. Se um deles elabora um projeto para a comunidade, ele entrega à responsável pela ação social que é avaliado pela sede. Se o projeto for aprovado, a verba para a compra de materiais para sua execução é disponibilizada,

mas é preciso que os empregados participem ativamente do projeto, não é possível contratar uma empresa para realizá-lo.

Há também um simulado de emergência para graves acidentes na refinaria com participação da comunidade, realizado pela ASSECAMPE (Associação das Empresas de Campos Elíseos) em caso de acidentes graves em empresas do polo petroquímico ou do polo gás-químico. Existem simulados internos e externos, com rotas de fugas e meios para retirar todas as pessoas da região afetada, ao final do simulado é feito um relatório com tudo que foi realizado corretamente e o que é necessário melhorar.

Além destes projetos, o entrevistado 2 e o entrevistado 16, descreveram que há um projeto na cadeia de Petróleo, Gás e Energia, que é o Arranjo Produtivo de Petróleo sendo desenvolvido com o Prominp (Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural). Este é o único projeto desenvolvido entre a REDUC, o governo de Duque de Caxias e ainda conta com a participação do SEBRAE (Agência de Apoio ao Empreendedor e Pequeno Empresário). O objetivo deste projeto, segundo o entrevistado 16, é identificar e auxiliar as micro e pequenas empresas a desenvolverem-se e assim conseguir fornecer para a REDUC e para grandes empresas situadas no polo petroquímico e polo gás-químico.

Outras ações da REDUC com a Secretaria de Desenvolvimento só ocorrem pontualmente, se existe algum problema no entorno da REDUC ou na comunidade a secretaria, com seus responsáveis, vai até a região e determina o que é preciso fazer e “parte para a ação mesmo”, conforme descrição de um dos entrevistados, por exemplo, cuidar de estradas pois o trânsito de carros pesados é muito grande na região. Os responsáveis da Secretaria de Desenvolvimento e da REDUC junto com o prefeito estão estudando novas formas de auxiliar a região e a população de Duque de Caxias.

Os entrevistados 1 e 2 descrevem que todos os projetos são baseados no plano de negócios da PETROBRAS, no qual se define que todas as unidades da empresa devem possuir projetos sociais. Estes projetos são acompanhados pela sede por meio de um sistema denominado MAIS (Monitoramento e Avaliação de Investimentos Sociais), no qual todos os seus parceiros têm que fazer relatórios dos indivíduos, das atividades desenvolvidas e do andamento dos projetos e colocar neste sistema para que a sede tenha acesso a todas as informações,

constantemente. Para renovação dos projetos além da discussão no comitê, cada um recebe uma nota pelas ações e pelo relatório que desenvolve.

Segundo os entrevistados 1, 2 e 16 não existe nenhuma política ou lei que exija da REDUC a participação social no município de Duque de Caxias, o que a refinaria traz de benefícios para a região são somente os impostos provenientes dos *royalties* e existe uma “conversa” entre estas duas instituições (Secretaria de Desenvolvimento e REDUC) no sentido de que a porcentagem atual dos empregados, que são da região do entorno, passe a ser maior.

A promoção e divulgação destes projetos, eventos e ações, de acordo com a entrevistada 1, é realizada por meio de um jornal da comunidade distribuído trimestralmente e com uma tiragem de 11 mil exemplares. Em todos os meios de divulgação realizados pelos parceiros de projetos da REDUC é necessário que haja a logomarca da empresa, com o objetivo de constar que há a participação da organização. Além disso, há três painéis, um do Programa da Criança, um do Gol Social e um do Cidades da Solda, além da divulgação através de carro de som.

A entrevistada 4 destaca que é muito difícil acompanhar as pessoas depois que terminam os projetos, pois não é fácil estabelecer contatos com elas, alguns trocam telefone, mudam de residência, entre outros fatores. Já foi realizada uma reunião para obter estas informações, contudo, poucos foram os jovens que compareceram.

Para conhecer a percepção dos moradores sobre a REDUC, segundo a entrevistada 1, é realizada uma pesquisa anual, denominada SISMICO (Sistema de Monitoramento da Imagem Corporativa). Por meio da qual, que é feita por uma consultoria externa, a empresa busca saber o que pensa sobre a comunidade do entorno sobre a REDUC.

Para complementar esta análise realizada pela refinaria segundo a entrevistada 1, a pesquisadora descreve abaixo a percepção dos moradores a respeito dos projetos desenvolvidos pela REDUC. Estas impressões estão principalmente associadas aos eventos e visitas que a REDUC realiza, para que os moradores da localidade conheçam as dependências da empresa. O entrevistado 5, por exemplo, relatou que quando estava em idade escolar participou lá de um evento em comemoração ao “Dia da Árvore”. Nesta visita os responsáveis da REDUC buscavam as crianças na escola com um ônibus, levavam para o interior da empresa, ofereciam alimentação, as crianças plantavam mudas de árvores,

conheciam algumas matérias-primas e alguns setores da organização. Este entrevistado destacou que o evento não ocorre mais e que não tem conhecimento nem participou de qualquer projeto ou evento realizado atualmente pela REDUC.

O entrevistado 6 nunca participou de nenhum projeto ou evento da REDUC no bairro de Jardim Primavera, mas já observou que há um projeto para as crianças, pois viu que um ônibus da empresa passa pela rua onde mora pegando diversas crianças devidamente uniformizadas e levando-as para as atividades dentro da empresa.

O entrevistado 7 descreve que o único projeto que tem conhecimento é o relacionado às áreas de treinamento para acidentes, realizado pela REDUC, que envolve a evacuação das pessoas, ações do corpo de bombeiros, participação de escolas como rotas de fuga. Quando perguntado se já participou alguma vez dessa atividade, o entrevistado destacou que ela acontece durante a semana, normalmente no horário em que ele está trabalhando.

O entrevistado 8 destacou que não tem conhecimento de nenhum projeto da REDUC no município de Duque de Caxias. A única ação que já percebeu foi uma simulação de emergência realizada pela refinaria. Esta simulação é realizada com uma ambulância e a falta de comunicação com os moradores deixa a população assustada com o movimento estranho propiciado pela atividade.

A entrevistada 9 destaca que ouviu algumas informações sobre os projetos da REDUC, mas que são poucos em relação ao número de habitantes que são influenciados pelas ações da organização, sendo que “o dano hoje da REDUC é muito maior do que ela dá”. O projeto que a entrevistada conhece é o APELL, que envolve a evacuação dos moradores em caso de um acidente da REDUC, contudo este projeto

[...] não envolve de fato a comunidade, envolve algumas pessoas mais interessadas, mais informadas, mas o povão mesmo, eu acho que deveria fazer alguma coisa que envolvesse a massa, aquele que não sabe nem porque que explodiu, o que está fazendo ali, porque é esse que vai morrer, aquele mais bem informado sabe para onde correr, ele sabe o que fazer mas a grande massa não.

A entrevistada 13 disse que já participou do “programa da criança”, já descrito anteriormente, quando era mais nova. Ela entrou neste projeto através da escola, a maior exigência para a entrada era ser criança de baixa renda. Este projeto

acontecia duas vezes na semana, muitas atividades eram desenvolvidas e auxiliou-a na vida profissional, pois contava com bons professores. A entrevistada 12 está aguardando resposta para inserir a filha também no programa da criança.

#### **4.5.3 Conhecimento sobre os empregados da REDUC**

Os responsáveis da REDUC (entrevistados 1 e 2) descrevem que existe uma grande quantidade de empregados de diversas regiões trabalhando na instituição e nas terceirizadas e a demanda por mão-de-obra local está aumentando cada vez mais. Eles descrevem ainda que os moradores da localidade estão qualificando-se cada vez mais para conseguirem melhores empregos, o que pode ser verificado no trecho abaixo:

[...] com o passar do tempo através desses programas a gente vem conseguindo inclusive estimular né, para que essas empresas, para que essas pessoas se desenvolvam em relação a treinamento, a capacitação, a aprendizado para que ela tenham pelo menos a perspectiva de poder trabalhar no mercado de trabalho próximo as suas residências usufruindo dos benefícios para o município e é isso que a gente tenta trabalhar inclusive junto a própria prefeitura de Duque de Caxias também.

A maioria dos moradores entrevistados tem conhecimento de alguma pessoa que trabalha ou trabalhou na REDUC. O processo de seleção para a empresa é considerado pelos entrevistados como muito rígido e mesmo para as empresas terceirizadas, de acordo com as entrevistas, é necessária indicação para ser selecionado. Outro fator verificado na maioria das entrevistas foi que os empregados da refinaria conhecidos dos entrevistados normalmente trabalham com cargos de baixa hierarquia.

O entrevistado 5 destacou que colegas da região onde mora trabalham na REDUC em empresas terceirizadas, mas para poder trabalhar na REDUC todos passam por um processo de adaptação e de segurança, devido aos diversos processos de segurança existentes no interior da organização.

O entrevistado 6 possui diversos amigos e colegas que trabalham dentro da REDUC, inclusive foi do quadro funcional da instituição. Para trabalhar na empresa é necessário um processo muito rígido solicitando diversos exames, contudo, atualmente muitas são as pessoas de fora que estão trabalhando na REDUC e existe uma “panelinha”, segundo o entrevistado:

[...] eles (REDUC) só estão admitindo agora pessoal de fora, na empresa lá existe um panelinha, existe uma máfia, porque se eu sou encarregado lá dentro, eu quero pegar gente para trabalhar que já trabalhou comigo, se eu sou de São Paulo, eu vou mandar vir um ônibus de São Paulo com gente que trabalhou comigo de lá, eles não vão pegar gente que trabalhou que mora aqui, se eu sou baiano, eu vou mandar vir um ônibus de lá entendeu, então a maioria dos funcionários da REDUC, das empresas não são do Rio de Janeiro, são todos de fora, é baiano, é mineiro, é paulista, campista.

Este entrevistado também destacou que nenhum de seus conhecidos trabalham em cargos administrativos, mas sim como soldadores, ajudantes, caldeiros.

O entrevistado 8, que fez um relato parecido com o do entrevistado 6, descreve que conhece poucas pessoas que trabalham na REDUC, e que elas têm “emprego de baixo ‘calões’, serviços gerais, quando tem, eu vejo muita reclamação tipo assim que a empresa de São Paulo, é de Minas, apadrinham, eles trazem os funcionários da cidades deles, é o que eu fiquei sabendo ai dentro”.

O entrevistado 7 relatou que tem conhecimento de dois amigos que trabalham na REDUC como soldadores em terceirizadas. Para conseguir este emprego, os indivíduos enviaram o currículo para essas empresas terceirizadas, passaram no processo seletivo e seguiram todos os processos determinados pela REDUC para poder exercer seu cargo.

A entrevistada 13 descreveu que tem conhecimento de uma pessoa que trabalha na REDUC em uma terceirizada. Esta pessoa participou do programa da criança foi sorteada para entrar no programa Jovem Aprendiz e conseguiu um cargo no escritório de uma das terceirizadas. Os entrevistados 10, 11 e 12 só conhecem algumas pessoas que trabalharam como terceirizados ou por contratos temporários na REDUC.

#### **4.5.4 Percepção sobre o papel social da REDUC**

Os representantes da REDUC entrevistados (entrevistados 1 e 2) destacaram que o papel da organização é muito importante e que ela tem atualmente como o objetivo de aumentar a quantidade de pessoas que são atendidas pelos projetos. Estas entrevistadas relataram que a REDUC está “aqui para contribuir, nós já

contribuímos com os impostos que a gente paga. Mas não só isso a gente quer contribuir com a comunidade, eles são nossos vizinhos”.

O questionamento quanto ao cumprimento do papel social por parte da REDUC divide a opinião dos entrevistados. Parte deles descreveram que a organização cumpre seu papel social, principalmente no que se refere à renda gerada para o município de Duque de Caxias, desenvolve algumas ações sociais e valoriza seus trabalhadores. A outra parte descreve que a empresa não cumpre o papel social, porque não proporciona empregos para a mão-de-obra local e não dá assistência a comunidade.

O entrevistado 16 (Secretaria de Desenvolvimento) descreve que o papel social da REDUC está ligado primeiramente à valorização dos seus trabalhadores, depois é preciso que os responsáveis da organização estejam atentos ao impacto que a REDUC causa no meio ambiente. Segundo o entrevistado, este impacto está sendo pauta de diversas conversas entre os representantes da Secretaria de Desenvolvimento e da REDUC, visando uma contrapartida social e econômica da refinaria para a comunidade do entorno.

As responsáveis pelo projeto Jovem Aprendiz (entrevistada 4) destacam que por meio deste programa a REDUC cumpre seu papel social no município de Duque de Caxias, o que poderia melhorar seria a ampliação do número de jovens atendidos pelo programa, contudo, a lei estabelece uma quantidade limite de jovens a serem atendidos por cada empresa. Estas entrevistadas expõem que para ter conhecimento se a REDUC cumpre ou não seu papel social no município, seria importante fazer um paralelo entre o impacto que a REDUC promove, o número de pessoas que estão nos programas oferecidos por ela, e a população de Duque de Caxias. Contudo, as entrevistadas também destacam que existem determinadas ações que devem ser feitas pela REDUC até pelo impacto ambiental que causa na região, mas há determinadas ações que devem ser desenvolvidas pelo governo.

Segundo o entrevistado 5, a REDUC cumpre seu papel social principalmente no bairro de Campos Elíseos, pois esta empresa possui participação em escolas, na recuperação do asfalto e das estradas do entorno. Para este entrevistado a REDUC também “gera muita renda, muita empresa, muita mão-de-obra, dá muito trabalho para as pessoas aqui da Redondeza, gera muito emprego e isso é muito importante”.

As entrevistadas 10, 12 e 13 destacam que acham que a REDUC cumpre o papel social, pois oferece algumas oportunidades de emprego, oportunidades e concursos e aumenta o capital financeiro e a representatividade de Duque de Caxias. No entanto, as entrevistadas 12 e 13 destacam que “é muito difícil você entrar ali, acho que o papel importante dela seria gerar emprego para o pessoal da comunidade, mas que é difícil você conseguir emprego aí dentro é, então não tem essa facilidade”.

Já a entrevistada 11 descreve que o papel da REDUC é gerar renda para Duque de Caxias, além disso é preciso que ela desenvolva mais pesquisas com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores e das pessoas do entorno, pois nem a REDUC nem as pessoas tem condições de se locomoverem daquela localidade, sendo assim é preciso que todos convivam juntos.

Para a responsável da UNIGRANRIO (entrevistada 3) a refinaria não cumpre seu papel social na região de Duque de Caxias, pois não contribuiu de forma efetiva para a população com a semana de saúde, ou seja, as ações desenvolvidas na semana de saúde eram muito esporádicas e não tinham continuidade. Segundo a entrevistada a REDUC poderia fazer muito mais para os moradores da região, isto fica claro quando é retratada a posição dos moradores em relação à semana de saúde

[...] se dependêssemos deles nós faríamos aquilo 20 anos, 200, porque nunca mais eles perceberiam como uma coisa, eles não tinham essa dimensão crítica, nós tínhamos, mas eles não tinham, eles adoravam a Unigranrio, “Oba, vai ter feira da Unigranrio, vai ter feira de REDUC que legal” , eles adoravam, imagina eles passavam por n standes, cheios de atividades todos voltados para a área de promoção de saúde, nós é que só olhávamos para eles e dizíamos a gente pode fazer mais, ainda mais veja só o que eu vou te falar eu faço outras feiras, mas eu faço com associações, com ONGs, com capital social, político e financeiro infinitamente diminuto do que a Petrobras do Brasil.

Para o entrevistado 6 a REDUC cumpre pouco o papel social no município de Duque de Caxias. No que se refere à realização de projetos sociais, o entrevistado só conhece um, que está relacionado às crianças. Sendo assim, este entrevistado destaca que a REDUC deveria

[...] capacitar os moradores daqui para poder trabalhar lá, porque cursos, que hoje tem ai de 2, 3 mil reais para soldador para trabalhar na REDUC, ela para beneficiar a população aqui, ela tinha que dar esse curso de graça,

que pra ela é um custo zero, que ela não tem gasto com isso, ela tem todo o maquinário para dar esses cursos lá dentro.

O entrevistado 7 descreve que a REDUC não cumpre seu papel social no município de Duque de Caxias, pois a empresa é uma âncora do polo industrial e não consegue contratar mão-de-obra local. Assim esta organização deveria realizar um processo de inclusão com a população da região, através de parcerias com escolas técnicas, concessão de bolsas de estudo e aproveitar aqueles alunos que se destacarem nesses cursos, para assim desenvolver o cidadão de Duque de Caxias.

O entrevistado 8 relatou que a REDUC não cumpre o papel social dela no município de Duque de Caxias, pois a organização deveria proporcionar mais assistência à população, proporcionando apoio médico e mais empregos, plantando mais árvores, oferecendo informações e diminuindo o cheiro de gás,.

A entrevistada 9 descreveu que o papel social da REDUC não é para o município de Duque de Caxias, mas para as indústrias que estão ali situadas. Para esta entrevistada a REDUC deveria gerar mais empregos para a região, pois Duque de Caxias é uma cidade dormitório, ou seja, as pessoas trabalham no Rio de Janeiro e só vão a Duque de Caxias para dormir. Este processo ocorre porque a maior parte dos empregos em Duque de Caxias e mais especificamente na REDUC é para pessoas que vem de outros Estados.

Este entrevistado destaca ainda que a REDUC desenvolve seu papel social por meio de um projeto de evacuação denominado APELL, já descrito em outra seção dessa dissertação. Sendo assim, quando perguntado se a REDUC cumpre o papel social no município de Duque de Caxias a entrevistada expõe que a REDUC faz algumas ações mas não tanto quanto a população precisa.

#### **4.5.5 Percepção sobre a imagem da REDUC**

No que se refere à imagem da REDUC em Duque de Caxias a maioria dos entrevistados descreve que a refinaria é uma grande empresa que proporciona ganhos econômicos para o governo e uma boa imagem para o município, contudo teria uma imagem melhor se ela investisse mais na mão-de-obra local e na comunidade do entorno.

Os responsáveis da REDUC (entrevistados 1 e 16) destacaram que a imagem da empresa na região é boa, pois a comunidade do entorno está começando a

perceber a importância da REDUC no município de Duque de Caxias e pelas diversas ações desenvolvidas com as pessoas da comunidade

[...] não conseguindo compreender que na realidade a REDUC não está aqui para ser mais uma indústria a usufruir do município, ou seja, ela tem um papel de troca aí nessa história, ela tem muita coisa boa para oferecer para o município, não só em termos de arrecadação né, que é o principal de Duque de Caxias como também através dessas ações começar a ajudar a sociedade do em torno a penetrar um pouco mais no mercado de trabalho, se especializar um pouquinho nessa área, nessa indústria de petróleo, gás e energia, a gente tem um polo industrial muito grande aqui relativo a essa atividade, então é nesse sentido que as pessoas estão começando a perceber que é possível através de aprendizado, de educação e de conhecimento fazer parte desse segmento.

Quanto à imagem da REDUC para o responsável da UNIGRANRIO (entrevistada 3), ela descreve que sua percepção sobre a empresa mudou; a primeira imagem era de que a instituição estava preocupada com os indivíduos do entorno, depois da convivência percebeu-se que a comunidade precisava de um maior suporte e foi sinalizado por diversas vezes que algo deveria ser modificado e a solicitação não foi atendida.

Já a imagem da REDUC para a Secretaria de Desenvolvimento (entrevistado 16) envolve como fatores negativos, como são os impactos ambientais na região de Duque de Caxias e os fatores positivos são a arrecadação e a valorização dos seus trabalhadores.

O entrevistado 5 descreve que tem uma imagem maravilhosa da REDUC pois é “uma empresa muito ampla, dá suporte para muita gente, ajuda muita gente”

A imagem da REDUC para o entrevistado 6 é o de uma grande empresa que poderia atentar mais para a necessidade da população, proporcionando mais empregos, porque a população sofre com os gases que são lançados na atmosfera porém não tem nenhum benefício por ter uma grande empresa situada no entorno.

Para o entrevistado 7, a imagem da REDUC é boa em Duque de Caxias, pois a empresa é o pilar que sustenta o município, “pela fonte de renda, pelos *royalties*, pela refinaria, assim ela traz benefícios, mas também ela tem que ser olhada para não gerar consequências ruins, toda indústria ela tem um lado negativo”, sendo assim é preciso que haja uma contrapartida desta organização.

As entrevistadas 10 e 12 relataram que a imagem da REDUC é positiva, pois proporciona emprego às famílias e alguma atividades para as crianças. As entrevistadas 11 e 13 destacam que a imagem da REDUC é intermediária, porque

toda fonte de renda e emprego é importante e o marketing que essa empresa proporciona a Duque de Caxias, porém é maléfico pois todos que moram no entorno estão expostos a um grande risco, o gás e a poluição que prejudicam o meio ambiente.

A entrevistada 9 destacou que

a imagem do progresso, o que falta são os governos se entreverem, formarem parcerias, falta que essas pessoas tenham uma visão social e humana maior do que existe hoje, que não existe, o ser humano tem que aprender a tratar o ser humano como ser humano e não como parte total de uma coisa e é dessa forma que é tratado o ser humano, hoje em todos os níveis, não é só REDUC, é em todos os níveis, por exemplo, na saúde você é apenas mais um, você é parte de uma estatística, se você morre ou se você vive, ninguém se coloca no lugar do outro para ser atendido com qualidade ou para atender da forma como gostaria de ser atendido, então não é dessa forma que a coisa anda, então o ser humano perdeu muito dos valores que deveria ter.

O entrevistado 8 descreve que a imagem que possui da REDUC é horrível pois esta empresa não traz nenhum benefício para a população,

emprego dificulta o máximo, assistência social nenhuma, projeto ambiental zero, não tem incentivo para a plantação de árvores, conscientizar o pessoal a plantar ou não cortar árvores para diminuir o efeito da poluição [...], a população de Primavera e Campos Elíseos está abandonada em termos de REDUC, a imagem que eu tenho da REDUC sinceramente é uma empresa que só visa lucro.

#### **4.5.6 Percepção sobre os impactos ambientais**

O impacto ambiental que a REDUC proporciona em Duque de Caxias, relatados pelos entrevistados, está relacionado, na maioria das vezes, à poluição, aos gases e ao clima que é verificado na região do entorno da refinaria.

Quando perguntado se tem conhecimento do dano ambiental da REDUC, o entrevistado 5 destaca que não conhece muito o interior da refinaria, e que, portanto, não tem conhecimento do dano ambiental causado pela REDUC. Contudo, o entrevistado tem conhecimento que muitas são as empresas que utilizam derivados de petróleo e estão situadas na proximidade da REDUC e algumas no bairro de Campos Elíseos.

O entrevistado 6 não possui muita noção dos impactos ambientais causados pela REDUC ao município de Duque de Caxias, mas observou que entre os anos de 1964 e 1965 ocorreu uma grande explosão na refinaria e retratou que

[...] hoje em dia eu sei que tem outras explosões lá dentro tá, só que não é divulgado, só que como eu tenho amigos que trabalham lá dentro ainda, eles falam que já morreu gente lá dentro e não divulgaram, a imprensa não sabe disso, não sabe de nada, só sabe que explodiu mas foi coisa pouca, pouca nada foi explosão que mata gente

Na percepção do entrevistado 7 a REDUC não consegue enxergar os impactos ambientais que traz para a região. Estes impactos mudam a rotina das pessoas, fazendo com que as mesmas adaptem-se a conviver com emissão de gases que poderiam ser tratados, além disso não há informação de como o lixo ali existente é coletado e nem de como a água utilizada é tratada.

O entrevistado 8 conhece pouco sobre o impacto ambiental gerado pela REDUC em Duque de Caxias. Ele retrata que para a construção do polo petroquímico de Duque de Caxias um manancial do entorno da REDUC foi aterrado e atualmente as pessoas que estão naquela região sofrem com diversas inundações em suas casas. Outro fator é o que por causa da concentração de gás e poluição na região de Campos Elíseos as crianças sofrem de diversos problemas alérgicos.

A entrevistada 9 descreveu que é visível a poluição do ar, a da Baía e a dos rios, mas esta poluição não é só de responsabilidade da REDUC, o governo e a população também tem sua contribuição.

A entrevistada 10 relata que possui uma preocupação muito grande com o futuro do planeta e se a empresa e as pessoas podem reduzir os danos ao ambiente é importante realizar esta ação. Este entrevistado complementa que existe muita quantidade de fumaça, mas eles estão sempre limpando a fachada e o córrego que existe em frente à REDUC.

A entrevistada 11 descreveu que o impacto ambiental da refinaria está ligado ao meio ambiente, aos gases e a fumaça que afetam a camada de ozônio, no que diz respeito a danos ao animal e às árvores, o desmatamento nunca foi verificado. Já as entrevistadas 12 e 13 não tem nenhum conhecimento dos danos ambientais que a REDUC provoca ao município de Duque de Caxias.

## 4.6 ANÁLISE DOS DADOS

A análise de dados foi desenvolvida com base nessas categorias de análise contidas na seção 2.7 que são: poder simbólico, violência simbólica, capital simbólico, doxa, responsabilidade social e ação social. Sendo assim, esta análise envolveu a triangulação dos dados com o referencial teórico apresentado.

Primeiramente para entender a questão do poder e capital simbólicos é fundamental descrever quem são os dominantes e os dominados nestas relações. A partir do descrito no capítulo 2.4 e do evidenciado na apresentação de dados, percebe-se que os dominantes são as grandes empresas, pois detêm diversos capitais não possuídos pela população da região de Campos Elíseos, que acabam sendo os dominados. Esta relação fica evidente a partir do momento em que a REDUC-PETROBRAS desenvolve projetos de ação social na região, contudo a população não participa ativamente das decisões da organização sobre os projetos a serem apoiados, as questões ambientais, entre outros.

Depois de realizada esta descrição é importante entender de que forma o capital simbólico pode ser verificado nestas relações. É este capital que está ligado à honra e ao reconhecimento das instituições e dos agentes. Nas ações de responsabilidade social da REDUC este capital está ligado à força da imagem que esta organização possui na região e à sua credibilidade no imaginário da população local. Há uma forte referência simbólica acerca da refinaria no imaginário da população da região, conforme descrito no capítulo 4.3.5. Estes fatores são reforçados por diversos aspectos, descritos a seguir:

- a) os entrevistados relataram “sonhar” em ingressar na REDUC, como por exemplo o entrevistado 6: “se ela (a REDUC) desse mais empregos eu hoje não seria comerciante, eu seria um soldador porque é uma área que eu gosto”, o entrevistado 16 também retratou este sonho quando perguntado da percepção dos moradores sobre a refinaria:

eles olham muito na percepção da oportunidade de emprego, eles olham muito sonhando com um emprego, com um emprego na REDUC e trazendo benefícios, eles falam muito na arrecadação, que a arrecadação é muito pesada, muito forte no município, então num modo geral é positivo, eles olham nesse sentido, é claro todo mundo sonhando gostaria de estar na Petrobras, gostaria de estar trabalhando na REDUC entendeu;

- b) o vínculo emocional estabelecido com a empresa, reforçado pelas visitas que foram realizadas na infância dos entrevistados, como o entrevistado 5 descreveu: “na época que eu estava no colégio, nós íamos para a REDUC conhecia a matéria-prima, borracha, essas coisa de matéria-prima, fazíamos lanche, ganhávamos revista..”. Esta experiência, vivida em um período fértil para construção do imaginário do indivíduo, contribui fortemente para propagar o simbolismo da empresa.

Estes fatores também reforçam a violência simbólica à medida em que aumentam o sentimento de exclusão daqueles que não foram aproveitados em empregos na empresa, ou seja, se estes fatores forem analisados a partir do conceito de violência simbólica é possível entender que os moradores utilizam este capital simbólico para reforçar esta violência, pois, conforme foi retratado em diversas entrevistas, os moradores não percebem a exclusão do emprego como um problema da estrutura de relações entre o capital social e cultural e econômico, mas sim como um problema de falta de capacitação deles próprios.

Os moradores da região também possuem capital simbólico a partir da análise do fato de que muitos moram há muito tempo na região e desenvolvem conhecimentos específicos a respeito da região e da cultura que muitos indivíduos não possuem e talvez nunca possuirão. Contudo, este capital não é aquele que evidencia o poder nas relações existentes na região.

No capítulo 2.3, é abordado o conceito de *doxa*, que de acordo com Bourdieu envolve as crenças, os valores e os pensamentos estabelecidos como verdadeiros. A *doxa* também é fundamental para entender o poder simbólico. Nas relações de ação social da REDUC na região de Campos Elíseos, a *doxa* se caracteriza como: a presença de grandes empresas na região aumenta a geração de emprego e renda, pois muitos dos entrevistados destacaram que o papel social de uma grande empresa como a REDUC na região é trazer o progresso para a região de Campos Elíseos e, conseqüentemente, para Duque de Caxias. Este progresso se dá por meio da geração de empregos, para algumas pessoas da localidade, mesmo considerando os de baixa hierarquia conforme relatado no capítulo 4.3.3. Além da geração de empregos muitos apontam a geração de renda, através de *royalties* e recursos que esta organização disponibiliza para reestruturação e infraestrutura que

a beneficiem (limpeza da sua fachada, limpeza do córrego existente na sua entrada) como destacado pela entrevistada 10 no capítulo 4.3.5.

O poder simbólico é definido no capítulo 2.5 como sendo o poder de fazer com que o outro realize o que deseja. De acordo com o que pôde ser verificado na pesquisa de campo, o símbolo da REDUC como uma grande empresa em Duque de Caxias faz com que as pessoas a relacionem diretamente à geração de emprego e renda e uma imagem do progresso, conforme retratado pela entrevistada 9. Contudo, esta organização também gera um grande dano para a região onde está situada e não gera tantos empregos quanto a população de Campos Elíseos necessita, afirmações estas evidenciadas na fala dos entrevistados. O poder simbólico se manifesta também através do capital econômico gerado sem ser revertido em melhorias de infraestrutura, saúde e educação para a região de Campos Elíseos.

O poder simbólico está evidente nas relações entre a REDUC e o governo municipal, visto que como uma grande empresa que detém grande quantidade de recursos financeiros assume algumas funções sociais, política e econômicas que deveriam ser responsabilidade do governo.

Esta *doxa* e o poder simbólico da região não surgem somente a partir do desenvolvimento de ações e da imagem REDUC. A definição de poder a partir do símbolo de uma grande empresa é uma questão histórica da região de Duque de Caxias. Isto pode ser verificado no capítulo 4.2, quando descreve que o município de Duque de Caxias só começou a desenvolver-se com a implantação de grandes empresas na região como a Fábrica Nacional de Motores, Refinaria Duque de Caxias e FABOR e esta situação prevalece até os dias atuais com o discurso do entrevistado 16 quando descreve que recebe diariamente grandes empresas da área de logística que estão tentando se estabelecer na região, no qual “grandes empresas não vou citar ainda para não adiantar a gente está em fase de negociação para trazê-las para o município, eles estão procurando áreas outros já tem áreas, outros estão só querendo um apoio numa fase de implementação mesmo então está acontecendo muito isso”.

Outro fator a ser verificado nesta análise é o discurso da REDUC em relação à responsabilidade social, conforme retratado no capítulo 4.3.2, as entrevistas 14 e 15 destacaram que esta organização possui uma responsabilidade social com a comunidade à medida em que contribui socialmente através dos projetos e dos

eventos que realiza. Este discurso também é apresentado no *site* da Petrobras, no qual a organização descreve que os projetos de responsabilidade social tem como objetivo “reduzir riscos, evitar impactos sociais negativos e gerar resultados positivos por meio do relacionamento com as comunidades onde desenvolvemos atividades”.

No entanto, o que foi constatado na pesquisa de campo é que a maioria dos moradores não conhece ou não participa dos projetos e eventos desenvolvidos pela REDUC, isto pode ser verificado no relato da entrevistada 9 descrevendo o que percebe em um dos eventos desenvolvidos pela organização:

[...] dentro da REDUC existe um processo APELL, existe um trabalho de evacuação no caso de um acidente na REDUC, só que isso ai não funciona de fato, se aquilo ali empipocar mesmo, não tem jeito vai morrer muita gente porque é uma simulação que eles fazem eventualmente que não envolve de fato a comunidade, envolve umas, algumas pessoas mais interessadas, mais informadas, mas o povão mesmo, eu acho que deveria fazer alguma coisa que envolvesse a massa, aquele que não sabe nem porque que explodiu, o que está fazendo ali, porque é esse que vai morrer, aquele mais bem informado sabe para onde correr, ele sabe o que fazer mas a grande massa não.

Outro fator que demonstra esta contradição entre o discurso e a prática é o fato de que a REDUC desenvolve projetos voltados a capacitação dos moradores de Duque de Caxias, contudo a entrevistada 4 descreve que somente 3 ou 4 de 120 participantes do projeto Jovem Aprendiz foram contratados por esta empresa. Quando os responsáveis da REDUC (entrevistados 14 e 15) foram questionados a respeito do fato terem conhecimento da quantidade de moradores do município que trabalham na refinaria destacaram que não tinham conhecimento, mas que existem trabalhadores “que se formaram no Jovem Aprendiz, nós temos Jovem Aprendiz contratado aqui dentro, Cidades da Solda também, a gente encontra as pessoas que participaram desse projeto”. Este fato demonstra que não há um monitoramento sobre este aproveitamento, sendo assim o interesse passa a ser somente o de cumprir o que está estabelecido na lei. Além disso, se a empresa está utilizando uma Lei federal e percebe que não teria capacidade de absorver todos os participantes dos projetos deveria trabalhar em conjunto com o poder público, pois eles poderiam ser alocados em outras empresas do setor de petróleo, visto que a região possui um polo gás-químico e um polo petroquímico.

Levando em consideração o que é descrito na teoria sobre responsabilidade social e ação social, o que a REDUC desenvolve no município de Duque de Caxias

é ação social, pois responsabilidade social inclui práticas que envolvem todos os seus *stakeholders*, já ação social envolve projetos sociais que envolvam apenas alguns destes *stakeholders*. Este último conceito está mais associado às práticas sociais desenvolvidas pela refinaria porque grande parte da população não está incluída nos projetos sociais desenvolvidos pela empresa.

Outro fator verificado nestas práticas desenvolvidas pela organização é o *marketing* obtido através destas ações, este fator pôde ser comprovado quando a entrevista 1 destaca que todos os meios de comunicação e propaganda que os projetos desenvolvem devem possuir o logomarca da Petrobras:

Todos os locais que tem algum tipo de informação sobre esses convênios seja através de *folder*, cartazes, etc faz parte desse convênio constar sempre a logomarca da Petrobras, pra mostrar que é uma forma de comunicar ao público que a Petrobras esta participando daquele convênio.

A violência simbólica fica evidente no discurso da responsável da REDUC quando questionada sobre a responsabilidade social, a mesma relata que:

[...] nós temos uma comunidade que a gente está inserida nela e não vamos dizer que a gente não prejudica né, não vamos dizer que não poluímos porque isso é mentira, dizer isso seria demais, então nós temos até como diretriz da empresa de ter um retorno para a comunidade de ter uma coisa de bom para a comunidade, uma contrapartida e os projetos sociais não deixa de ser, nós estamos inseridos em uma comunidade que a gente mudou muita coisa aqui, se bem que nós chegamos antes na comunidade, mas mesmo assim a comunidade convive com a gente e nós temos por obrigação até de fazer alguma coisa pela comunidade daqui, nós tentamos fazer com projetos sociais e com o próprio voluntariado.

Neste comentário a entrevistada descreve que a REDUC chegou antes da comunidade, contudo essa foi formada a partir dos operários que fizeram suas moradias nas redondezas da construção da refinaria. Sendo assim, a REDUC foi a peça fundamental para a formação da comunidade no entorno e por isso não deveria colocar a responsabilidade social como um benefício que oferece para os indivíduos. Mas sim deveria tentar ajudar da melhor forma as pessoas que residem naquela região.

O papel do Estado que segundo Bourdieu (1996) no capítulo 2.5 deveria ser fundamental para oferecer serviço público a todos, sem distinção, e desenvolver o maior capital existente que é o estatal não ocorre efetivamente na região de Campos Elíseos. Os projetos sociais e a educação que deveriam ser de responsabilidade

desta instituição não são oferecidos à população. Da mesma forma, o atendimento à saúde só existe em um único posto na região, que é coordenado por uma empresa terceirizada e que nem sempre possui todos os aparatos necessários.

Segundo Bourdieu (1996) quando o papel do Estado não é realizado há uma luta no campo para dominar o poder desta instituição. No campo de Campos Elíseos está clara a concentração de poder na REDUC e no conjunto de empresas do polo, que dominam economicamente a região, os investimentos de infraestrutura e o imaginário da população local, perpetuando, dessa forma, o acúmulo dos capitais que a possibilitam exercer este poder.

## 5 CONCLUSÃO

O objetivo geral do presente trabalho consistiu em analisar os discursos e as práticas de ação social da Refinaria Duque de Caxias (REDUC – PETROBRAS) no Município de Duque de Caxias, a partir da perspectiva teórica de poder e capital simbólico de Bourdieu (1989). E a pergunta de pesquisa do presente trabalho é: Quais são e como se apresentam, disseminam e constroem os discursos e as práticas de ação social da Refinaria Duque de Caxias (REDUC – PETROBRAS) no Município de Duque de Caxias?

Para tanto se utilizou como autor principal Pierre Bourdieu e sua teoria sobre capitais, *doxa*, e poder simbólico para que fosse possível perceber as relações existentes no campo estudado bem como o poder simbólico e a crença existente. Para auxiliar também na análise dos dados foi apresentada uma base teórica a respeito de responsabilidade e ação social.

O município de Duque de Caxias é constituído de 4 distritos: Centro, Campos Elíseos, Imbariê e Xerém. A REDUC está situada no 2º Distrito, ou seja, Campos Elíseos. Sendo assim, para atingir este objetivo optou-se por estudar a região no 2º distrito de Duque de Caxias que é Campos Elíseos. Verificou-se que na localidade estão presentes diversos agentes e instituições: a REDUC, o polo petroquímico, o polo gás-químico, empresas transportadoras, o posto de saúde, pequenos comércios e muitos moradores.

Percebeu-se que a condição social dos moradores de Campos Elíseos é muito precária. No distrito analisado pequenas casas humildes convivem com grandes e médias empresas transportadoras de petróleo, gás e energia. Eles dispõem de um posto de saúde que não oferece as condições necessárias para a população da região e, além disso é de responsabilidade do governo, contudo é administrado por uma empresa privada

Nesta região campo percebeu-se que existe uma *doxa* relacionada ao fato de que as grandes empresas ali situadas geram emprego e renda para a região. Isto é, há uma imagem de que uma grande empresa como a REDUC deve trazer muitos benefícios e um progresso para a região onde está localizada. Esta imagem e a força que esta organização possui no imaginário da população local configuram o poder simbólico que a mesma exerce nesta região. Verificou-se que este poder relacionado a geração de empregos gera uma violência simbólica nos moradores a

medida em que estes sentem-se excluídos por não terem participação nestes empregos, ou seja, um sentimento de exclusão visto que não tem possibilidades de participar do quadro funcional da organização. Esta violência também está associada ao fato de que os moradores vivenciam a contradição existente entre o capital econômico gerado pelas empresas da região frente a sua realidade social e econômica.

Desta forma, no campo de Campos Elíseos fica evidente a concentração de poder na REDUC e no conjunto de empresas presentes do polo, que dominam economicamente a região, os investimentos de infraestrutura e o imaginário da população local, perpetuando, dessa forma, o acúmulo dos capitais que a possibilitam exercer este poder.

No que refere-se a ação social, o discurso da REDUC no município de Duque de Caxias é de que a organização utiliza-se dos projetos sociais para contribuir socialmente para a comunidade reduzindo assim riscos e impactos negativos e gerando resultados positivos para a comunidade no entorno. Afinal os responsáveis desta organização reconhecem que causam diversos danos a população e ao meio ambiente. Sendo assim, verificou-se que esta organização possui diversos projetos de responsabilidade social no Município: Programa da Criança, Jovem Aprendiz, Cidades da Solda, Gol Social e Mova Brasil, além disso há eventos desenvolvidos por esta organização, como: Semana de Saúde, semana do meio ambiente e SIPAT (Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho. Estes projetos abrangem quatro bairros do Município de Duque de Caxias, sendo: Pilar, Bom Retiro, Campos Elíseos, Jardim Primavera e Saracuruna.

No entanto, foi verificado que estes projetos não contribuem de forma efetiva para a população do Município de Duque de Caxias. Primeiro, pois são muito poucos os atendidos por estes projetos em relação a população total das regiões atendidas. Segundo, a população destas regiões tem pouco ou nenhum conhecimento a respeito dos diferentes projetos. Terceiro, a população não participa das decisões sobre que projetos auxiliarão da melhor forma as necessidades que os moradores possuem.

A partir deste caso, podem-se ser feitas algumas conclusões gerais, sendo: os governos municipais transferem responsabilidades econômicas, políticas e sociais para as grandes empresas existentes como saúde e educação; a implantação de grandes empresas em determinada localidade é vendida com um

discurso voltado para o desenvolvimento econômico, não levando em consideração os impactos negativos desta implementação; e as organizações detêm mais poder e possuem um papel maior que as nações.

Portanto, em resposta ao problema de pesquisa proposto por este trabalho, a saber: quais são e como se apresentam, disseminam e constroem os discursos e as práticas de ação social da Refinaria Duque de Caxias (REDUC – PETROBRAS) no Município de Duque de Caxias?, considera-se que o discurso de ação social que o discurso de ação social da REDUC a respeito de contribuir socialmente para a comunidade do entorno é muito bem apresentado e disseminado pelos responsáveis da organização. Contudo quando verificado na perspectiva dos moradores das regiões atendidas, que na verdade deveriam ser os mais beneficiados com os projetos desenvolvidos, ou seja, quando verificado na prática há uma contradição em relação a este discurso já que poucos são os moradores que participaram destes projetos e dos moradores que foram capacitados poucos foram os absorvidos pela REDUC. Sendo assim, o discurso da REDUC não corresponde efetivamente à prática observada e relatada pelos entrevistados.

Para pesquisas futuras propõem-se que sejam estudados mais profundamente o impacto de cada projeto na vida pessoal e profissional dos participantes, os campos dos outros três distritos de Duque de Caxias bem como as relações existentes entre cada agente e instituições presentes em cada região.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Renata Bessa de. **A implementação de Programa de Humanização no pré-natal no Município de Duque de Caxias** – RJ, na perspectiva dos gestores e profissionais de saúde. Dissertação de Mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. 2005.

ANP. Agência Nacional de Petróleo, gás Natural e Biocombustíveis. **Anuário Estatístico Brasileiro do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis**. Rio de Janeiro: ANP, 2009. Disponível em: < <http://www.anp.gov.br/?pg=24287&m=&t1=&t2=&t3=&t4=&ar=&ps=&cachebust=1277759869680> >. Acesso em: 30 jun. 2010.

Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro. Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro. Governo do Estado de Rio de Janeiro. 2010.

ASHLEY, Patricia Almeida (coord.). **Ética e responsabilidade social nos negócios**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

BAÍÁ Paulo Rogério dos Santos. **A Tradição Reconfigurada: Mandonismo, Municipalismo e Poder Local no Município de Nilópolis e no Bairro da Rocinha na Região Metropolitana do Rio de Janeiro**. Tese de doutorado - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2006

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BARBOSA, Edmery Tavares; TEMOCHE, Cesar Augusto Ruiz; ECHTERNACHT, Tiago Henrique de Souza; CASTRO, Rita de Cassia Silva; BANDEIRA, Lucilene Klenia Rodrigues. Responsabilidade Social como estratégia do marketing social. **Congresso de Controladoria e contabilidade em prol do desenvolvimento**, 4, 2007. Disponível em: < <http://www.congressousp.fipecafi.org/artigos72007/673.pdf> >. Acessado em: 9 jan. 2011.

BOURDIEU, Pierre. Trabalhos e projetos. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. New York: Greenwood, 1986, p. 46-58. Disponível em: < [bbs.knue.ac.kr/~edupolicy/lib.\\_.brd/\\_1.116\\_/education.pdf](http://bbs.knue.ac.kr/~edupolicy/lib._.brd/_1.116_/education.pdf) >. Acesso em: 12 jun. 2010.

\_\_\_\_\_. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.

\_\_\_\_\_. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. 5 ed. Campinas: Papirua, 1996.

\_\_\_\_\_. **Conferência do Prêmio Goffman**: a dominação masculina revisitada. In: LINS, Daniel. A dominação masculina revisitada. São Paulo: Papirus, 1998.

\_\_\_\_\_. **Contrafogos**: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a.

\_\_\_\_\_. **Questões de Sociologia**. Lisboa, Fim de século: 2003.

\_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **Escritos de educação**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc J. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

BORGES, Jacqueline Florino; MIRANDA, Rodrigo; VALADÃO JÚNIOR, Valdir Machado. O discurso das fundações corporativas: caminhos de uma “nova” filantropia?. **RAE**, v. 47, n. 4, out/dez 2007. Disponível em: < <http://www16.fgv.br/rae/artigos/5054.pdf>>. Acessado em: 9 jan. 2011.

BR/PETROBRAS. **Refinaria Duque de Caxias 40 anos**. Rio de Janeiro: BR/PETROBRAS, 2001.

CANTALEJO, Manoel Henrique de Sousa. **O Município de Duque de Caxias e a Ditadura Militar**: 1964-1985. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em História Social (PPGHIS), do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008

CARDOSO, Beatriz. A revolução. Especial: pré-sal. **TN PETRÓLEO**, n 61, jul/ago 2008. Disponível em: < <http://www.tnpetroleo.com.br/revista/anterior/edicao/61>>. Acessado em: 01 de set. 2010.

CARVALHO, Cristina Amélia; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. **O poder nas organizações**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

COOPER, Donal R.; SCHINDLER, Pamela S. **Métodos de pesquisa em administração**. 7 ed. São Paulo: Bookman, 2001.

COSTA, Pierre. Caxias dos anos 1940 aos 70: Cidade Dormitório e Industrial. In: **Revista Pilares da História**. Duque de Caxias: Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias, ano 7, nº 8, maio/2008.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: método qualitativo, quantitativo e misto. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, Bookman, 2007.

CTGAS – Centro de Tecnologia do Gás. **Polo gás-químico de Duque de Caxias será inaugurado no dia 23 de junho**. 2005. Disponível em: < Site: [http://www.ctgas.com.br /template02.asp?parametro=6455](http://www.ctgas.com.br/template02.asp?parametro=6455)>. Acessado em: 20 jul. 2010.

DIAS, Reinaldo. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Prentice Hall, 2005

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**: Métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

DUPAS, Gilberto. Livre mercado, desamparo, Estado e governabilidade. **Seminário Brasil 2010**: Novo Contexto Internacional e a Social Democracia. Disponível em: < [http://ww1.psd.org.br/psdb\\_antigo/Partido/itv/seminario/novo\\_contexto/gilberto\\_dupas.htm](http://ww1.psd.org.br/psdb_antigo/Partido/itv/seminario/novo_contexto/gilberto_dupas.htm)>. Acessado em: 9 jan. 2011.

FARIA, José Henrique de. Poder e relações de poder. In: CARVALHO, Cristina Amélia; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão (orgs). **Organizações, instituições e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

\_\_\_\_\_. **Economia política do poder**. Curitiba: Juruá, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como Doença Social**: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. Idéias & Letras, 2007.

GOOGLE MAPS. **Localização da REDUC**. 2011. Disponível em: < [http://maps.google.com.br/maps?f=q&source=s\\_q&hl=pt-BR&geocode=&q=refinaria+duque+de+caxias&sll=-14.239424,-53.186502&sspn=37.11765,79.013672&ie=UTF8&hq=refinaria&hnear=Duque+de+Caxias+++Rio+de+Janeiro&ll=-22.73914,-](http://maps.google.com.br/maps?f=q&source=s_q&hl=pt-BR&geocode=&q=refinaria+duque+de+caxias&sll=-14.239424,-53.186502&sspn=37.11765,79.013672&ie=UTF8&hq=refinaria&hnear=Duque+de+Caxias+++Rio+de+Janeiro&ll=-22.73914,-)

43.298149&spn=0.132355,0.308647&z=12&cid=10181138052810737649&iwloc=A  
>. Acesso em: 08 jun. 2011.

HALL, Richard H. **Organizações**: estruturas, processos e resultados. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Indicadores de volume e valores correntes - Dados preliminares - 2º Trimestre de 2009. 2009**. Disponível em: < [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/pib/pib-vol-val\\_200902\\_14.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/pib/pib-vol-val_200902_14.shtm) >. Acesso em: 29 nov. 2011.

\_\_\_\_\_. **Duque de Caxias**: Rio de Janeiro, RJ. 2011. Disponível em: < <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riodejaneiro/duquedecaxias.pdf> >. Acessado em 08 de jun. 2011.

LACERDA, Stélio José da Silva. A Emancipação Política do Município de Duque de Caxias (Uma Tentativa de Compreensão). In: **Revista Pilares da História**. Duque de Caxias: Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias, ano II, nº 3, dezembro/2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 1978.

LUCCHESI, Celso Fernando. Petróleo. **ESTUDOS AVANÇADOS**, v. 12, n. 33, ago 1998, p. 17-40. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v12n33/v12n33a03.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2010.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 12 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

MARIANO, Jacqueline Barboza. **Impactos ambientais do refino de petróleo**. Rio de Janeiro, RJ: Interciência, 2005.

MARQUES, Alexandre dos Santos; TORRES, Rogério; ALMEIDA, Tania Maria da Silva Amaro de. Seção TRANSCRIÇÃO. In: **Revista Pilares da História**. Duque de Caxias: Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias, ano II, nº 3, dezembro/2003.

MISOCSKY, Maria Ceci A. Campo de poder e ação em Bourdieu: implicações de seu uso em estudos organizacionais. In: ENANPAD, 25, 2001, São Paulo. **Anais eletrônicos**. Disponível em: < [http://www.anpad.org.br/evento.php?acao=trabalho&cod\\_edicao\\_subsecao=50&cod\\_evento\\_edicao=5&cod\\_edicao\\_trabalho=3188](http://www.anpad.org.br/evento.php?acao=trabalho&cod_edicao_subsecao=50&cod_evento_edicao=5&cod_edicao_trabalho=3188)>. Acesso em: 18 jun. 2010.

OLIVEIRA, José Antônio Puppim de. **Empresas na sociedade**: sustentabilidade e responsabilidade social. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

OS CAMPOS DE PETRÓLEO NO BRASIL, **PETROBRAS**, 2005. Disponível em: <[http://www2.petrobras.com.br/Petrobras/portugues/plataforma/pla\\_campos\\_petroleo.htm](http://www2.petrobras.com.br/Petrobras/portugues/plataforma/pla_campos_petroleo.htm)>. Acesso em: 1 set 2010.

ORTIZ, Renato. A procura de uma sociologia da prática. In: ORTIZ, Renato. Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

ÖZBILGIN M.; TATLI, A. Understanding Bourdieu's contribution to organization and management studies. In: **ACADEMY OF MANAGEMENT REVIEW**, 2005, 30, 4, p. 855-869. Disponível em: <<http://eastanglia.academia.edu/documents/0008/6708/OzbilginandTatliAMR.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2010.

PAGÉS, Max; BONETTI, Michel; GAULEJAC, Vincent de; DESCENDRE, Daniel. **O poder das Organizações**. São Paulo: Atlas, 1987.

PEREIRA, Wolney Afonso; CAMPOS FILHO, Luiz Alberto Nascimento. Investigação sobre as semelhanças entre os modelos conceituais da responsabilidade social corporativa. In: ENANPAD, 30, 2006, Salvador. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <[http://www.anpad.org.br/evento.php?acao=trabalho&cod\\_edicao\\_subsecao=149&cod\\_evento\\_edicao=10&cod\\_edicao\\_trabalho=5442](http://www.anpad.org.br/evento.php?acao=trabalho&cod_edicao_subsecao=149&cod_evento_edicao=10&cod_edicao_trabalho=5442)>. Acesso em: 9 jan. 2011.

PERISSINOTTO, Renato M. Hannah Arendt, poder e a crítica da “tradição”. Revista **LUA NOVA**, n 61, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n61/a07n61.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2010.

PERTUSIER, R. Polo gás-químico de Duque de Caxias demanda para o gás natural de Campos. In: **PETROLEO & GAS BRASIL**, 3, 2002, Rio de Janeiro. Disponível em: <[www.ie.ufrj.br/infopetro/pdfs/petrogas-fev2002.pdf](http://www.ie.ufrj.br/infopetro/pdfs/petrogas-fev2002.pdf)>. Acessado em: 20 jul. 2009.

PETROBRAS. **REDUC** – Refinaria Duque de Caxias. 2009. Disponível em: <<http://www2.petrobras.com.br/minisite/refinarias/portugues/refinarias/REDUC.asp>>. Acesso em: 15 ago. 2009.

PIQUET, Rosélia; SERRA, Rodrigo. Apresentação. In: PIQUET, Rosélia; SERRA, Rodrigo (orgs). **Petróleo e região no Brasil: o desafio da abundância**. Rio de Janeiro: Graranond, 2007.

PRATES, Claudia Trindade; COSTA, Ricardo Cunha da; PASTORIZA, Florinda Antelo. Setor e petróleo e gás natural: perfil dos investimentos. **BNDES SETORIAL**, n. 22, p. 3-28, set. 2005, Rio de Janeiro. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set2201.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set2201.pdf)>. Acesso em: 01 set. 2010.

PREFEITURA de Duque de Caxias. **Conheça Duque de Caxias**. 2011. Disponível em: < [http://www.duquedecaxias.rj.gov.br/index.php/conheca\\_caxias/](http://www.duquedecaxias.rj.gov.br/index.php/conheca_caxias/)>. Acessado em 08 de jun. 2011.

REDUC – Refinaria Duque de Caxias. 2009. PETROBRAS. Disponível em: < <http://www2.petrobras.com.br/minisite/refinarias/portugues/refinarias/REDUC.asp>>. Acesso em: 15 ago. 2009.

ROSA, Alexandre Reis. **(O) Braço Forte, (A) Mão Amiga: um estudo sobre dominação masculina e violência simbólica em uma organização militar**. Dissertação de Mestrado em Administração. Lavras: UFLA, 2007.

SANTOS, Sérgio Honorato dos. **Royalties de petróleo: à luz do direito positivo**. Rio de Janeiro: Esplanada, 2005.

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO Econômico de Duque De Caxias. 1 CDROM. 99 Slides. Produzido pela Secretária de Desenvolvimento Econômico com ênfase nas vantagens do município para empresas interessadas em se estabelecer no mesmo.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea **REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO**, n 20, maio/jun/jul/ago 2002. Disponível em: < [http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE20/RBDE20\\_06\\_MARIA\\_DA\\_GRACA\\_JACINTHO\\_SETTON.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE20/RBDE20_06_MARIA_DA_GRACA_JACINTHO_SETTON.pdf) >. Acesso em: 22 set. 2010.

SILVA, Helenita Maria Beserra da. A Emancipação Política do Município de Duque De Caxias. In: **Revista Pilares da História**. Duque de Caxias: Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias, ano II, n° 3, dezembro/2003.

SILVA, Rosimeri Carvalho da; DELLAGNELO, Eloise Livramento. Prefácio. In: CARVALHO, Cristina Amélia; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. **O poder nas organizações**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

SILVEIRA, Rafael Alcadipani da. **Michel Foucault: poder e análise das organizações**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

SILVERMAN, David. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para a análise de entrevistas, textos e interações**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SOARES, Gianna Maria de Paula. Responsabilidade Social Corporativa: por uma boa causa! ?. **RAE Eletrônica**. Fórum Estudos Críticos em Administração. V.3, n.2, jul/dez 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/raeel/v3n2/v3n2a07.pdf>>. Acessado em: 9 jan. 2011.

SOUZA, Marlúcia dos Santos. Memórias da Emancipação e Intervenção no Município de Duque de Caxias nos Anos 40 e 50. In: **Revista Pilares da História**. Duque de Caxias: Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias, ano II, n° 3, dezembro/2003.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. Porto Alegre: Atmed, 2008.

TENÓRIO, Fernando Guilherme (org). **Responsabilidade social empresarial: teoria e prática**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

THOMAS, José Eduardo (org). **Fundamentos de engenharia de petróleo**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Interciência, 2001

TRE, Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro. **Estudos Socioeconômico dos Municípios do Estado do Rio de Janeiro**: Duque de Caxias. 2008.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **REVISTA DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**. fev 2006, vol.40, n.1, p.27-53. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2010.

\_\_\_\_\_. O primeiro Estruturalismo: Método de Pesquisa para as ciências de gestão. **REVISTA DA ADMINISTRAÇÃO CONTEMPORANEA**, abr./jun. 2006b, v. 10, n.2, p. 137-156. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rac/v10n2/a08.pdf> >. Acesso em: 7 set. 2010.

TORRES, Ciro. Capítulo 2. Responsabilidade social das empresas. **Fórum Responsabilidade e balanço social**: Coletânea de textos. SESI, 2003.

VASCONCELOS, Maria Drosila. **Pierre Bourdieu: a herança sociológica**. Educação & Sociedade, 13, n 78, abril 2002.

VASCONCELOS, Isabella F. Gouveia de; VASCONCELOS, Flávio Carvalho de; MASCARENHAS, André ofenhejm. Apresentação: debates em administração. In: CARVALHO, Cristina Amélia; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. **O poder nas organizações**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2004.

\_\_\_\_\_. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo, SP: Atlas, 2005.

VIEIRA, Eduardo Eugenio Gouvêa. Prefácio: um livro para o paradoxo brasileiro. In: MIGUELES, Carmen Pires. **Responsabilidade social X responsabilidade cultural: buscando soluções que funcionem em nosso contexto**. Instituto Juan Molinos de Responsabilidade Social e Cultural. 2007. Disponível em: <[www.institutojuanmolinos.com.br](http://www.institutojuanmolinos.com.br)>. Acesso em: 16 mar. 2010.

VIEIRA, Euripedes Falcão; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. **A dialética da pós-modernidade: a sociedade em transformação**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; ZOUAIN, Deborah Moraes (orgs). **Pesquisa qualitativa em administração**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

VILLAR, Laury de Souza. Duque de Caxias: 60 Anos de História e Desenvolvimento. In: **Revista Pilares da História**. Duque de Caxias: Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias, ano II, nº 3, dezembro/2003.

WACQUANT, Loïc J. D. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 19, p. 95-110, nov. 2002. Disponível em: <>. Acesso em: 07 abr. 2010.

\_\_\_\_\_. **Sociologia**. Problemas e práticas (Lisboa), 14, Fall 2004, p. 35-41. Disponível em: <[http://sociology.berkeley.edu/faculty/wacquant/wacquant\\_pdf\\_ESCLARECEROHABITUS.pdf](http://sociology.berkeley.edu/faculty/wacquant/wacquant_pdf_ESCLARECEROHABITUS.pdf)>. Acesso em: 26 abr. 2010.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Distrito Federal: Editora Universidade de Brasília. São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Centauro, 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.



## 8 ANEXO

### 8.1 ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O REPRESENTANTE DA REDUC-PETROBRAS

1. Quais são as organizações que interagem com a REDUC no Município de Duque de Caxias?
2. Qual a percepção dos moradores da região sobre a REDUC? Existe alguma pesquisa que verifique esta percepção?
3. Quais fatores contribuem para a imagem da REDUC na região? Na opinião do senhor qual seria esta imagem?
4. Quais são as políticas/ações desenvolvidas pela REDUC município de Duque de Caxias?
5. Com base em que critérios são definidas as propostas essas políticas de ação social da REDUC?
6. Quando, onde, como e de que forma são realizados os projetos?
7. Existe alguma política pública que obrigue a REDUC a promover políticas de ação social? Qual é? E quem desenvolveu?
8. Essas políticas de ação social são desenvolvidas em conjunto com alguma fundação de apoio?
9. De que forma a REDUC faz com que as pessoas conheçam as ações sociais promovidas nas suas instalações?
10. A PETROBRAS exige todas as suas filiais promovam práticas de ação social? De que forma é realizado este controle?

11. Outras organizações ou instituições do polo petroquímico participam das práticas de ação social da REDUC? Há algum convite formal para a participação?
12. Os funcionários da REDUC podem participar voluntariamente das ações em prol da comunidade? Algum benefício é oferecido para o funcionário?
13. Qual a relação da REDUC com a ASSECAMPE? De que forma a REDUC participadas ações sociais da ASSECAMPE e vice-versa?
14. De que forma a REDUC acompanha os resultados das ações sociais promovidas na região?

## 8.2 ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA RESPONSÁVEL DO PROJETO CIDADE DA SOLDA

1. O que é o projeto Cidade da Solda?
2. Há quantos anos há o projeto Cidade da Solda? Como surgiu a iniciativa do projeto Cidade da Solda?
3. De que forma é divulgado o projeto Cidade da Solda para os possíveis participantes?
4. Que critérios são utilizados para escolher os participantes do projeto Cidade da Solda? Quem criou estes critérios? Com base em que indicadores?
5. Qual e de que forma ocorre a participação da REDUC no projeto Cidade da Solda? Qual a responsabilidade da REDUC no projeto Cidade da Solda?
6. Qual a relação que os participantes possuem com a REDUC?
7. Quais as comunidades atendidas por este projeto? Quem definiu estas comunidades? Com base em que critérios?
8. Qual a percepção dos moradores das regiões atendidas a respeito do projeto Cidade da Solda?
9. Além da REDUC e do Siticom, existem outras instituições participando do projeto Cidade da Solda?
10. Depois que os indivíduos da comunidade finalizam a participação no projeto há alguma forma de acompanhamento? Qual e de que forma ocorre?
11. Na sua opinião, a REDUC cumpre com o seu papel no Município de Duque de Caxias? A REDUC contribui para o desenvolvimento social da região?

12. O senhor tem conhecimento de pessoas do Município de Duque de Caxias que trabalham na REDUC?
  
13. O senhor tem conhecimento sobre os dados ambientais causados pela REDUC no Município de Duque de Caxias? De que forma adquiriu este conhecimento?

### 8.3 ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS RESPONSÁVEIS DA SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO

1. Os senhores têm conhecimento dos projetos/práticas sociais da REDUC?
2. Quais são os projetos/práticas sociais desenvolvidos pela REDUC na região de Duque de Caxias? Se sim, quais seriam estes projetos?
3. Qual a participação da Secretaria de Desenvolvimento nestes projetos/práticas sociais? Há alguma forma de controle desta participação?
4. Em sua opinião a contribuição da secretaria de desenvolvimento seria importante nestes projetos/práticas sociais da REDUC? E de que forma isto pode ser/é feito?
5. Existe alguma política pública que obrigue a REDUC a desenvolver projetos/práticas sociais? Qual é esta política? E em termos de legislação?
6. Qual a interação da Secretaria de Desenvolvimento com a REDUC?
7. Existe algum projeto/prática social no município de Duque de Caxias desenvolvido pela secretaria de desenvolvimento em conjunto com a REDUC? Qual seria este projeto?
8. Qual a percepção dos moradores da região sobre a REDUC? Os senhores conhecem alguma pesquisa que verifique esta percepção? Qual pesquisa?
9. Quais fatores contribuem para a imagem da REDUC na região? Na opinião do senhor qual seria esta imagem?
10. Qual a percepção do Município de Duque de Caxias sobre a atuação da REDUC na região?

11. Em sua opinião, qual o papel social da REDUC no Município de Duque de Caxias?

#### 8.4 ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA MORADORES QUE NÃO PARTICIPAM DE PROJETOS DA REDUC

1. Onde você mora? Há quantos anos mora em Duque de Caxias?
2. Qual a situação atual do local onde você mora? Com relação a infraestrutura? E a saúde?
3. O (a) senhor (a) conhece ou já participou ou ouviu falar de algum projeto e ou evento da REDUC? Em caso positivo como o senhor o avalia?
4. Na sua opinião qual é e qual deveria ser o papel da REDUC nessa região? O senhor acha que a REDUC cumpre o papel social no Município de Duque de Caxias?
5. O senhor já teve ou tem conhecimento de algum processo seletivo da REDUC? O senhor tem conhecimento de que forma este processo é divulgado?
6. O (a) senhor (a) tem conhecimento de pessoas que trabalham na REDUC? De que forma esta (s) pessoa (s) conseguiram este cargo?
7. A senhora tem conhecimento sobre os danos ambientais causados pela REDUC no Município de Duque de Caxias? De que forma adquiriu este conhecimento? Qual a sua opinião a respeito destes danos?
8. Qual a imagem da REDUC para o (a) senhor (a)?

## 8.5 ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS MORADORES QUE PARTICIPAM DOS PROJETOS DA REDUC

1. O (a) senhor (a) participa de qual projeto? Em que consiste este projeto?
2. De que forma o (a) senhor (a) teve conhecimento deste projeto?
3. Quais são os requisitos para ser integrante deste projeto?
4. De que forma este projeto auxiliará na sua vida profissional e pessoal?
5. O (a) senhor (a) tem conhecimento de todas as empresas que participam do projeto? Quais são?
6. O (a) senhor (a) tem conhecimento da participação da REDUC neste projeto? Na sua opinião de que forma ocorre esta participação?
7. O (a) senhor (a) já participou de alguma pesquisa que verifique sua percepção quanto ao projeto e as empresas que fazem parte do mesmo?
8. Na sua opinião qual a imagem da REDUC no projeto e no município de Duque de Caxias?
9. Na sua opinião, a REDUC cumpre com o seu papel no Município de Duque de Caxias? A REDUC contribui para o desenvolvimento social da região?
10. A senhora tem conhecimento de pessoas do Município de Duque de Caxias que trabalham na REDUC?
11. A senhora tem conhecimento sobre os dados ambientais causados pela REDUC no Município de Duque de Caxias? De que forma adquiriu este conhecimento?

## 8.6 ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA RESPONSÁVEL DO POSTO DE SAÚDE DE CAMPOS ELISEOS

1. Este posto de saúde atende que região do Município de Duque de Caxias? Que tipo de especialidades médicas existe no posto?
2. Quantas pessoas aproximadamente vocês atendem por dia?
3. Na sua opinião qual a situação do posto com relação a infraestrutura? Com relação a quantidade de médicos? E em relação a atendimento aos enfermos?
4. De que forma o governo do Município de Duque de Caxias contribui para o posto de saúde?
5. Qual (is) é (são) as enfermidades com maior número de doentes?
6. De que forma a REDUC contribui ou já contribuiu para o posto de saúde? Quantas vezes houve esta contribuição?
7. O (a) senhor (a) conhece ou já participou ou ouviu falar de algum projeto e ou evento da REDUC? Em caso positivo como o senhor o avalia?
8. Na sua opinião qual é e qual deveria ser o papel da REDUC nessa região? O senhor acha que a REDUC cumpre o papel social no Município de Duque de Caxias?
9. O senhor já teve ou tem conhecimento de algum processo seletivo da REDUC? O senhor tem conhecimento de que forma este processo é divulgado?
10. A senhora tem conhecimento sobre os danos ambientais causados pela REDUC no Município de Duque de Caxias? De que forma adquiriu este conhecimento? Qual a sua opinião a respeito destes danos?
11. Qual a imagem da REDUC para o (a) senhor (a)?

## 8.7 ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA RESPONSÁVEL DE RESPONSABILIDADE SOCIAL DA REDUC

1. Na sua opinião, o que é ação social para a REDUC?
2. Qual o papel de cada integrante do comitê de responsabilidade da REDUC, ou seja, qual o papel dos responsáveis de comunicação, da assistente social, do pedagogo, dos responsáveis de responsabilidade social e dos líderes comunitários?
3. O que é o projeto Mova Brasil? Ele faz parte dos projetos da REDUC?
4. Pelo que percebi na sua entrevista anterior, a REDUC divide o que são os projetos e os eventos? De que forma esta divisão é feita? O que são os projetos e o que são os eventos?
5. Com que frequência os projetos são renovados? De que forma isto ocorre? Os projetos tem de passar novamente pela seleção pública de projetos?
6. Você poderia detalhar um pouco mais o projeto Programa da Criança, Cidades da Solda e Gol Social?
7. De que forma são controladas as ações dos projetos?
8. Qual a ação/projeto realizado com a UNIGRANRIO? Em que consistia esta ação? Em que ano esta ação foi iniciada e finalizada? E por quais motivos esta parceria acabou?
9. Existe algum projeto ambiental realizada pela REDUC com os moradores da região entorno? Qual, em que consiste e de que forma é divulgado este projeto?
10. Qual o papel social da REDUC em Duque de Caxias? E de que forma a mesma cumpre este papel?

11. Qual a contribuição da REDUC para a infraestrutura e saúde dos moradores de Campos Elíseos e Jardim Primavera?
  
12. Você tem conhecimento da quantidade ou porcentagem de funcionários da REDUC que são da região do entorno, ou seja, de Duque de Caxias?